

inter VOZ es

trabalho saúde cultura

volume 2, nº 2, novembro/abril de 2018



Intervozes – trabalho, saúde, cultura/

FASE/ENSP/ISC

Petrópolis: FASE, 2017.

Semestral

1. Trabalho e Saúde 2. Cultura e Trabalho 3. Saúde do trabalhador 4. Saúde coletiva 5. Ciências sociais e Saúde 6. Representações Sociais e Saúde 7. Administração e Saúde 8. Gestão de pessoas

Atribuição-Sem Derivações-Sem Derivados
CC BY-NC-ND



INTERVOZES é uma publicação interdisciplinar, com periodicidade semestral, destinada à publicação de produção acadêmica e cultural, preferencialmente de trabalhos de estudantes de graduação e pós-graduação. É uma iniciativa interinstitucional, envolvendo docentes e discentes da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, do Instituto de Saúde Coletiva da UFF e da Faculdade Arthur Sá Earp Neto da FMP/FASE, e editada pela Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação da FMP/FASE.

Pretende contribuir para a reflexão e o debate no campo de estudos sobre trabalho, saúde e cultura, especialmente, sobre temas e questões relativos às transformações correntes no mundo do trabalho, às relações e gestão do trabalho nas organizações, às condições e qualidade de vida do trabalhador, aos problemas de saúde do trabalhador, à educação em saúde, à formação profissional, aos sentidos e representações envolvidos na produção e reprodução do trabalho, bem como aos aspectos culturais, políticos e de serviços de saúde.

Editores/Editors

Eduardo Navarro Stotz - FIOCRUZ

Maria Regina Bortolini de Castro – FMP/FASE

Conselho Editorial/Editorial Board

Eduardo Navarro Stotz - FIOCRUZ

João Carlos de Miranda– FMP/FASE

Jose Augusto Pina - FIOCRUZ

Márcia Guimarães de Mello Alves - UFF

Maria Regina Bortolini de Castro– FMP/FASE

Rodrigo Antonio Alves Lopes– FMP/FASE

Conselho Científico/Scientific Council

Adriana de S. Thiago Papinuto - FMP/FASE

Alessandra Bitante - USCS

Aluísio Gomes da Silva Junior - UFF

Ana Inês Simões Cardoso de Melo - UERJ

Ana Maria Auler Matheus Peres - FMP/FASE

André Laino – UFF

André Luis de Oliveira Mendonça - UERJ

Angela Maria Silva Arruda- UFRJ

Armando Cypriano Pires - UFF

Cassia Baldini Soares - USP

Celia Maria Sivalli Campos - USP

Cristina Maira Rabelais Duarte – FIOCRUZ/FMP-FASE

Edilson Hélio Santana – CEFET/MG

Felix Júlio Rosenberg - FIOCRUZ

Gaudêncio Frigotto - UERJ

Gil Sevalho - ENSP/FIOCRUZ

Hélio Arthur Reis Irigaray - FGV

Helena Maria Scherlowski Leal David – UERJ

Humberto Medrado G. Ferreira - FMP/FASE

Joel Ramos Gadelha Filho – UNESA

Joíza Andrade - UFPI

José Abdalla Helayël-Neto - CBPF

José Marçal Jackson Filho - FUNDACENTRO

Katia Reis de Souza - FIOCRUZ

Lucas Bronzatto Silveira – MS

Luciana Silva Fonseca UNESA/UNIFOA/UNIFAL

Luciene Lopes Baptista - FMP/FASE

Luiz Carlos Fadel Vasconcelos – FIOCRUZ

Luiz Fernando Rangel Tura – UFRJ

Márcia de Assunção Ferreira – UFRJ

Marcia Amaral - FMP/FASE

Maria Cecília Minayo – ENSP/FIOCRUZ

Maria Ester de Freitas - FGV/SP

Maria Eunice Maciel – UFRS

Pedro Demo - UNB

Rosa Cristina Monteiro – UFRRJ

Sergio Lucio Garcia Ramos - FIOCRUZ

Sônia Acioli de Oliveira - UERJ

Veronica Silva Fernandez - UFF

Produção Editorial /Editorial Production

Roberta Mattos Stumm – FMP/FASE

Revisão de textos/Text revision

Cintia Machado

Marcelo Del Aguila

Desenvolvimento Web/Web Development

Cássio de Oliveira Ferraz/ Marcelo Prates Geraldi – FMP/FASE

Imagens/Images

Claudio Partes

Foto da capa: Montagem de Roberta Stumm

EDITORIAL	04
ARTIGOS	
Intervenção em Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde: o relato de uma experiência	06
<i>Mental Health Intervention in Primary Health Care: the report of an experience</i>	
<i>Intervención en Salud Mental en la Atención Primaria a la Salud: el relato de una experiencia</i>	
<i>Thaís Ferreira Soares Dalcerro</i>	
Ambulatório Escola: espaço para significados da gravidez não planejada para adolescentes	23
<i>Ambulatory School: space for meanings of unplanned pregnancy for adolescents</i>	
<i>Ambulatorio Escuela: espacio para significados del embarazo no planificado para adolescentes</i>	
<i>Aline Furtado da Rosa</i>	
A indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão em uma instituição isolada de ensino superior: pontos para discussão	34
<i>The indissociability of teaching, research and extension in an isolated institution of higher education: points for discussion</i>	
<i>La "indisociabilidad" enseñanza, investigación y extensión en una institución aislada de enseñanza superior: puntos para discusión</i>	
<i>Cristina Maria Rabelais Duarte</i>	
DEBATE	
Conhecimento, Significado e Contexto	45
<i>Knowledge, Meaning and Context</i>	
<i>Conocimiento, Significado Y Contexto</i>	
<i>José Abdalla Helayél-Neto</i>	
Ampliando a Esfera Pública da Ciência	51
<i>Expanding the public sphere of science</i>	
<i>Ampliando la esfera pública de la ciencia</i>	
<i>André Botelho</i>	
Para que serve a ciência?	55
<i>What is science for?</i>	
<i>¿Para qué sirve la ciencia?</i>	
<i>Maria Cecilia de Souza Minayo</i>	
Ciência com Consciência	59
<i>Science with Consciousness</i>	
<i>Ciencia con conciencia</i>	
<i>José Abdalla Helayél-Neto</i>	

OUTRAS VOZES

A arte existe por que a vida não basta

62

Art exists because life is not enough

El arte existe por que la vida no basta

Claudio Partes

RESENHA

Ética Ambiental

72

Environmental ethics

Ética ambiental

Paulo Klingelhofer de Sá

50 ANOS

Eternamente, João

76

Forever, João

Para siempre, João

Maria Regina Bortolini de Castro

FMP: uma escolha para a vida

78

FMP: a choice for life

FMP: una opción para la vida

Paulo César Guimarães

O Movimento dos Estudantes de Medicina no Brasil

85

The movement of medical students in Brazil and in the Faculty of Medicine of Petrópolis

El movimiento de los estudiantes de medicina en Brasil y en la Facultad de Medicina de Petrópolis

Rafaela Bezerra

VII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina do Brasil: Breves Anotações de Pesquisa Sobre um Evento na Época da Ditadura Militar, Realizado em Petrópolis, em 1975

89

VII SCIENTIFIC MEETING OF STUDENTS OF MEDICINE OF BRAZIL: brief notes of research on an event at the time of the military dictatorship, held in Petrópolis, 1975

VII ENCUESTRO CIENTÍFICO DE LOS ESTUDIANTES DE MEDICINA DEL BRASIL: breves anotaciones de investigación sobre un evento en la época de la dictadura militar, realizado en Petrópolis, en 1975

Eduardo Navarro Stotz

Este número foi desenvolvido num contexto de emoções ambíguas.

Por um lado, estamos sofredos e indignados frente à grave conjuntura brasileira na atualidade. Tempo de retrocessos nas políticas públicas e nos direitos humanos; de acirramento da precarização das condições de trabalho, de ensino e de pesquisa; de esvaziamento de sentido. Em tempos como esses é preciso não esmorecer, não se calar, não sucumbir aos desmandos de poderes opressores. Afinal, silenciar seria o mesmo que consentir.

Dessa forma, nos colocamos ao lado de outras tantas forças que resistem e tomamos a Educação e a Ciência comprometidas com a leitura crítica da realidade como lugares de resistência. Por isso, seção *Debates* desse número propõe a reflexão sobre o valor e o significado do conhecimento científico nesse contexto. Trazemos para a discussão pesquisadores de diferentes campos: o físico Dr. Helayel-Neto, ativista no campo da Educação para Ciência; o sociólogo Dr. André Botelho, estudioso da História da Ciência em especial sobre o Pensamento Social Brasileiro, e a antropóloga Dra. Maria Cecília Minayo, reconhecida por sua contribuição para pensar o conhecimento em saúde. Os três nos brindam com a urgente discussão sobre a cultura da produtividade que se impõe sobre a geração de conhecimento nas universidades, comprometendo a qualidade do saber e fazer científicos. Eles nos levam a pensar sobre a necessidade de (re)assumirmos nosso compromisso de uma *ciência com consciência*.

Por outro lado, este ano a Faculdade de Medicina de Petrópolis, instituição parceira na edição da revista, faz 50 anos de existência, o que nos remete à alegria da comemoração. E para homenagear seu aniversário, publicamos artigos que se debruçam sobre os cenários de atuação da instituição. Dessa forma, o estudo de Aline Furtado da Rosa sobre o significado da gravidez não planejada para adolescentes atendidas durante a consulta de pré-natal no Ambulatório Escola da instituição, onde propõe reflexão sobre o papel da equipe multidisciplinar no acolhimento a essas adolescentes; o relato de Thaís Ferreira Soares Dalcero acerca da experiência de intervenção psicossocial em saúde mental, realizada em unidade de saúde da família gerenciada pela faculdade, e um ensaio de Cristina Rabelais sobre a necessária indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão; também fazem parte deste número dedicado ao aniversário da FMP. Ainda, no âmbito dessa homenagem, dedicamos uma seção especialmente a textos sobre sua história e seus personagens. O depoimento do Dr. Paulo Cesar Guimarães traz um pouco de suas experiências vividas na instituição como estudante, professor e dirigente. A narrativa da acadêmica Rafaela Lima, expressa os anseios dos estudantes. A importância do movimento estudantil é destacada a partir do resgate de documento histórico, feito por Eduardo Stotz, no âmbito dos levantamentos da Comissão Municipal da Verdade, que dá notícias do passado na esperança de alimentar de esperanças no presente. A “FMP”, como é carinhosamente conhecida, é uma instituição privada, mas com forte compromisso público. Com essa seção, queremos homenagear a todos e todas, docentes e discentes, funcionários e parceiros, que participaram da construção dessa instituição que se coloca hoje como referência nas políticas de saúde da cidade e na formação médica no país.

Dedicamos essa edição à memória do professor João Miranda, estrela que hoje não está entre nós, mas que continua a iluminar nossos caminhos.

CONSELHO EDITORIAL

Intervenção em Saúde Mental na Atenção Primária à Saúde: o relato de uma experiência

Mental Health Intervention in Primary Health Care: the report of an experience

Intervención en Salud Mental en la Atención Primaria a la Salud: el relato de una experiencia

Thaís Ferreira Soares Dalcero

FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

thaisfsoares@gmail.com

RESUMO

A atenção integral à saúde é o foco e o objetivo da Atenção Primária à Saúde (APS), exigindo que as práticas de cuidados em saúde sejam multiprofissionais e interdisciplinares. O matriciamento como processo de trabalho e a elevada incidência de transtorno mental comum (TMC) na população brasileira apontam para a necessidade de cuidados em saúde mental mais efetivos na APS. Assim, o objetivo posto foi o de relatar a experiência de uma intervenção psicossocial em saúde mental, realizada em unidade de saúde da família do município de Petrópolis, RJ. Metodologicamente, foi um estudo descritivo, qualitativo e fundamentado na pesquisa-ação. Os resultados apontaram para a necessidade da implantação do cuidado de pacientes com TMC na APS; para a identificação de quanto uma equipe de saúde na atenção primária está despreparada para cuidados de prevenção e promoção em saúde mental; para a sinalização de como os protocolos mundiais de atenção em saúde mental estabelecidos pela OMS são desconhecidos da atenção primária. Espera-se que essas evidências possam contribuir para suscitar o interesse político e institucional no investimento na capacitação e qualificação dos profissionais da APS por meio de educação permanente em saúde mental.

Palavras-chave: saúde mental; matriciamento; intervenção psicossocial na Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT

The integral health care is the focus and the objective of the primary health care (PHC), requiring that the practices in health care be multi professionals and interdisciplinary. The matrix support with work process and the high incidence of common mental disorders (CMD) in Brazilian population points to the need of mental health care more effectiveness in the PHC. Therefore, the objective was to relate the experience of a psychosocial intervention in mental health, performed in one family health unit in the city of Petrópolis, RJ. Methodologically, was a descriptive study, qualitative and grounded in the action-research. The results point to the need of implantation care for patients with common mental disorders in the PHC; for the identification of how much a health team in the primary care was unprepared for care in prevention and promotion mental health; signaling how global protocols in mental health attention established by the WHO was unknown in the primary health care. It is expected that this evidence can contribute to raising the political and institutional interest in investment in training and qualification of professionals in the PHC through permanent education in mental health

Key words: mental health; matrix support; psychosocial intervention in the primary health care.

RESUMEN

La atención integral a la salud es el foco y el objetivo de la Atención Primaria a la Salud (APS), exigiendo que las prácticas de atención sanitaria sean multiprofesionales e interdisciplinares. El apoyo matricial como proceso de trabajo y la elevada incidencia de trastorno mental común (TMC) en la población brasileña apuntan a la necesidad de cuidados en salud mental más efectivos en la APS. Así, el objetivo puesto fue el de relatar la experiencia de una intervención psicossocial en salud mental, realizada en una unidad de salud de la familia del municipio de Petrópolis, RJ. Metodológicamente, fue un estudio descriptivo, cualitativo y fundamentado en la investigación-acción. Los resultados apuntaron a la necesidad de la implantación del cuidado de pacientes con TMC en la APS; para la identificación de cuánto un equipo de salud en la atención primaria está despreparado para cuidados de prevención y promoción en salud mental; para la señalización de cómo los protocolos mundiales de atención en salud mental establecidos por la OMS son desconocidos de la atención primaria. Se espera que estas evidencias puedan contribuir a suscitar el interés político e institucional en la inversión en la capacitación y calificación de los profesionales de la APS a través de educación permanente en salud mental.

Palabras clave: salud mental; apoyo matricial; intervención psicossocial en la Atención Primaria a la Salud.

INTRODUÇÃO

Parte constitutiva e essencial do Sistema Único de Saúde (SUS) adotado no Brasil, a Atenção Primária à Saúde (APS) é o primeiro nível de atenção à saúde e a principal porta de entrada no SUS; é responsável pela atenção integral, abordando a maioria das demandas de saúde da população ao longo do curso de vida (OPAS/OMS, 2017). No Brasil, o Ministério da Saúde (MS) adotou a nomenclatura de Atenção Básica (AB) para definir APS, tendo como sua estratégia principal a Saúde da Família (SF) (BRASIL, 2011)¹. A Política Nacional de Atenção Básica caracteriza a AB como um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde, com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte na situação de saúde e autonomia das pessoas e nos determinantes e condicionantes de saúde das coletividades (BRASIL, 2012).

A atenção integral à saúde é o foco e o objetivo da APS e as práticas de cuidados em saúde são multiprofissionais e interdisciplinares. Nesse sentido, o conceito de saúde como bem-estar biopsicossocial é determinante para as práticas de saúde adotadas, dado ser responsabilidade da APS a atenção integral à saúde. Nesse cenário, a Saúde Mental, em que pese não ser comumente considerada, deve sê-lo necessária e obrigatoriamente, ainda mais quando se tem em conta que a maior parte dos agravos à saúde hoje em dia, sabe-se, está relacionada a algum tipo de transtorno mental comum. Dessa forma, a Saúde Mental como estratégia de saúde é transversal e deve integrar os cuidados em saúde na APS, sobretudo porque nesse nível de atenção há facilidade de acesso das equipes aos usuários e vice-versa. E também há proximidade com famílias e comunidades, o que favorece serem as equipes da atenção primária um recurso estratégico para o enfrentamento de agravos vinculados ao uso abusivo de álcool, drogas e diversas formas de sofrimento psíquico (BRASIL, 2007b, 2013). Não é incomum que os profissionais de saúde se depararem com pacientes em situação de sofrimento psíquico em seu cotidiano, tendo em vista que muitas pessoas buscam ajuda profissional por causa de sofrimento mental, geralmente com queixas de tristeza e/ou ansiedade (BRASIL, 2013).

¹ Aqui adotou-se o termo APS, assim como é encontrado na nomenclatura internacional.

O termo Transtorno Mental Comum (TMC) refere-se a duas categorias diagnósticas principais: os transtornos depressivos e transtornos ansiosos (WHO, 2017). Em geral, os pacientes com TMC chegam às unidades de APS apresentando queixas físicas sem que se identifique qualquer patologia orgânica associada, ainda que apresentem grande sofrimento emocional (CHIAVERINI, 2011). O MS aponta que as manifestações mais comuns do sofrimento mental que chegam até as unidades primárias fazem parte de uma única síndrome clínica com três grupos ou dimensões de sintomas que se combinam: tristeza/desânimo, ansiedade e sintomas físicos (somatização) (BRASIL, 2013).

A incidência na população mundial de pacientes com TMC nos últimos anos vem aumentando — especialmente em países de baixa renda — e conduz a agravos diversos na saúde em geral, inclusive podendo comprometer o funcionamento normal da vida do indivíduo (WHO, 2017). Dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que, globalmente, a depressão é a doença que mais contribui para os agravos à saúde, afetando 322 milhões de pessoas no mundo (WHO, 2017). A prevalência mundial e nacional de transtornos mentais na APS é relevante, chegando a um terço da demanda (TÓFOLI; FORTES, 2007).

Assim, no cenário nacional, o MS aponta que cerca de uma em cada quatro pessoas que procuram a APS tem algum transtorno mental, de acordo com os critérios da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) (BRASIL, 2013). Estudos realizados na década de 1980 demonstraram que entre os pacientes que procuram o Programa Saúde da Família (PSF) 33% a 56% apresentavam TMC (BRASIL, 2009). No município de Petrópolis, localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, 56% da população atendida em unidades do PSF apresentam TMC (FORTES, 2008). Tal sofrimento produz impacto significativo em alguns dos mais prevalentes agravos à saúde, como a doença cardíaca e cerebrovascular e o diabetes (BRASIL, 2013).

A respeito, o MS afirma que existe um componente de sofrimento subjetivo associado a toda e qualquer doença, às vezes atuando como entrave à adesão a práticas preventivas ou de vida mais saudáveis (BRASIL, 2007a). Tendo em vista esta indissociabilidade entre saúde mental e saúde geral, faz-se necessário que os profissionais da APS atuem sobre as demandas de saúde mental (BRASIL, 2007b, 2013), realizando ações que obedeçam ao modelo de redes de cuidado de base territorial e atuação transversal com outras políticas específicas e que busquem o estabelecimento de vínculos e acolhimento da população (BRASIL, 2007b). Chiaverini (2011) aponta que, no que se refere aos cuidados na atenção primária, verifica-se que cerca de 30% dos pacientes com TMC têm remissão espontânea dos sintomas, sendo verificada melhora significativa quando apoiados pelas equipes das unidades primárias de saúde. As intervenções de apoio na APS atuam terapeuticamente na redução do sofrimento emocional, na resolução de transtornos mentais, na melhoria da capacidade de enfrentamento dos problemas da vida e no aumento da autoestima e da resiliência (CHIAVERINI, 2011).

Como forma de apoiar os profissionais do PSF, o matriciamento — um novo modo de produzir saúde em que duas ou mais equipes, num processo de construção compartilhada, criam uma proposta de intervenção pedagógico-terapêutica (CHIAVERINI, 2011) — é uma importante técnica de intervenção e cuidados aos pacientes com TMC. Tal prática oferece retaguarda especializada e suporte técnico pedagógico a equipes e profissionais encarregados da atenção a problemas de saúde (CAMPOS; DOMITTI, 2007).

Com base nessas evidências, o objetivo aqui pretendido é relatar uma experiência de intervenção em saúde mental realizada na APS em um município do estado do Rio de Janeiro, começando por discorrer de forma breve sobre o matriciamento como estratégia de intervenção em saúde mental.

MATRICIAMENTO COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL

O matriciamento é um processo de trabalho que deve ser utilizado quando a equipe de SF encontra limites ou dificuldades na condução dos casos clínicos e na direção ou planejamento de atividades específicas, sendo, portanto, uma prática que auxilia as equipes de SF na avaliação e condução de casos e também quando surgem situações de crise, além de possibilitar a reorganização da rede de serviços (MINOZZO; COSTA, 2013; QUINDERÉ, 2013). Tal prática rompe com a lógica de encaminhamentos indiscriminados e amplia a clínica da SF, facilitando a compreensão e a capacidade de intervenção dos profissionais sobre o paciente, caso ou situação, por meio do olhar integral, tornando possível o vínculo terapêutico e propiciando o tratamento mais próximo do usuário e das equipes que o conhecem há mais tempo (BRASIL, 2004, 2007b; MORAIS; TANAKA, 2012; QUINDERÉ, 2013). A clínica ampliada tem como proposta evitar uma abordagem clínica que privilegie

exclusivamente algum aspecto do conhecimento disciplinar em detrimento de outros, além de ser um instrumento para que os trabalhadores e gestores de saúde possam enxergar e atuar para além dos fragmentos, sem deixar de reconhecer e utilizar o potencial desses saberes (BRASIL, 2007a).

Objetiva-se, com o matriciamento, a responsabilização no acompanhamento e atendimento das pessoas em sofrimento psíquico no próprio território da APS, influenciando, portanto, na acessibilidade da assistência em saúde mental (MINOZZO; COSTA, 2013; QUINDERÉ, 2013). A corresponsabilização no cuidado do paciente é um dos pontos fundamentais na proposta do cuidado matricial, tendo em vista que, mesmo que haja a inserção da equipe matricial no cuidado ao paciente, a responsabilidade principal pela condução do caso continua com a equipe de referência (CAMPOS, 1999), que não encaminha o caso, mas sim, pede apoio para sua resolução (BRASIL, 2004). Desse modo, o matriciamento rompe com a organização vertical hierarquizada do sistema de saúde — que trabalha com a transferência de responsabilidade entre quem encaminha um caso e quem o recebe — e passa a trabalhar na horizontalização, com equipes de referência e equipe de apoio matricial (CHIAVERINI, 2011; MORAIS; TANAKA, 2012). Entende-se por equipe de referência uma composição multiprofissional variável conforme o nível de saúde com o qual opera (CAMPOS, 1999). No caso da atenção primária, compreende também os profissionais do PSF. As equipes de referências e o apoio matricial constituem-se, assim, como equipes indispensáveis para a humanização da atenção e da gestão em saúde (BRASIL, 2004).

É imprescindível que o apoiador matricial — ainda que seja um especialista que possua conhecimento e perfil distinto dos profissionais de referência — atue de modo a agregar recursos teóricos e técnicos à equipe de referência (CAMPOS; DOMITTI, 2007). A equipe de apoio matricial visa à construção de um espaço para comunicação ativa e o compartilhamento de conhecimento entre profissionais de referência e apoiadores (CAMPOS; DOMITTI, 2007) e é capaz de aproximar o serviço especializado da APS (QUINDERÉ, 2013). Para garantir a efetividade do matriciamento, faz-se necessário que se construam diretrizes clínicas e sanitárias compartilhadas entre as equipes, de modo a apontar critérios para acionar o apoio e definir o espectro de responsabilidades, tanto dos diferentes integrantes da equipe de referência, quanto dos apoiadores matriciais (CAMPOS; DOMITTI, 2007). Para além dessas responsabilidades, o matriciamento, como processo de trabalho não se constitui como mero encaminhamento ao especialista, atendimento individual pelo profissional de saúde mental ou intervenção psicossocial coletiva realizada pelo profissional de saúde mental (CHIAVERINI, 2011). Ainda que esteja presente, a assistência individual deve ser temporalmente limitada (TÓFOLI; FORTES, 2007).

Somando-se à dimensão assistencial, o apoio matricial compreende uma dimensão técnica pedagógica, que visa a produzir o apoio em conjunto para a equipe de referência, por meio de

discussões teóricas sugeridas a partir da demanda da própria equipe (CAMPOS; DOMITTI, 2007), considerando as necessidades de cada indivíduo, família ou comunidade em questão e as possibilidades de integração (BRASIL, 2014), possibilitando o aprimoramento teórico de saúde mental na atenção básica (MORAIS; TANAKA, 2012). Essa dimensão caracteriza-se como importante estratégia para a educação permanente das equipes de SF, uma vez que o compartilhamento de saberes e práticas promove o aprender no fazer em conjunto (BRASIL, 2014). Acredita-se ser importante que as ações do apoio matricial invistam no fortalecimento do modo psicossocial, auxiliando os profissionais da SF no rompimento com atitudes voltadas para o modo asilar (MINOZZO; COSTA, 2013). A dimensão técnica pedagógica está voltada para a equipe no intuito de propiciar ação e apoio educativos, de maneira que o matriciamento possa auxiliar as equipes de referência a incorporarem conhecimentos para lidar de forma resolutiva com casos mais simples que encontrarem em seu cotidiano (BRASIL, 2004).

De modo a abranger tanto a dimensão assistencial, quanto a técnica pedagógica, a prática do matriciamento pode ser instrumentalizada através dos seguintes recursos e estratégias: elaboração de um Projeto Terapêutico Singular (PTS); interconsulta; consulta conjunta de saúde mental na atenção primária; visita domiciliar conjunta; genograma; ecomapa e o contato a distância por meio do uso do telefone e outras tecnologias de informação e comunicação (CHIAVERINI, 2011). Além disso, é pertinente a realização de capacitações, supervisões e a manutenção de espaço para discussão de casos (BRASIL, 2007b; GARBAN; OLIVEIRA, 2007), sendo as reuniões de matriciamento primordiais para a pactuação das ações a serem realizadas, assim como para o gerenciamento conjunto das agendas dos profissionais de apoio e das equipes de SF (BRASIL, 2014). Para Campos e Domitti (2007), há duas maneiras básicas para o estabelecimento de contato entre a equipe de referência e a equipe de apoio matricial: encontros periódicos regulares e o acionamento por meios de comunicação mediante a avaliação de riscos.

O PTS refere-se a um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas para um sujeito individual ou coletivo, resultado da discussão conjunta entre equipe de referência e equipe de apoio matricial (BRASIL, 2007a; CHIAVERINI, 2011). O uso desse instrumento permite a definição de diagnósticos, a divisão das responsabilidades dentro do projeto terapêutico; propicia uma atuação integrada da equipe, valorizando outros aspectos, além do psiquiátrico e da medicação, e avalia os resultados (BRASIL, 2007a). É um projeto em que tratar das doenças não é menos importante, mas é apenas uma das ações que visam ao cuidado integral (BRASIL, 2013). Nesse sentido, a formulação do PTS deve conter: abordagens biológica, farmacológica, psicossocial e familiar; apoio do sistema de saúde e da rede comunitária; definição de tarefas dentro do trabalho em equipe; cartografia do contexto social e histórico em que se inserem a pessoa, a família, o grupo ou o coletivo ao qual está

dirigido o PTS; identificação das intervenções já realizadas e seus resultados; avaliação das vulnerabilidades compostas pelos fatores de risco e fatores de proteção (CHIAVERINI, 2011; BRASIL, 2013). O PTS depende de uma aproximação entre paciente, família e profissionais de referência e implica na instituição de práticas individuais, de grupo ou coletivas (CAMPOS, 1999). Por se tratar de um instrumento dinâmico, é imprescindível que as equipes envolvidas realizem a retomada periódica do PTS, a fim de atualizar o caminhar dos casos, repactuar e reformular novos PTS's (BRASIL, 2013; CHIAVERINI, 2011).

A interconsulta pode ser compreendida como uma prática interdisciplinar para a construção do modelo integral do cuidado, sendo o principal instrumento do apoio matricial (CHIAVERINI, 2011). Trata-se de uma consulta de baixa densidade tecnológica, orientada para as necessidades de saúde, com aproximação ao território/comunidade e que permite que se tenha uma visão ampliada dos casos assistidos, além de possibilitar maior assistência também à equipe de referência (FARIAS; FAJARDO, 2015). A discussão de caso é um dos modelos de interconsulta e se faz necessário salientar que as discussões devem ser realizadas em espaços pré-determinados e as estratégias de intervenções criadas em conjunto, em que responsabilidades são divididas no acompanhamento e na assistência dos casos (GARBAN; OLIVEIRA, 2007).

A finalidade da consulta e visita domiciliar conjunta é a instrumentalização para que os outros profissionais sejam capazes de lidar com aspectos da subjetividade dos indivíduos, podendo desenvolver novas competências no profissional da equipe de referência (CHIAVERINI, 2011). Além da troca de saberes, objetiva-se a corresponsabilização sobre o caso, modificando a lógica do encaminhamento tradicional; fortalecendo o vínculo de confiança do usuário com a equipe de SF; facilitando a comunicação e a coleta de dados; permitindo a pactuação de ações por meio de um mediador externo; possibilitando ao profissional da equipe de apoio matricial o contato com a realidade do paciente (BRASIL, 2014). Para Chiaverini (2011), alguns pontos devem ser respeitados dentro das práticas de consulta e visita domiciliar conjunta, a saber: o contato prévio entre as equipes; discussão antes do atendimento; explicação do modelo ao usuário; solicitação de permissão ao usuário; discussão de uma conduta compartilhada e a organização da revisão do caso.

Ao considerar as situações comuns da saúde mental na atenção primária, Brasil (2013) e Chiaverini (2011) apontam o TMC, os transtornos mentais graves, o alcoolismo e outras drogadições, o suicídio, os problemas do sono, as demências, os problemas da infância e da adolescência e os problemas comuns na família como os mais prevalentes. Verifica-se que algumas situações também são descritas pela OMS, tendo como destaque a ocorrência do TMC no mundo todo, e a alta prevalência de casos de depressão e ansiedade no Brasil, respectivamente 5,8% e 9,3% (WHO, 2017).

Assim sendo, a utilização do arcabouço teórico do matriciamento, bem como os dados referidos sobre a significativa ocorrência de TMC na população brasileira e a necessidade de cuidados em saúde mental efetivos na APS conduziram a intervenção em SM na APS que segue descrita.

A EXPERIÊNCIA REALIZADA

O presente relato de experiência trata de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, utilizando o procedimento técnico pesquisa-ação. Qualitativa porque pretendeu descrever o objeto de estudo, que é o comportamento de determinado grupo social, em profundidade. Descritiva porque caracterizou o objeto estudado. E pesquisa-ação na medida em que o pesquisador integrava o contexto pesquisado (MASCARENHAS, 2012).

Tomando o referencial supracitado, desenvolveu-se uma intervenção no processo de trabalho de uma unidade de PSF, que foi pensada partindo-se do pressuposto de que a maioria dos transtornos mentais, neurológicos e uso de álcool e outras drogas pode ser manejada por prestadores de cuidado de saúde não especializado, tendo pesquisas demonstrado a viabilidade da prestação de intervenções farmacológicas e psicossociais nos serviços de saúde não especializados (OMS, 2015), como os serviços de SF.

Por intermédio da inserção profissional do psicólogo na rede de atenção básica do município de Petrópolis, RJ, pelo Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FASE), realizou-se um trabalho de campo com uma equipe de PSF, cujo objetivo foi discutir sobre a saúde mental na APS e apresentar o protocolo estabelecido pela OMS para transtornos mentais, neurológicos e decorrentes do uso de álcool e outras drogas nos serviços de atenção à saúde não especializados — o MI-mhGAP, Manual de Intervenções para transtornos mentais, neurológicos e decorrentes do uso de álcool e outras drogas nos serviços de atenção à saúde não especializado — para o manejo da depressão, por meio da atividade de matriciamento.

A unidade de PSF onde ocorreu a intervenção é pertencente à instituição de ensino FMP/FASE e que integra a rede pública de saúde do município, realizando atendimentos pelo SUS; possui em seu quadro de profissionais, além da equipe mínima do PSF, uma nutricionista. A unidade está localizada na área urbana, funciona há 17 anos e atende a uma população estimada de 2.800 pacientes.

Com o objetivo de identificar as práticas levadas à termo pela equipe técnica, a saber, médico e enfermeira da unidade de PSF, foi realizada uma pesquisa no sistema de informações E-SUS diretamente no Departamento de Atenção Básica (DAB). Em um momento posterior, foram desenvolvidas três oficinas com a equipe da unidade, em dias previamente agendados com a equipe e o apoiador institucional do DAB, de modo a não interferir no trabalho da unidade e no

atendimento à população. A intervenção realizada foi fundamentada no Caderno de Atenção Básica número 34, que trata da Saúde Mental (BRASIL, 2013) e no MI-mhGAP (OMS, 2015).

O instrumento MI-mhGAP apresenta o manejo integrado das condições clínicas prioritárias por meio de protocolos para a tomada de decisões clínicas. Trata-se de um instrumento desenvolvido segundo intenso processo de revisão sistemática da literatura e baseado nas diretrizes sobre intervenções para transtornos mentais, neurológicos e os decorrentes do uso de álcool e outras drogas do Programa de Ação para Reduzir as Lacunas em Saúde Mental (OMS, 2015). O MI-mhGAP destina-se a profissionais de saúde da atenção primária e secundária e estrutura-se de modo breve, facilitando seu uso por parte de não especialistas com tempo restrito para o atendimento (OMS, 2015). Faz-se necessário destacar que o instrumento descreve detalhadamente o que fazer, porém não se detém no 'como fazer' e a OMS ressalta a importância de que os profissionais sejam capacitados e supervisionados para utilizá-lo (OMS, 2015).

A escolha do uso do protocolo para o manejo da depressão do MI-mhGAP deu-se em função do elevado número de pacientes no Brasil que sofrem com esse transtorno, 5,8%, segundo dados da OMS (WHO, 2017), sendo, a depressão tema da campanha da OMS para o Dia Mundial da Saúde de 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa no banco de dados do sistema E-SUS no município de Petrópolis, foi possível compreender o perfil de trabalho da unidade de PSF em que foi realizada a intervenção. Para a análise dos dados, restringiu-se as informações da produção da unidade ao período de outubro de 2016 a março de 2017 e foram analisados os seguintes relatórios disponíveis no sistema: atendimento, acompanhamento, monitoramento e conduta.

Com base nessa análise, destaca-se que, dos 1.196 atendimentos realizados pela equipe técnica — dos quais 1173 ocorrem na unidade de saúde e 23 em domicílio —, foram relatadas 152 condições avaliadas referentes ao escopo de que trata o MI-mhGAP, e, de acordo com o relatório, foram realizados especificamente 95 atendimentos em saúde mental, 47 em tabagismo, 7 em pacientes usuários de álcool e 3 em pacientes usuários de outras drogas. Faz-se necessário destacar que esses dados são limitados, uma vez que não se pode afirmar que as condições avaliadas referem-se a um número exato de pacientes, uma vez que possa ter havido comorbidade das condições, além do mesmo paciente ter recebido mais de um atendimento por profissional e/ou ter recebido atendimento de ambos profissionais. Assim, por meio desse relatório disponível no sistema E-SUS do município, não é possível determinar o percentual de pacientes com TMC ou mesmo outros transtornos mentais em acompanhamento nesta unidade de PSF.

No entanto, há que se considerar que existe um componente de sofrimento subjetivo associado a toda e qualquer doença, às vezes atuando como entrave à adesão a práticas preventivas ou de vida mais saudáveis (BRASIL, 2007b). Acredita-se que se os profissionais tivessem o domínio do manejo sobre as questões referentes à saúde mental, suas comorbidades e populações mais suscetíveis aos sofrimentos mentais e, especificamente, domínio dos conhecimentos expressos no manual MI-mhGAP, os números relativos aos atendimentos em saúde mental poderiam refletir com mais fidedignidade o que é relatado pela equipe no que se refere ao cotidiano da prática no PSF. Isso porque, a equipe de saúde acredita que os mesmos estejam subnotificados. Não obstante, identifica-se que historicamente a formação acadêmica é deficitária no tratamento de pessoas com comorbidades que afetam a saúde mental e os profissionais não raro acabam por estigmatizar o sofrimento psíquico, julgando-se incapazes de lidar com o problema (CHIAVERINI, 2011).

No relatório de acompanhamento, há um item especificado como agravos e/ou sintomas mais frequentes baseados na CID-10, porém, nenhum dos diagnósticos apresentados nesse campo se refere a diagnósticos em saúde mental. Ou seja, de todas as patologias e motivos de procura ao serviço, os profissionais da área técnica não identificaram para o sistema nenhum diagnóstico em saúde mental. Há que se questionar, neste ponto, se os profissionais se sentem aptos a realizar o diagnóstico em saúde mental ou se apenas não o consideram como importante na descrição e condução das práticas realizadas, tendo em vista que, o reconhecimento da demanda em transtorno mental por parte do serviço e dos profissionais já revela um ganho em potencial para a saúde mental na AB (MORAIS; TANAKA, 2012). Embora a saúde mental faça parte da saúde mais ampla, é comum na rede básica os profissionais generalistas atenderem a um leque diversificado de situações, sem incluírem a saúde mental ou as manifestações da subjetividade como parte deste leque (SILVEIRA, 2012). Alguns profissionais da unidade pesquisada destacaram que o motivo da procura por atendimento na unidade via de regra não está explícito em questões de sofrimento mental e, talvez, seja esse o motivo pelo qual não o identificam como tal. Porém, ao justificarem dessa maneira, acabam por afirmar que o sujeito que adoecce da mente não possui corpo e, portanto, não tem necessidades clínicas advindas dos adoecimentos físicos (QUINDERÉ, 2013) e incorrem no erro da divisão cartesiana mente *versus* corpo, ao desconsiderarem a integralidade da pessoa, dado que todo problema de saúde é também – e sempre – mental, e que toda saúde mental é também – e sempre – produção de saúde (BRASIL, 2007b).

O relatório de monitoramento possibilitou constatar que a equipe não descreveu nenhuma atividade coletiva em saúde mental, apesar de serem diversas as práticas que podem ser utilizadas na APS, a saber, os grupos (BRASIL, 2013; CHIAVERINI, 2011), terapia de solução de problemas, terapia

interpessoal breve, terapia comunitária, intervenção breve para dependências químicas, práticas corporais e integrativas, entre outros (CHIAVERINI, 2011).

O relatório de conduta apresentou os dados referentes à conclusão dos atendimentos realizados, ou seja, se houve alta do serviço, retorno para novos atendimentos ou encaminhamento a outros serviços. Nesta unidade, foi registrado apenas um encaminhamento para o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) ao longo de seis meses, ao passo que foram realizados 112 encaminhamentos para o serviço especializado, ressaltando que não é possível especificar de qual serviço se trata, pois esta informação no sistema não está restrita a serviços de saúde mental. Segundo os profissionais da unidade, há o encaminhamento para o serviço de psiquiatria de uma unidade de ambulatório escola, porém, não há o registro desse encaminhamento. Talvez esta prática seja corroborada pelo fato de que os profissionais da APS acreditam que as demandas relacionadas à saúde mental sejam da alçada do serviço especializado, sem que muitas vezes considerem a possibilidade de alguma assistência ser procedida na própria APS (SILVEIRA, 2012). Há que se salientar que o acompanhamento de pacientes com TMC no PSF confunde-se com a própria rotina do atendimento, dada a grande frequência desses casos no nível de assistência. É, no entanto, imprescindível a realização de atendimentos frequentes, utilizando-se uma abordagem centrada no paciente, o incentivo a atividades que promovam autocuidado, o resgate da autoestima, a construção de espaços e rotinas prazerosas e de realização pessoal, além da criação de espaços de apoio psicossocial na APS (CHIAVERINI, 2011).

Cabe aqui apontar que os dados acima apresentados referem-se ao que foi possível obter por meio de consulta ao sistema de informações E-SUS do município, em que os dados registrados não são inseridos no sistema pelos mesmos profissionais que realizam as práticas e sim por outros profissionais. A equipe da unidade pesquisada aponta que foram identificadas diversas falhas no processo de comunicação e armazenamento dos dados e sugere que, devido a isso, os mesmos não sejam fidedignos à realidade de trabalho da unidade.

Entre as práticas de atividades coletivas que foram realizadas no período de outubro de 2016 a março de 2017 e que não foram registradas oficialmente pelo E-SUS — apesar de terem sido registradas na unidade — destacam-se: a realização de grupos de gestantes, grupos de convivência para idosos, grupo para tratamento de pacientes tabagistas, grupo de controle do peso e prevenção de patologias associadas, grupos para discussão de diversos temas de saúde no território adstrito do PSF e atividades de sala de espera, em que são discutidos diversos temas em saúde. Tais ações se referem às práticas tradicionais de grupo na APS, dentro de uma proposta de promoção e prevenção, porém, não se deve esquecer que além de educativos, os grupos exigem um atributo de suporte e reflexão (CHIAVERINI, 2011).

Com o objetivo de introduzir a temática do protocolo MI-mhGAP na intervenção executada, realizou-se breve discussão sobre a ocorrência de TMC na APS, partindo das definições sobre TMC, estudos sobre o perfil populacional e dados de atendimento e perfil da unidade de PSF colhidos no sistema E-SUS. Nesta discussão foi possível perceber que os profissionais da unidade pesquisada não se sentiam, em sua maioria, capazes para lidar com o sofrimento mental, justificando que não possuem treinamento na área, relacionando, por muitas vezes, os conteúdos apresentados com experiências pessoais e familiares com as quais possuem dificuldade em lidar. O MS aponta que nem sempre a atenção básica apresenta condições para dar conta das questões de sofrimento mental, seja pela falta de recursos de pessoal e/ou falta de capacitação, acabando por prejudicar o desenvolvimento de uma ação integral pelas equipes (BRASIL, 2007b), tendo em vista que nem sempre os profissionais se sentem preparados, instrumentalizados ou recebem capacitação em saúde mental na APS (MORAIS; TANAKA, 2012; QUINDERÉ, 2013; SILVA, 2017).

Os profissionais também justificaram a dificuldade em lidar com pacientes com TMC pela falta de rede de apoio psicossocial do próprio município, que vem se mostrando ineficiente e com pouca absorção de novos pacientes ao longo dos anos. Apesar de contar com uma extensa rede de apoio psicossocial — CAPS adulto, infanto-juvenil e álcool e drogas; e um ambulatório de saúde mental — o município possui dificuldades de comunicação entre os setores (atenção básica e atenção especializada) e, especialmente na forma de entrada dos pacientes no sistema de regulação de vagas. As ações de saúde mental desenvolvidas na atenção básica não apresentam uniformidade em sua execução, que, em geral, ficam na dependência do profissional ou da decisão política do gestor (CORREIA, 2011). Apesar das intervenções mais intensas serem de responsabilidade da atenção especializada, o apoio à adesão ao tratamento, os cuidados clínicos a esses usuários e a inserção na comunidade podem e devem ser realizados pela equipe de PSF (CHIAVERINI, 2011). O MS preconiza que as ações de saúde mental na atenção básica obedeçam ao modelo de redes de cuidado, de base territorial e atuação transversal com outras políticas específicas e que busquem o estabelecimento de vínculos e acolhimento (BRASIL, 2007b). O processo saúde-doença-intervenção não é exclusivo de nenhuma especialidade, pertencendo a todo o campo da saúde (CHIAVERINI, 2011).

O segundo momento da intervenção apresentou os conceitos de matriciamento e o protocolo em questão (MI-mhGAP). Ao iniciar a abordagem, foi necessário enfatizar que o objetivo da intervenção não era implantação do protocolo MI-mhGAP, mas sim a apresentação do mesmo para subsidiar a atuação cotidiana, considerando que, a princípio, a equipe se demonstrou receosa em ter mais um papel a cumprir ou mesmo mais formulários para serem preenchidos. Foi necessário desconstruir a ideia dos profissionais do PSF sobre a saúde mental, tendo em vista que a própria rotina de trabalho na APS traz uma demanda constante e muitas vezes exagerada por parte dos pacientes com

sofrimento psíquico, que frequentemente demandam acolhimento e consulta não agendada (CHIAVERINI, 2011).

No decorrer da demonstração do protocolo, utilizando-se de exemplos que os próprios profissionais traziam, a equipe foi capaz de reconhecer que algumas das estratégias de tratamento e aconselhamento psicossocial não farmacológicas propostas pelo MI-mhGAP já eram executadas nas abordagens aos pacientes com sofrimento mental. Muitos profissionais não sabem que já o primeiro contato com o paciente pode ser terapêutico e ignoram o poder terapêutico do vínculo; o acolhimento já é uma intervenção em saúde mental (CHIAVERINI, 2011). Neste momento, foi propício apresentar aos profissionais a diferença de ações terapêuticas e psicoterápicas e exemplificar quais as ações de profissionais de APS que são terapêuticas para demandas emocionais da clientela, ressaltando que a APS não é local para psicoterapia.

Ao término da intervenção, a equipe verbalizou a importância de adquirir novos conhecimentos na área, o que corrobora necessidades seguidamente apontadas de que os profissionais devem continuada e permanentemente se apropriar de novas práticas (CORREIA, 2011; SILVA, 2017). Desde 2001, o Conselho Nacional de Saúde discute sobre a necessidade de realizar capacitações em saúde mental para a rede básica de saúde, contemplando tanto aspectos técnicos — relativos à promoção da saúde, assistência e reabilitação social — e relativos à humanização das práticas, quanto aqueles relacionados à mudança de concepção da comunidade acerca do sofrimento psíquico (BRASIL, 2002). Nesse sentido, é muito importante que os profissionais da APS estejam convencidos e de fato sejam capazes de oferecer cuidados em saúde mental (CHIAVERINI, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da intervenção relatada demonstrou a importância de abordar o cuidado de pacientes com TMC na APS, especialmente no que tange às práticas realizadas pelos profissionais das equipes de PSF, favorecendo uma visão mais integral do paciente, que deve encontrar na APS importantes estratégias favorecedoras para seu cuidado, como o território e o vínculo.

Tendo como objetivo discutir sobre a saúde mental na APS e apresentar o protocolo de depressão sugerido no MI-mhGAP, por meio da dimensão técnica pedagógica da proposta do matriciamento, sem interferir no trabalho da unidade e no atendimento à população, os encontros planejados foram executados ao longo de quatro meses, por incompatibilidade de agenda entre os profissionais, intercorrências de saúde e período de férias dos mesmos. Apesar de terem sido desenvolvidos os três encontros propostos, houve descontinuidade na frequência da intervenção, o que pode ter acarretado prejuízo no processo de incorporação do conhecimento, além das mudanças político-institucionais que suscitaram em novo cenário político, no que se refere ao contexto de saúde

mental do município. Embora a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do município de Petrópolis tenha oferecido treinamento em atividades de supervisão em saúde mental e matriciamento a profissionais da AB no ano 2001, a instituição do cargo de apoiador matricial ocorre apenas em 2014 e dura até 2017. No início da pesquisa realizada, o município contava com uma equipe de profissionais matriciadores em Psicologia, que atendiam a uma parte das equipes de PSF, porém, na atual gestão o serviço foi extinto na SMS. Apenas as unidades geridas pela instituição de ensino superior — FMP/FASE — contam com o suporte de profissionais de Psicologia residentes da Residência Multiprofissional em Atenção Básica que realizam apoio à equipe quanto às questões de saúde mental; acompanhamento das atividades coletivas; interconsulta; discussão de casos e capacitação dos Agentes Comunitários de Saúde quanto aos aspectos de saúde mental da população, apoio esse alicerçado no referencial teórico do matriciamento e nas práticas preconizadas pelo MS.

Faz-se necessário salientar as limitações dos dados obtidos pelo sistema E-SUS, que não refletem de modo real a prática cotidiana das equipes de PSF, sem desconsiderar que os profissionais também, imersos nos protocolos e formulários da prática, muitas vezes ignoram a dimensão integral do paciente, registrando apenas as queixas físicas.

Ressalta-se que a intervenção apresentou o conceito de matriciamento e seu contexto, porém, o foco da prática realizada se deu na dimensão técnico-pedagógica do matriciamento, tendo em vista que a dimensão assistencial exigiria um vínculo maior com a instituição que não o de pesquisadora. Sugere-se que a permanência de um psicólogo na equipe, pela da implantação do matriciamento por parte da instituição de ensino nas unidades de PSF, contribua de maneira a dar o suporte assistencial e técnico-pedagógico demandado pela equipe.

Conclui-se que a intervenção realizada apresentou-se como importante estratégia para melhorar a qualidade da assistência aos pacientes portadores de TMC em seu território por meio do cuidado na APS. Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam suscitar o interesse político e institucional para investimento na capacitação e qualificação dos profissionais da APS através de educação permanente. Apontada a importância do tema explorado e resultados encontrados, considera-se apropriada a continuidade dos estudos das práticas de APS no que tange ao sofrimento mental e pacientes com TMC.

REFERENCIAS

BRASIL. Sistema Único de Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Organizadora da III CNSM. Relatório Final da III Conferência Nacional de Saúde Mental. Brasília, 11 a 15 de dezembro de 2001. Brasília: Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, 2002.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde mental e atenção básica: o vínculo e o diálogo necessários. Brasília, n. 01/03, p. 1-7, 2007b.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diretrizes do NASF. Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.

_____. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Atenção Primária e Promoção da Saúde / Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília: CONASS, 2011.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Núcleo de Apoio à Saúde da Família / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CAMPOS, G. W. S. **Equipes de referência e apoio especializado matricial: um ensaio sobre a reorganização do trabalho em saúde.** Ciência & Saúde Coletiva, n. 4. v. 2, p. 393-403, 1999.

CAMPOS, G. W. S.; DOMITTI, A. C. **Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde.** Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro. n. 23. v. 2, p. 399-407. 2007.

CHIAVERINI et al. **Guia prático de matriciamento em saúde mental** / Dulce Helena Chiaverini (Organizadora) ... [et al.]. [Brasília, DF]: Ministério da Saúde: Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.

CORREIA, V. R.; BARROS, S.; COLVERO, L. A. **Saúde mental na atenção básica: prática da equipe de saúde da família**. Rev. Esc. Enferm. USP. n. 45. V. 6, p. 1501-1506. 2011.

FARIAS, G. B.; FAJARDO, A. P. **A interconsulta em serviços de atenção primária à saúde**. Revista Eletrônica Gestão & Saúde. v. 6, p. 2075-2093. 2015.

FORTES, S.; VILLANO, L. A. B.; LOPES, C. S. **Perfil nosológico e prevalência de transtornos mentais comuns em pacientes atendidos em unidades do Programa de Saúde da Família (PSF) em Petrópolis, Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Psiquiatria. n. 30. v. 1, p. 32-37. 2008.

GARBAN, E. G.; OLIVEIRA, A. A. **O modelo de assistência da equipe matricial de saúde mental no programa saúde da família do município de São José do Rio Preto** (Capacitação e educação permanente aos profissionais de saúde na atenção básica). Arq Ciênc Saúde, v. 14, n.1, p. 52-63. 2007.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MORAIS, A. P. P.; TANAKA, O. Y. **Apoio matricial em saúde mental: alcances e limites na atenção básica**. Saúde Soc, São Paulo, v. 21, n 1, p. 161-170. 2012.

MINOZZO, F.; COSTA, I. I. **Apoio matricial em saúde mental: fortalecendo a saúde da família na clínica da crise**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 16, n 3, p. 438-450. 2013.

OMS. **Manual mhGAP de Intervenções para Transtornos Mentais, Neurológicos e Decorrentes do Uso de Álcool e outras Drogas nos serviços de atenção à saúde não especializados**. 2015.

OPAS/OMS. **Atenção Primária em Saúde**. Disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=341:atencao-primaria-em-saude&Itemid=445>. Acesso em: 19/07/17.

QUINDERÉ, P. H. D.; JORGE, M. S. B.; NOGUEIRA, M. S. L.; COSTA, L. F. A.; VASCONCELOS, M. G. F. **Acessibilidade e resolubilidade da assistência em saúde mental: a experiência do apoio matricial**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n. 7, p. 2157-2166. 2013.

SILVA, G.; IGLESIAS, A.; DALBELLO-ARAUJO, M.; BADARÓ-MOREIRA, M. I. **Práticas de cuidado integral às pessoas em sofrimento mental na atenção básica.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37, n. 2, p. 404-417. 2017.

TÓFOLI, L. F.; FORTES, S. **Apoio matricial de saúde mental na atenção primária no município de Sobral, CE: o relato de uma experiência.** SANARE, v. 6, n. 2, p. 34-42. 2007.

SILVEIRA, E. R. **Práticas que integram a saúde mental à saúde pública: o apoio matricial e a interconsulta.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 9, p. 2377-2386. 2012.

WHO. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. Geneva: World Health Organization; 2017. Disponível em: <<http://apps.who.int/iris>>. Acesso em: 24/02/17.

Ambulatório Escola: espaço para significados da gravidez não planejada para adolescentes

Ambulatory School: space for meanings of unplanned pregnancy for adolescents

Ambulatorio Escuela: espacio para significados del embarazo no planificado para adolescentes

Aline Furtado da Rosa

FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

alinenfermagem@yahoo.com.br

RESUMO

A gravidez na adolescência tem se colocado como problema de saúde pública. O objetivo desse estudo foi compreender o significado da gravidez não planejada para dezoito adolescentes atendidas durante a Consulta de Enfermagem em um Ambulatório Escola na Região Serrana – RJ. Estudo qualitativo de natureza descritiva e exploratório com abordagem na fenomenologia sociológica de Alfred Schutz, para apreender o significado da gravidez não planejada na adolescência. Para o teórico, a Fenomenologia Sociológica fundamenta-se no vivenciar a experiência, que é única e só o sujeito da ação pode dizer o que pretende na realização da mesma. A ação é intencional, logo, tem significado. A análise do discurso das adolescentes permitiu a formação de duas categorias: “Engravidar foi um susto” e “Engravidar é receber atenção”. Nesse sentido, espera-se que os resultados desse estudo auxiliem na formulação e reformulação de políticas de atenção à saúde do adolescente, possibilitando promoção à saúde e prevenção de agravos.

Palavras-chave: *adolescência; gravidez não planejada; educação em saúde.*

ABSTRACT

Adolescent pregnancy has become a public health problem. The purpose of this study was to understand the meaning of unplanned pregnancy for eighteen adolescents attended during the Nursing Consultation in a School Ambulatory in the Serrana Region - RJ. A qualitative study of descriptive and exploratory nature with an approach in the sociological phenomenology of Alfred Schutz, to apprehend the meaning of unplanned pregnancy in adolescence. For the theorist, the Sociological Phenomenology is based on experiencing the experience, which is unique and only the subject of action can say what he intends in the realization of it. The action is intentional, so it has meaning. The discourse analysis of the adolescents allowed the formation of two categories: "Getting pregnant was a scare" and "Getting pregnant is to receive attention". In this sense, the results of this study are expected to aid in the formulation and reformulation of adolescent health care policies, making possible the promotion of health and the prevention of diseases.

Keywords: *adolescence; unplanned pregnancy; Health education.*

RESUMEN

El embarazo en la adolescencia se ha planteado como problema de salud pública. El objetivo de este estudio fue comprender el significado del embarazo no planificado para dieciocho adolescentes atendidos durante la Consulta de Enfermería en un Ambulatorio Escuela en la Región Serrana - RJ. Estudio cualitativo de naturaleza descriptiva y exploratoria con enfoque en la fenomenología sociológica de Alfred Schutz, para apreender el significado del embarazo no planificado en la adolescencia. Para el teórico, la Fenomenología Sociológica se fundamenta en el vivenciar la experiencia, que es única y sólo el sujeto de la acción puede decir lo que pretende en la realización de la misma. La acción es intencional, luego, tiene significado. El análisis del discurso de las adolescentes permitió la formación de dos categorías: "Engravidar fue un susto" y "Engravidar es recibir atención". En este sentido, se espera que los resultados de este estudio ayuden en la formulación y reformulación de políticas de atención a la salud del adolescente, posibilitando promoción a la salud y prevención de agravios.

Palabras clave: *adolescencia; embarazo no planificado; educación en salud.*

INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência não é um evento recente, há muito era marcada como um acontecimento comum. As mulheres se casavam cedo, logo constituíam família com pouca idade. A partir da década de 1970, tal fato começou a ser visto como um problema de saúde pública, caracterizado pelo aumento regular da fecundidade em adolescentes menores de 19 anos (FERREIRA *et al.*, 2012).

Nota-se que a gravidez na adolescência pode ser planejada ou não; muitas optam pela gravidez como forma de deixar o lar dos pais, fazendo com que a vida siga rumo diferente de compromissos e responsabilidades. (TAQUETTE e VILHENA, 2008).

A adolescência faz parte do ciclo da vida, compreendida entre a infância e a fase adulta. Caracteriza-se por aspectos importantes, por um conjunto de crescimento e desenvolvimento biológicos e psíquicos em que acontecem mudanças de aspectos físicos, hormonais e emocionais (VIEIRA *et al.*, 2006).

Nesse sentido, acredita-se que a adolescência é uma fase de muitas mudanças, escolhas e decisões. Quando a gravidez ocorre nessa fase do ciclo da vida, pode acarretar consequências para toda família, principalmente para as adolescentes que precisam conciliar estudo e trabalho para assumir responsabilidades de ter um filho.

Durante a adolescência, os jovens buscam esclarecer seu papel social. Período complexo, os adolescentes estão muitas das vezes confusos, por estarem presentes sentimentos, como: contestações, dúvidas, curiosidades e percepções relativas à identidade sexual, comprometimento social (profissão), relação afetiva, reprodução humana, bem como os tabus, mitos e questões de gênero associadas à sexualidade (MARTINS *et al.*, 2012). A adolescência é, portanto, uma época marcada por insegurança, em virtude de ser um momento da vida em que há muitos conflitos sociais, psicológicos e físicos, dentre outros. Muitas vezes um fato significativo na adolescência é o início da vida sexual (BRASIL, 2006).

Muitas vezes, a descoberta do prazer acontece nessa época, havendo carência de ações de educação em saúde para orientar os adolescentes sobre os riscos para uma gravidez não planejada e as IST'S (BRASIL, 2006).

Os métodos contraceptivos são formas aplicadas para evitar a gravidez e a escolha deve ser sempre orientada pelo médico ou pelo enfermeiro, de acordo com as diretrizes do Ministério da Saúde. De forma geral, os métodos contraceptivos disponíveis podem ser usados pelos adolescentes, porém, alguns métodos são mais adequados que outros nessa fase da vida (BRASIL, 2010).

Os métodos contraceptivos atuais, segundo Ministério da Saúde, são: camisinha feminina, camisinha masculina, dispositivo intrauterino (DIU), diafragma, tabelinha, anticoncepcional injetável, pílula do dia seguinte, pílula (anticoncepcional oral), adesivo anticoncepcional transdérmico, laqueadura e vasectomia (BRASIL, 2010). Os métodos da tabela, do muco cervical e da temperatura basal são pouco aconselhados, porque exigem da adolescente planejamento e disciplina e as relações sexuais nessa fase muitas vezes não são planejadas. A injeção trimestral e a minipílula não podem ser utilizadas em menores de 16 anos (BRASIL, 2002). Desde a primeira menstruação, as adolescentes podem usar as pílulas combinadas e a injeção mensal (BRASIL, 2010). Entretanto, dentre os meios disponíveis, a camisinha masculina e/ou feminina deve ser usada em todas as relações sexuais, independentemente do uso de outro método contraceptivo, pois a camisinha é a única forma que oferece dupla proteção, ou seja, protege ao mesmo tempo das infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez não planejada.

Nesse contexto, os adolescentes muitas vezes iniciam a prática sexual sem orientação dos métodos contraceptivos e de prevenção contra as Infecções Sexualmente Transmissíveis. A consequência disso é que muitas não planejam a gravidez. (MOREIRA *et al.*, 2008).

Desta forma, é comum que as adolescentes tentem esconder a gravidez da família, por isso são encaminhadas tardiamente ao pré-natal, um processo importante tanto para a saúde da adolescente, quanto para o bebê (YAZLLLE, 2006).

Acredita-se que a estratégia básica de prevenção da transmissão das IST/AIDS e da gravidez não planejada é a informação de forma direcionada a preparar o indivíduo à compreensão de fatores de risco, levá-los a mudanças no comportamento sexual e adesão ao preservativo utilizado de forma correta. (BRASIL, 2006). No entanto, mais que isso, desde cedo é importante estabelecer um canal de comunicação que vise a possibilitar ambiente propício para que o jovem seja incentivado a expressar os sentimentos e a esclarecer dúvidas.

Muitas vezes os adolescentes não encontram orientação sobre sexualidade em casa ou mesmo na escola. Ou seja, frequentemente a família transfere a responsabilidade para a escola, e a escola, por sua vez, para a família, porque ambas se sentem fragilizadas para exporem esse assunto. Portanto, é preciso elaborar estratégias educativas, tomando como base hábitos e costumes de um grupo ou do indivíduo, pois assim será possível realizar um diálogo mais produtivo sobre as questões de sexualidade com aqueles em condição de maior vulnerabilidade (PASSOS, 2001). Nesse sentido, a gravidez na adolescência passou a ser considerada um problema social, em que não só a adolescente, mas também as famílias demandam cuidados. (CARVALHO, 2007)

A equipe multiprofissional em saúde tem a possibilidade de amparar e assistir a adolescente, que chega para as consultas com desconfianças e medos. Ao realizar consultas explicativas com orientação, atuando como educador, transmitindo informações sobre métodos contraceptivos, aleitamento materno, orientações sobre o puerpério e cuidados com o recém-nascido, dentre outras temáticas necessárias a serem abordadas nesse período, o profissional de saúde tem a possibilidade de estabelecer um vínculo com a adolescente, contribuindo para que a gestante seja bem informada e se torne segura e colaborativa. (BRASIL, 2004).

Dados do DATASUS mostram que, em 2011, na região nordeste do Brasil, a proporção dos nascidos vivos de mães com idade de 10 a 24 anos foi de 50,6%, enquanto no sul foi de 41,8% e no sudeste de 40,8% (BRASIL, 2013). Desta forma, um estudo que busca compreender o significado da gravidez na adolescência é atual e relevante.

Com esse entendimento, ao pensar no processo de trabalho do enfermeiro junto à equipe multiprofissional na Atenção Primária a Saúde, entende-se que é importante compreender diferentes aspectos sobre a saúde da adolescente, dando voz às adolescentes atendidas nas consultas de pré-natal para falarem do significado de estarem grávidas. Portanto, este estudo teve como objetivo compreender o significado da gravidez não planejada para adolescentes atendidas durante a consulta de pré-natal em um Ambulatório Escola na Região Serrana – RJ.

METODOLOGIA

Estudo qualitativo de natureza exploratória com abordagem ancorada na fenomenologia sociológica de Alfred Schutz, para apreender o significado da gravidez não planejada na adolescência durante a Consulta de Enfermagem no pré-natal em um Ambulatório Escola na Região Serrana – RJ. Brasil.

Alfred Schutz (1899-1959) embasou seu pensamento na obra de Max Weber com a Sociologia Compreensiva e inspirou-se na fenomenologia de Edmund Husserl. Este referencial busca a compreensão das relações intersubjetivas a partir da ação intencional de um determinado grupo social (ROSA, 2015).

De acordo com Schutz, “a Fenomenologia Sociológica fundamenta-se no vivenciar a experiência, valoriza a vivência que é única e só o sujeito da ação pode dizer o que pretende na realização da mesma. E que toda ação é intencional, logo, tem significado” (2012, p. 20).

O cenário do estudo foi em um Ambulatório Escola na Região do Rio de Janeiro, inaugurado em 1998, como espaço complementar para as práticas do processo de trabalho dos estudantes de Medicina. É uma unidade mista, ou seja, é possível encontrar Atenção à Saúde nos níveis primário e secundário, porém apresenta prioridade nas áreas básicas.

Atualmente, é cenário de práticas de ensino para os cursos de Medicina, Nutrição, Administração Enfermagem, Odontologia, Psicologia, Radiologia, além de receber os alunos dos cursos técnicos de enfermagem da cidade.

Vale ressaltar que, até a entrada dos estudantes de Enfermagem, as ações nas unidades eram basicamente assistenciais, complementadas por poucas ações preventivas, como a aplicação de vacinas. Em parceria com o curso de Nutrição, as ações de promoção de saúde passaram a ter importante papel no cenário produtivo da unidade.

O Ambulatório, como espaço de prática para o processo de trabalho acadêmico, a cada ano vem sendo ampliado para aprimorar a formação dos futuros profissionais, bem como o aprimoramento dos profissionais que realizam a residência profissional e multiprofissional em saúde, de modo a atender de forma cada vez mais qualificada o usuário.

Participaram deste estudo 18 adolescentes com idades entre 14 e 19 anos, atendidas na Consulta de Enfermagem no pré-natal. Para obtenção dos depoimentos, foi utilizado como instrumento um roteiro de entrevista fenomenológica, com as seguintes perguntas de aproximação: o que é para você a gravidez na adolescência? O que significa para você estar grávida nesse período da vida? O que você tem em vista com sua gestação não planejada durante a adolescência? Para caracterizar as participantes, utilizou-se as seguintes variáveis: idade; escolaridade; se estudava no momento da entrevista; se fez uso de algum método contraceptivo.

Todas as entrevistas tiveram participação voluntária; foi solicitada autorização prévia para a divulgação dos resultados, após orientação e obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento aos responsáveis pelos adolescentes, de acordo com a resolução N° 466/12.

Para manter o anonimato, as participantes foram identificadas com a letra "A", seguida pelo número de ordem das entrevistas, de acordo os preceitos da ética em pesquisa. As entrevistas foram gravadas em MP3, e após o término de cada entrevista a gravação foi imediatamente transcrita. A transcrição imediata inibe a interferência do pesquisador nos dados brutos. Esse procedimento facilitou a apreensão e a compreensão do significado que as adolescentes atribuem a esse período que estão vivenciando: a gravidez.

Foram critérios de inclusão nesse estudo: adolescentes que estivessem grávidas na faixa etária de 10 a 19 anos, e que não tivessem planejado a gravidez; e critérios de exclusão: adolescentes com gravidez indesejada, quer seja por motivo de violência, desconhecimento da paternidade ou qualquer outro motivo que causasse constrangimento ao falar da gravidez.

Esse estudo faz parte de um projeto de pesquisa intitulado: “O significado da Consulta de Enfermagem prestado às mulheres atendidas no Ambulatório Escola da Faculdade Arthur Sá Earp Neto”, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Arthur Sá Earp Neto, no dia 11 de abril de 2015, respeitando a Resolução nº 466/12 que trata de pesquisa envolvendo seres humanos. Os dados foram coletados nos meses de junho e julho de 2016.

A meta do pesquisador social consiste em descobrir o “motivo para” e o “motivo porque” que estão fundamentados os atos humanos. Para Schutz, os “motivos para” instigam a realização da ação e, portanto, estão dirigidos para o futuro. Os “motivos porque” estão evidentes nos acontecimentos já concluídos, estão nos fatos e são imutáveis, porém, não esquecidos e influenciam as ações no presente (SCHUTZ, 2012).

O “motivo porque” está relacionado com experiências passadas, as quais determinaram o projeto de ação do sujeito no mundo da vida, ou seja, condicionou o modo de agir. A ideia de alcançar determinado objetivo mediante uma ação é determinada pela situação pessoal ou história de vida, sedimentada em circunstâncias subjetivas (SCHUTZ, 2012).

Considerando esta perspectiva, visualiza-se a gravidez na adolescência como uma ação constituída por um projeto que traz em si o “motivo para” dos sujeitos que realizam esta ação, que têm suas raízes no “motivo porque”, o qual, por sua vez, localiza-se na situação biográfica destas jovens mulheres.

Do conjunto das falas das participantes, emergiu o “motivo porque” da gravidez na adolescência. São acontecimentos já concluídos, imutáveis, porém, não esquecidos e podem influenciar as ações no presente (SCHUTZ, 2012).

RESULTADOS

Com o estudo, foi possível conhecer aspectos que auxiliaram na construção da caracterização das participantes. Foram entrevistadas 18 gestantes adolescentes, na faixa etária de 14 a 19 anos, sendo que: uma tinha 14 anos, cinco 15 anos, três 17 anos, cinco 18 e quatro 19 anos. Quanto à escolaridade, dez tinham Ensino Fundamental incompleto, sete Ensino Fundamental completo e uma cursando o Ensino Médio. Apenas essa estudava até o dia da entrevista; as demais relataram ter interrompido os estudos em decorrência da gravidez. Afirmam que conheciam os métodos contraceptivos, no entanto, apenas duas relataram que faziam uso do anticoncepcional oral, mas, por vezes, esqueciam de ingerir o comprimido. Nenhuma participante trabalhava.

De acordo com a abordagem fenomenológica de Alfred Schutz, esse tipo de pesquisa está intimamente ligado com as relações sociais e para tal fez-se necessário conhecer os dados biográficos das participantes do estudo (SCHUTZ, 2012).

A análise da fala das adolescentes participantes do estudo permitiu identificar similaridades (temas comuns) e mostrou aspectos importantes que revelaram o significado da gravidez na adolescência para esse grupo social. Os resultados da análise levaram a construção de duas categorias: **“Obter atenção e status social, apesar do ciclo gravídico”** e **“Do não planejado, ao susto de engravidar”**.

Categoria 1 - “Obter atenção e status social, apesar do ciclo gravídico”.

A primeira categoria mostrou que engravidar é a possibilidade de receber atenção. Suprir uma carência afetiva que antes não recebiam. Ao descobrirem a gravidez, sentem-se cuidadas e valorizadas.

“A ficha ainda não caiu. Mas minha família está me ajudando muito. Não posso reclamar, porque muitas meninas não recebem essa atenção da família.” **A14**

“Não era para ser agora. Na minha escola, várias meninas engravidaram. Tinham toda atenção.” **A8**

“Engravidar? No início meu pai ficou sem falar comigo, mas agora está muito feliz, não me deixa ficar sozinha. Minha mãe então, nossa!” **A9**

Diante do discurso das adolescentes, engravidar foi uma forma de mudar a realidade social e familiar em que viviam. Muitas com conflitos familiares encontram no período gestacional a atenção que sempre desejaram ter do parceiro e da família.

“Eu não planejei, mas também não aguentava mais o clima lá em casa. Nós estávamos com vontade de morar junto. A gravidez só ajudou. Agora vamos morar junto e eu vou ter sossego.” **A 16**

“Eu queria sair de casa. Meu namorado disse que a gente ia morar junto. Minha mãe era contra, aí eu engravidei, ele (namorado) me dá toda atenção.” **A6**

“Eu não planejei engravidar, mas já que veio, vou amar. Ele (namorado) está me dado todo apoio, vem comigo nas consultas.” **A17**

“Engravidar está sendo muito bom, eu e o pai do meu filho vamos morar juntos. No início, fiquei com medo dele não aceitar, mas ele está me dando todo apoio que preciso.” **A10**

“Olha, eu sei que sou nova, só tenho 19 anos, já estou no segundo (filho). O meu namorado não tem filho. Ele é muito bom para mim e para meu primeiro filho. Cuida como se fosse dele.” **A3**

“Mas, agora, pensar que eu tenho um filho me deixa feliz. Vou ter alguém para cuidar de mim.” **A18**

O discurso das participantes desse estudo mostra que a gravidez surge como uma possibilidade de suprir carência afetiva, atenção e cuidados que não recebem no meio familiar.

Estudo de Mota e outros (2017, p. 60) refere que, em relação ao apoio que as adolescentes receberam mediante ocorrência da gravidez, tanto as famílias, como os parceiros as apoiaram (92,6% e 96,3% respectivamente), sendo que a família apoiou menos (7,4%).

Categoria 2 – “Do não planejado, ao susto de engravidar”

Essa categoria demonstra a imaturidade com que as adolescentes lidam com a sua sexualidade, sem ponderar as consequências futuras de seus atos.

“Engravidar, ai meu Deus, estou sem acreditar até agora. Está sendo um susto!” **A11**

“Até agora estou sem acreditar, mas também eu não utilizei nada para prevenir. Está sendo um susto.” **A12**

As adolescentes relataram que possuíam informações sobre métodos contraceptivos e sobre a gravidez, porém acreditavam que não aconteceria com elas. Assim, percebe-se que, apesar de informadas, a aprendizagem para a mudança de comportamento não se dá apenas pela via do conhecimento. Parece prevalecer um certo pensamento mágico que as leva a crer que, mesmo sem se prevenirem, nada vai acontecer com elas.

“Na minha escola vai um pessoal que fala sobre sexo, mas a gente acha que nunca vai acontecer”. **A18**

“Engravidar para mim foi um susto. Eu pensava que nunca aconteceria comigo. Não sei explicar, dizer que eu não sabia que poderia acontecer, não posso dizer. Foi um susto; eu não pensei que aconteceria comigo”. **A1**

“Ah, eu não sei explicar; foi um susto. Achei que comigo não aconteceria. Mas não foi falta de informação, não. Hoje em dia, ninguém pode dizer que não tem informação, mas a gente pensa que nunca vai acontecer”. **A2**

O imediatismo de pensar nos aspectos da vida apenas no momento em que vivem parece resultar no não planejamento das aspirações futuras, iniciando a prática sexual antes de definir formas de planejamento familiar.

Sierra e outros (2017), em seu estudo, percebeu que a adolescência é caracterizada pela falta de consciência, no que diz respeito às implicações do início da atividade sexual, tanto sobre os riscos das doenças, quanto a gravidez não planejada. .

“Eu não planejei. Não usava nada para prevenir. Achei que não ia acontecer, foi a primeira vez.” **A4**

“Sei lá. Eu não pensei que aconteceria. Minha menstruação atrasou, quando eu ia falar para minha mãe que eu queria tomar remédio (anticoncepcional), aconteceu. Levei um susto. A ficha demorou a cair.” **A5**

É comum na prática de enfermagem, durante a consulta no pré-natal, ouvir a adolescente dizer que abandonou os estudos e sobre a ausência de vínculo trabalhista. Com isso, pode-se observar que as informações sobre o cuidado com a saúde e mesmo suas condições necessárias se tornam cada vez mais distantes da realidade das adolescentes.

“Não foi planejada, mas de maneira nenhuma penso em tirar. Mas é um susto. Sou muito nova, até parei de estudar.” **A15**

“Que susto! Sem palavras. Ainda não sei o que vou fazer. Eu não trabalho. E agora?” **A13**

Além da preocupação em planejar a gravidez, as adolescentes necessitam ser alertadas para o risco de contrair IST's, muitas tão graves que ainda não possuem cura, como é o caso da AIDS e Hepatites Virais. Também vale destacar o HPV, principal precursor do câncer do colo uterino. Atualmente, já está disponível no SUS a vacinação contra esse vírus, mas o uso do preservativo é fundamental, sendo possível prevenir IST e a gravidez quando utilizado corretamente.

Cabe ao enfermeiro e à equipe multiprofissional em saúde alertar as adolescentes para esses riscos. Ações educativas que as sensibilizem para o uso do preservativo e de outros métodos contraceptivos devem fazer parte dos temas abordados com os adolescentes, não apenas nos serviços de saúde, mas também nas escolas e grupos sociais, em especial a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo elucidou que as adolescentes possuem conhecimento sobre métodos contraceptivos, no entanto não utilizam. Esse fato permite refletir que são necessários recursos para além de aulas e palestras apenas expositivas, que depositam informações sem avaliar a qualidade da vivência dos conteúdos transmitidos e o acesso a acolhimento qualificado no serviço.

Assim, ao retornar aos objetivos desse estudo, pode-se afirmar que os mesmos foram alcançados: compreender o significado da gravidez na adolescência, para as que são atendidas na Consulta de Enfermagem no Ambulatório Escola da Região Serrana – RJ,

Observou-se que, para as participantes do estudo, engravidar na adolescência é um susto, mas é um período que possibilita receber atenção da família e do cônjuge. Ressalta-se que, de acordo com o discurso das participantes do estudo, foi possível compreender a necessidade de atenção junto à família, com orientações sobre os riscos vivenciados, e ao apoio quando procuram por métodos contraceptivos, bem como ao confirmarem a gravidez.

Não é preciso dizer que, quando confirmada a gravidez, a adolescente deve ser encaminhada ao pré-natal e orientada quanto aos exames que serão importantes para a identificação de possíveis alterações no processo gestacional precocemente.

No entanto, fica evidente a necessidade de atenção articulada à saúde do adolescente que envolva família, equipe de saúde e instituições educacionais, posto que a sexualidade é uma experiência complexa, sobre a qual se interpõe diferentes fatores. Nesse sentido, equipes multiprofissionais de saúde estarão certamente mais bem preparadas e instrumentalizadas para adequar as informações e os meios de assistência às necessidades buscadas pelas adolescentes.

Dessa forma, espera-se que os resultados desse estudo sejam considerados pelos gestores de ensino e de saúde, e auxiliem na formulação e reformulação de Projetos Políticos Pedagógicos voltados para atenção à saúde do adolescente, possibilitando promoção à saúde e prevenção de agravos. Nos serviços de saúde, que os gestores tenham olhar atento para os adolescentes (meninos e meninas), a fim de que tenham acolhimento adequado, pois a demora no atendimento, a não disponibilidade dos métodos contraceptivos e mesmo a falta de um acompanhamento psicossocial que compreenda e atenda às suas necessidades podem ser fatores desencorajadores para esse grupo etário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem**. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Secretaria de Atenção à Saúde. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção da saúde, prevenção de doenças e agravos e na assistência. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Políticas atenção integral à da mulher: princípios e diretrizes. Brasília, 2004. 82 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS. Informações em Saúde: **nascidos vivos** [internet]. Brasília: Datasus; 2013 [citado 2016] disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/CGI/tabcgi.exc?sinasc/cnv/n>.

BRASIL. Ministério da saúde. **Planejamento familiar**: manual para o gestor. Brasília: 2002.

CARVALHO, G. **Enfermagem em obstetrícia**. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: EPU; 2007.

FERREIRA, R.A; FERRIANE, M.G.C, MELLO D.F, CARVALHO I.P, CANO M.A, OLIVEIRA L.A. **Análise espacial da vulnerabilidade social da gravidez na adolescência.** Cadernos de Saúde Pública. 2012; 28 (2): 313-23.

MARTINS, C.B.G; ALENCASTRO L.C.S, MATOS K.F, ALMEIDA, F.M, SOUZA, S.P.S, NASCIMENTO, S.C.F. **As questões de gênero quanto à sexualidade dos adolescentes.** Adolescência e Saúde. 2012.

MOREIRA, T.M.M, et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Revista Escola de Enfermagem USP.** V. 42, N. 2, P 312-20, 2008. Disponível em: WWW.ee.usp.br/reeusp/Acessoem:06/07/20012.

MOTTA M. JESUS, M.P MORAES, F.R. Dificuldades e desafios do pré-natal sob a perspectiva das adolescentes grávidas. *Revista Adolescência e Saúde*, 2017, 14. p. 54-62

MORAES E.V, TOLEDO O.R, DAVID F.L, AVELINO M.M, CAMPOS R.N. Gravidez na adolescência e aborto: Implicações da ausência de apoio familiar. *Revista Adolescência e Saúde*. 2017, 14. p. 16-23

PASSOS M.R.L. **Doenças Sexualmente Transmissíveis: se educar, dá para evitar.** Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

ROSA, A. F, ROSAS, A. M.M.T.F. Learning ToLearn The Nursing Consultation: ComprehensiveAnalysis In The Perspective Of The Student. **InternationalArchivesofMedicine**, v.9, janeiro.2017. Availableat: <<http://www.imed.pub/ojs/index.php/iam/article/view/2199>>. Acesso em: 31 janeiro 2017.

SIERRA-MACÍAS A, COVARRUBIAS-BERMÚDEZ M.I.Á, ZAVALA-GONZÁLEZ M.A, VELÁZQUEZ-MOTA G.P. Representações sociais da gravidez não planejada e não desejada em mulheres jovens da Área Metropolitana de Guadalajara, Jalisco, México. *Revista Adolescência e Saúde*. 2017, 14. p. 30-37.

SCHÜTZ, A. Sobre fenomenologia e relações sociais. Org. H.R. Wagner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TAQUETTE, S.R. VILHENA, M.M. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 13, n. 1, p. 105-14, jan./mar. 2008.

VIEIRA, L.M. et al. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil** v.6, n.1, p.135-40, 2006.

YAZLLE, M.E.H.D. Gravidez na adolescência. **Revista Brasileira Ginecologia e Obstetrícia** v. 28, n.8, p. 443-5, 2006.

A indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão em uma instituição isolada de Ensino Superior: pontos para discussão

The indissociability of teaching, research and extension in an isolated institution of higher education: points for discussion

La "indisociabilidad" enseñanza, investigación y extensión en una institución aislada de enseñanza superior: puntos para discusión

Cristina Maria Rabelais Duarte

FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

crisrabelais@gmail.com

RESUMO

A indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão constitui uma proposição filosófica, política, pedagógica e metodológica para a formação no ensino superior. O objetivo deste artigo é realizar uma reflexão sobre a integração dessas três dimensões e sua materialização como parte do projeto institucional da Faculdade de Medicina de Petrópolis – Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FMP-Fase), a partir do exame dos registros históricos da Semana Científica, realizada, anualmente, desde 1994. Os resultados evidenciam a progressiva ampliação do que foi, originalmente, concebido como uma mostra interna de trabalhos científicos, para um evento de abrangência loco-regional da área de saúde, o que favorece o alinhamento da comunidade acadêmica em busca do desenvolvimento das três dimensões previstas na missão institucional: Ensino, Pesquisa e Extensão. Entretanto, há desafios a serem vencidos, como maior incentivo a docentes e discentes, através de programas internos de fomento, baseados em critérios bem definidos de produtividade acadêmica; melhor compreensão dos propósitos da extensão e qualificação do corpo docente para a incorporação da indissociabilidade do Ensino Pesquisa e Extensão como parte do processo ensino-aprendizagem.

Palabras-chave: ensino; pesquisa; extensão

ABSTRACT

The inseparability between Teaching, Research and Extension constitutes a philosophical, political, pedagogical and methodological proposition for the formation in higher education. The objective of this article is to reflect on the integration of these three dimensions and their materialization as part of the institutional project of the Faculty of Medicine of Petrópolis - Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FMP-Fase), from the examination of the historical records of the Scientific Week. The results show a progressive expansion of what was originally conceived as an internal show of scientific works, for a "local-regional" event of the health area. However, there are challenges to be overcome, such as greater encouragement to teachers and students through internal programs of development, based on well-defined criteria of academic productivity; better understanding of the purposes of the extension and qualification of the teaching staff to incorporate the indissociability of Teaching Research and Extension as part of the teaching-learning process.

Keywords: teaching, research, extension

RESUMEN

La indisociabilidad entre Enseñanza, Investigación y Extensión constituye una proposición filosófica, política, pedagógica y metodológica para la formación en la enseñanza superior. El objetivo de este artículo es realizar una reflexión sobre la integración de estas tres dimensiones y su materialización como parte del proyecto institucional de la Facultad de Medicina de Petrópolis - Facultad Arthur Sá Earp Neto (FMP-Fase), a partir del examen de los registros históricos de la Semana Científica, realizado anualmente desde 1994. Los resultados evidencian la progresiva ampliación de lo que originalmente fue concebido como una muestra interna de trabajos científicos para un evento de alcance local-regional del área de salud. Sin embargo, hay desafíos a ser vencidos, como mayor incentivo a docentes y discentes, a través de programas internos de fomento, basados en criterios bien definidos de productividad académica; mejor comprensión de los propósitos de la extensión y calificación del cuerpo docente para la incorporación de la indisociabilidad de la Enseñanza Investigación y Extensión como parte del proceso enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: enseñanza, investigación, extensión.

Dedico este texto à memória do Professor João Carlos de Miranda, coordenador da Semana Científica da FMP-Fase desde a primeira edição, e coordenador da Coppex desde a sua fundação.

O objetivo deste artigo é realizar uma reflexão sobre a história e os desafios da Faculdade de Medicina de Petrópolis – Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FMP-Fase), à luz da integração Ensino, Pesquisa e Extensão, que pauta a legislação brasileira, a partir do argumento central da indissociabilidade entre essas três dimensões da Educação como parte de um projeto intencional de formação. Trata-se de um olhar sobre a trajetória de uma instituição isolada de Ensino Superior, isto é, que não possui vínculo com Universidade, na perspectiva de identificar pontos de reflexão que ampliem caminhos e possibilidades para a concretização do seu próprio projeto integrador de formação. Essa trajetória é examinada a partir dos registros históricos da Semana Científica, evento anual realizado pela instituição desde 1994.

A indissociabilidade Ensino-Pesquisa foi incorporada enquanto marco legal da educação brasileira, como uma conquista do movimento estudantil, pela Lei nº 5.540, de 1968, que determinou que o Ensino Superior, indissociável da pesquisa, seria ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados. Posteriormente, também como fruto de mobilização social capitaneada pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), foi incorporada à Constituição, que definiu, no Art. nº 207, que universidades obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Os avanços incorporados à nova Constituição foram significativos e, desde sua aprovação suscitaram reações de setores contrários, que passaram a buscar sua reformulação (MAZZILLI, 2011).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), marco recente mais importante da educação brasileira, embora não reitere explicitamente a obrigatoriedade, como lembra Gonçalves (2015), incorpora a indissociabilidade, como argumentado por Massi e Queiroz (2010). Declara, entre as finalidades da Educação Superior, o estímulo ao desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo e o incentivo ao trabalho de Pesquisa e investigação científica, além de mencionar Pesquisa e Extensão ao longo do Capítulo IV - Da Educação Superior. Entretanto, a ausência da obrigatoriedade, tal qual expressa na Constituição, abriu caminho para que se buscasse na legislação posterior a diferenciação de acordo com as modalidades de estabelecimentos de ensino, mantendo exigências mais rigorosas para universidades e amenizando-as gradativamente para Centros Universitários, Institutos Superiores de Educação e Faculdades Isoladas (MAZZILLI, 2011).

Atualmente, todos os estabelecimentos de Ensino Superior no Brasil, públicos e privados, em suas diversas modalidades, são obrigatoriamente avaliados através do Sistema Nacional de Avaliação da

Educação Superior - SINAES (BRASIL, 2004), sob responsabilidade do Ministério da Educação. Vários aspectos relativos às instituições, seus cursos e desempenho dos estudantes são verificados, incluindo-se o Ensino, a Pesquisa e a Extensão entre os principais. Assim, com relação a marcos legais e políticas institucionais, a valorização da indissociabilidade entre essas três dimensões e a indução de sua implementação na educação superior continua tendo validade e sendo utilizada como referência.

Embora se trate de tema recorrente na literatura especializada, sua abordagem em diferentes contextos e tipos de instituições revela que ainda não existe consenso não apenas sobre a obrigatoriedade, mas também sobre o próprio sentido da indissociabilidade.

Como já apontava Cunha (1996), parte da comunidade universitária comunga com a ideia de que há indissociabilidade quando o professor atua no Ensino e tem projetos de Pesquisa e Extensão, dividindo horários específicos para cada uma destas atividades. A indissociabilidade se concretizaria pelo trânsito de experiências e conhecimentos que o professor venha a levar aos estudantes, como resultado de suas vivências acadêmicas.

Entretanto, a autora argumenta corretamente que, mesmo considerando um ganho de qualidade o fato de o professor se envolver com as três dimensões, é questionável entender dessa forma a indissociabilidade. Sendo o estudante o sujeito do processo de ensino-aprendizagem, é nele que as estruturas cognitivas precisam se formar. Numa aprendizagem significativa, o estudante interage com o conhecimento e a cultura sistematizada de forma ativa, como partícipe do seu próprio processo de formação.

Partindo dessa compreensão, não se pode considerar que a indissociabilidade do ensino acontece quando o professor realiza as três atividades separadamente. Embora o professor tenha um papel fundamental na condução do processo ensino-aprendizagem baseado na indissociabilidade, ela é algo indivisível, que ocorre de maneira global no interior do processo pedagógico. Nele, a Pesquisa é entendida como um instrumento do Ensino e a Extensão como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade (CUNHA, 1996).

Gonçalves (2015) contribui para aprofundar a reflexão sobre esse ponto, afirmando que se a indissociabilidade for contemplada de forma isolada, corre-se o risco de considerá-la como um fim em si mesma e não como um meio para consolidação de um certo projeto de instituição, no qual há um determinado sentido de formação e de produção de conhecimento. Ela enfatiza que o princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão constitui uma proposição filosófica, política, pedagógica e metodológica para a formação.

Segundo Mazzilli (2011), a transmissão de conhecimentos (Ensino), por si só, pode servir à formação profissional, porém sem Pesquisa e Extensão, o Ensino tende a reduzir-se ao aprendizado de técnicas, sem requerer compreensão do seu significado social. A Educação Superior pautada apenas no Ensino pode, no máximo, preparar mão-de-obra para o mercado de trabalho, mas está longe de qualquer aproximação com a formação de sujeitos sociais.

O conhecimento ganha significado quando se considera seu processo de produção e seu significado na vida social, a partir de questões emergentes da prática, ação possibilitada pela função da Extensão. A associação entre Ensino, Pesquisa e Extensão, nesta perspectiva, constitui-se o sustentáculo do processo de Educação: os conhecimentos já produzidos, ao serem colocados em prática, evidenciam lacunas que se transformam em problemas para a Pesquisa, que retornam ao Ensino sob a forma de novos conhecimentos a serem adotados pela Extensão e assim sucessivamente, num movimento constante e interativo entre as três funções.

Para a autora, a associação entre Ensino, Pesquisa e Extensão pode gerar um novo movimento no processo de produção e socialização do conhecimento na Educação Superior, ao relacionar dialeticamente o Ensino (apropriação, pelos estudantes, do conhecimento historicamente produzido pela humanidade), a Pesquisa (produção de novos conhecimentos a partir de problemas emergentes da prática social) e a Extensão (intervenção nos processos sociais e identificação de problemas da prática que demandam novas pesquisas).

Essas reflexões, pautadas na diferença entre Ensino (transmissão de conhecimentos) e Educação (formação de cidadãos), extrapolam o papel das universidades, se aplicando a todo o sistema educacional e, nos limites deste artigo, a toda a Educação Superior, que abrange instituições de várias modalidades, inclusive faculdades isoladas.

Entretanto, por implicar profundas mudanças na concepção e nas práticas educacionais, a consolidação do princípio da indissociabilidade é lenta e gradual. Os desafios de cada instituição são diferentes, considerando seu histórico e perfil, cabendo a cada uma construir coletivamente seu projeto de formação. Neste sentido, experiências externas e internas, com seus êxitos ou fracassos, constituem valiosas fontes de aprendizado institucional.

A Faculdade de Medicina de Petrópolis - Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FMP-Fase) é uma instituição isolada de Ensino Superior, mantida pela Fundação Octacílio Gualberto (FOG), pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, localizada no município de Petrópolis/RJ.

A FMP iniciou suas atividades em 1967 e a Fase foi criada em 1998, para a oferta de outros cursos. Desde então, formam uma única instituição. Atualmente, além da graduação em Medicina, a

FMP/Fase oferece os seguintes cursos: Administração – com linhas de formação específicas em Gestão de Sistemas de Informação, Gestão do Marketing e Gestão da Saúde, Enfermagem – nas modalidades Bacharelado e Licenciatura, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Cursos Superiores de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos e Radiologia. Segundo informações disponíveis em sua página na internet (FMP-FASE, 2017a), a instituição oferece Pós-Graduação *lato sensu* (especializações e residências) e, como atividades de Extensão, um leque de cursos, eventos e projetos. Cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) ainda não são oferecidos pela instituição.

A página institucional na internet afirma tratar-se de “Instituição vocacionada para as áreas da educação, saúde e pesquisa”, tendo como missão

buscar a excelência no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, visando à formação integral de profissionais qualificados ao pleno desempenho de suas funções, com forte perfil ético e humanístico e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática.

A indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão, na concepção defendida neste artigo, está assim registrada como missão institucional, apesar do porte de faculdade isolada (FMP-FASE, 2017b).

As iniciativas de maior grau de institucionalização relacionadas à política de Ensino, Pesquisa e Extensão podem ser observadas nos registros históricos da Semana Científica, evento anual que visa reunir

profissionais e pesquisadores de diferentes regiões do país com o objetivo de propiciar a divulgação de produções científicas nacionais e internacionais a fim de mobilizar o interesse de professores e estudantes pela pesquisa. (FMP-FASE, 2017c)

O quadro 1 ilustra a evolução dos eventos desde 1994, ano da realização da 1ª *Mostra de Trabalhos Científicos da Faculdade de Medicina de Petrópolis*. Vale chamar a atenção para sua continuidade no tempo, já que apenas no ano 2000 o evento interno foi substituído pelo *Congresso Brasileiro de Educação Médica*, sediado pela instituição. As informações do quadro sugerem progressivo amadurecimento do evento. Nos três primeiros anos, congregou principalmente trabalhos da comunidade acadêmica. A partir de 1997, passou a incluir eventos locais e/ou regionais da área de saúde. No primeiro caso, vale observar que, aparentemente, a realização das Mostras de Trabalhos Científicos parece ter estimulado a organização de eventos locais de especialidades, que, com exceção da *Jornada de Infectologia*, registraram no período suas primeiras edições. Em 1999, houve a primeira participação da Fase, com a *I Jornada de Nutrição*. No ano de 2002, houve duas mudanças: a denominação que incluía um conjunto de eventos locais de especialidades foi substituída por uma denominação única e o evento passa a adotar uma temática provocadora a cada ano.

Em 2017, a *XXIII Semana Científica da FMP/FASE* acontecerá no âmbito da *14ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia* (SNCT), entre 24 e 27 de outubro, que tem como tema “A Matemática está em tudo”. O evento tem programadas 37 Mesas Redondas e 09 cursos, envolvendo um total de 37 instituições, 107 palestrantes e 42 estudantes monitores (COPPEX, 2017).

Outros números institucionais são expressivos: a instituição conta hoje com 70 docentes com Doutorado (25% do quadro), conforme dados cedidos pela Direção Institucional, não publicados, e registra 8 grupos de Pesquisa ativos (COPPEX, 2017).

Essas informações sugerem um alinhamento da comunidade acadêmica em busca do desenvolvimento das três dimensões previstas na missão institucional: Ensino, Pesquisa e Extensão. Entretanto, há desafios a serem vencidos e os apontamentos a seguir buscam elencar aspectos a serem considerados para reflexão:

1 – É preciso estimular os estudantes a participarem de projetos de pesquisa. O Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), principal órgão de fomento brasileiro, em sua página inicial sobre Iniciação Científica, traz a afirmação de que

é necessário estimular os jovens a se tornarem profissionais da ciência e da tecnologia, para avançarmos no conhecimento existente. [...] É preciso que, desde os primeiros anos da educação formal, os (as) estudantes sejam postos em contato com a cultura científica, ou seja, com a maneira científica de produzir conhecimento e com as principais atividades humanas que têm moldado o meio ambiente e a vida humana ao longo da história. Acima de tudo, é preciso permitir que sejam criativos e inovadores. E capazes de sonhar! Esses são os principais ingredientes da ciência. (CNPq, 2017)

É desejável que a instituição se valha do corpo de doutores que integra a comunidade acadêmica, identificando talentos capazes de desenvolver linhas de pesquisa e estabelecer parcerias institucionais com potencial de crescimento. É importante que uma política efetiva de apoio, através de programas internos de fomento, considere critérios bem definidos de produtividade.

2 – As atividades extensionistas são antigas na instituição, que, segundo o seu Projeto Pedagógico Institucional, possui forte vínculo histórico com a sociedade (FMP-FASE, 2017a). Cabe ampliar a percepção, pela comunidade acadêmica, de que a Extensão é uma ação junto à comunidade, que não apenas disponibiliza o conhecimento adquirido com o desenvolvimento do Ensino e da Pesquisa, mas produz um novo conhecimento a ser trabalhado e articulado. Como lembra Siveres (2013), a Extensão é usualmente compreendida como a maneira específica de fazer Ensino e Pesquisa, ou como uma forma supletiva para desenvolver ações sociocomunitárias. Tais entendimentos não contribuem para a compreensão do princípio da aprendizagem na Extensão Universitária. Para ele, a Extensão é a expressão do diálogo entre a educação superior e a sociedade. Compreendê-la como

um processo de aprendizagem reafirma o seu caráter acadêmico e viabiliza um percurso para que projetos de Ensino e de Pesquisa revelem a possibilidade de um trabalho indissociável, garantindo uma aprendizagem significativa com vistas à realidade contemporânea.

3 - O principal salto de qualidade necessário – e o principal desafio – é a incorporação da indissociabilidade do Ensino, Pesquisa e Extensão nos moldes da discussão anterior, como parte do processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, é necessário o envolvimento de um quantitativo cada vez maior da comunidade acadêmica e, em especial, a preparação do conjunto de professores para modificar o *modus operandi* da prática docente.

Mazzilli (2011) afirma que a proposição da indissociabilidade como efetivo princípio formativo envolve duas dimensões mais diretas: a prática docente e a flexibilização curricular. A indissociabilidade aponta para a atividade reflexiva e problematizadora do futuro profissional. Articula componentes curriculares e projetos de pesquisa e de intervenção, levando em conta que a realidade social não é objetivo apenas de uma disciplina e isso exige o emprego de uma pluralidade metodológica. A Pesquisa e a Extensão indissociadas da docência necessitam interrogar o que se encontra fora do ângulo imediato de visão.

À guisa de conclusão, vale parafrasear uma reflexão desta última autora. Para ela, Ensino, Pesquisa e Extensão são, em geral, compreendidos como atividades, no plural, não considerando que “a” atividade – no singular – da Educação Superior seja a formação de pessoas, de profissionais, de pesquisadores e de cidadãos, que deveria ser desenvolvida por meio da indissociabilidade desses três elementos.

O desafio está posto para uma instituição que tem como missão buscar a excelência no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, visando à formação integral de profissionais qualificados ao pleno desempenho de suas funções, com forte perfil ético e humanístico e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. 2004.

CNPq. **Iniciação Científica**. Disponível em: < <http://cnpq.br/iniciacao-cientifica>>. Acesso em: Acesso em: 02 set. 2017.

COPPEX. **Relatório de Atividades 2017.1**. Coordenação de Pesquisa e Extensão da FMP-Fase (COPPEX) Petrópolis: 2017.

CUNHA, M. I. DA. Ensino com pesquisa: a prática do professor universitário. **Cadernos de Pesquisa**, v. mai, n. 97, p. 31–46, 1996.

FMP-FASE. **Portal FMP-FASE**. Disponível em: <<http://www.fmpfase.edu.br/>>. Acesso em: 02 set. 2017a.

FMP-FASE. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <http://www.fmpfase.edu.br/pdf/docsInstitucionais/PPI%20FASE-FMP.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017b.

FMP-FASE. **Semana Científica**. Disponível em: <<http://www.fmpfase.edu.br/Pesquisa/home/SemanaCientifica>>. Acesso em: 02 set. 2017c.

GONÇALVES, N. G. Indissociabilidade entre Ensino , Pesquisa e Extensão : um princípio necessário. **Perspectiva**, v. 33, n. 3, p. 1229–1256, 2015.

MASSI, L.; QUEIROZ, S. L. Estudos sobre Iniciação Científica no Brasil: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p. 173–197, 2010.

MAZZILLI, S. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 2, p. 205–221, 2011.

SIVERES, L. (ORG). **Extensão Universitária como Princípio de Aprendizagem**. Brasília, DF: Liber Livro, 2013.

A complexidade e o nível de especialização muito vertical das temáticas e questões de pesquisa das áreas do conhecimento de nossos tempos podem facilmente nos levar a priorizar a aplicação, em detrimento do significado, e nos afastar daquele que é o contexto de nossos tempos. Para isto, contribuem também a cultura da produtividade e a submissão a frios indicadores que, em nome da “metria” ditada pelas agências de apoio à pesquisa e pela própria academia, impedem um elemento essencial na geração de conhecimento: o tempo para reflexão. Corre-se o risco da repetitividade na corrida por resultados que garantam quantitativo de produção.

Abstração, valorização do significado - acima mesmo de uma meta de aplicação a curto prazo – compreensão do contexto e das grandes questões de nossa era e fortalecimento do espírito de cooperação são elementos essenciais para o estabelecimento de uma Ciência fortemente comprometida com a Ética. A Ciência custa, não é neutra, necessita do Capital, mas não pode ser sua serva; ao contrário, na dialética Capital –Trabalho, podemos levantar o debate de que a Ciência, em seu mais amplo espectro – Exatas, Naturais, Humanísticas, Sociais, da Vida, Artísticas - seja hoje o elemento mais significativo para esta mediação, redefinindo mesmo o conceito de Trabalho.

Debatedores:**J. A. Helayël-Neto**

Conhecimento, Significado e Contexto

André Botelho

Ampliando a Esfera Pública da Ciência

Maria Cecília de Souza**Minayo**

Para que serve a ciência?

J. A. Helayël-Neto

Ciência com Consciência

Knowledge, Meaning And Context

The complexity and level of a very vertical specialization of the themes and research questions of the areas of knowledge of our times can easily lead us to prioritize the application, to the detriment of the meaning, and to move away from that which is the context of our times. To this end, the productivity culture and the submission to cold indicators also contribute, in the name of the "metria" dictated by the research support agencies and by the academy itself, prevent an essential element in the generation of knowledge: the time for reflection. There is a risk of repetitiveness in the race for results that guarantee production quantitative.

Abstraction, appreciation of meaning - above even a short-term goal of application - understanding the context and major issues of our era and strengthening the spirit of cooperation are essential elements for the establishment of a Science strongly committed to Ethics. Science costs, it is not neutral, it needs Capital, but it can not be its servant; On the contrary, in the Capital-Work dialectic, we can raise the debate that Science, in its broadest spectrum - Exact, Natural, Humanistic, Social, Life, Artistic - is today the most significant element for this mediation, redefining even the concept of Work.

Debatedores:

J. A. Helayël-Neto

Knowledge, Meaning and Context

André Botelho

Expanding the public sphere of science

Maria Cecília de Souza Minayo

What is science for?

J. A. Helayël-Neto

Science with Consciousness

Conocimiento, Significado Y Contexto

La complejidad y el nivel de especialización muy vertical de las temáticas y cuestiones de investigación de las áreas del conocimiento de nuestros tiempos pueden fácilmente llevarnos a priorizar la aplicación, en detrimento del significado, y apartarnos de aquel que es el contexto de nuestros tiempos. Para ello, contribuyen también la cultura de la productividad y la sumisión a fríos indicadores que, en nombre de la "metría" dictada por las agencias de apoyo a la investigación y por la propia academia, impiden un elemento esencial en la generación de conocimiento: el tiempo para la reflexión. Se corre el riesgo de la repetitividad en la carrera por resultados que garanticen cuantitativo de producción.

La abstracción, la valorización del significado, por encima de una meta de aplicación a corto plazo, la comprensión del contexto y de las grandes cuestiones de nuestra era y el fortalecimiento del espíritu de cooperación, son elementos esenciales para el establecimiento de una ciencia fuertemente comprometida con la ética. La ciencia cuesta, no es neutra, necesita del Capital, pero no puede ser su sierva; Al contrario, en la dialéctica Capital-Trabajo, podemos levantar el debate de que la Ciencia, en su más amplio espectro - Exactas, Naturales, Humanísticas, Sociales, de la Vida, Artísticas - sea hoy el elemento más significativo para esta mediación, redefiniendo incluso el mismo concepto de Trabajo.

Debatedores:

J. A. Helayël-Neto

Conocimiento, Significado Y Contexto

André Botelho

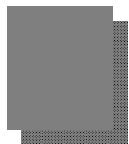
Ampliando la esfera pública de la ciência

Maria Cecília de Souza Minayo

¿Para qué sirve la ciencia?

J. A. Helayël-Neto

Ciencia con conciencia



Conhecimento, Significado e Contexto

Knowledge, Meaning And Context

Conocimiento, Significado Y Contexto

J. A. Helayël-Neto

CBPF/MCTIC

Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

josehelayel@gmail.com

A complexidade e o nível de especialização muito vertical das temáticas e questões de pesquisa das áreas do conhecimento de nossos tempos podem facilmente nos levar a priorizar a aplicação, em detrimento do significado, e nos afastar daquele que é o contexto de nossos tempos. Para isto, contribuem também a cultura da produtividade e a submissão a frios indicadores que, em nome da “metria” ditada pelas agências de apoio à pesquisa e pela própria academia, impedem um elemento essencial na geração de conhecimento: o tempo para reflexão. Corre-se o risco da repetitividade na corrida por resultados que garantam quantitativo de produção.

Abstração, valorização do significado - acima mesmo de uma meta de aplicação a curto prazo – compreensão do contexto e das grandes questões de nossa era e fortalecimento do espírito de cooperação são elementos essenciais para o estabelecimento de uma Ciência fortemente comprometida com a Ética. A Ciência custa, não é neutra, necessita do Capital, mas não pode ser sua serva; ao contrário, na dialética Capital –Trabalho, podemos levantar o debate de que a Ciência, em seu mais amplo espectro – Exatas, Naturais, Humanísticas, Sociais, da Vida, Artísticas - seja hoje o elemento mais significativo para esta mediação, redefinindo mesmo o conceito de Trabalho.

A busca por uma descrição sempre mais profunda da Natureza e a tarefa de se elaborar novas realidades vem, de forma sempre crescente e mais complexa, movimentando o mundo das ideias, estendendo os domínios de nossa abstração e criando linguagens e códigos altamente refinados. Tomando como ponto de partida uma das Ciências da Natureza, a Física, o desafio imposto pela investigação de fenômenos que se passam desde a escala attoscópica (milionésimo do milionésimo do milionésimo do metro), à escala cosmológica (e, aqui, se fala de centenas de milhões de milhões de milhões de quilômetros), impõe-nos repensar a relação entre Natureza e Realidade, uma vez que o projeto é perscrutar o natural que se encontra a um enorme distanciamento do real. E a dialética que se estabelece entre o natural e o real estende-se aos demais setores do conhecimento humano, a todas as Ciências de nossos dias.

A concepção Galileo-Newtoniana do método científico é colocada em questão quando consideramos experimentos tão complexos como aqueles realizados nos mais recentes aceleradores de partículas (o grande anel colisor de partículas sub-nucleares, o LHC de CERN-Genebra, por exemplo) ou quando nos referimos às medidas realizadas nos refinados telescópios, na Terra ou em plataformas espaciais. A experimentação já não é mais exploratória em seu sentido amplo, não se descobre aleatoriamente; constroem-se os mais complexos e precisos aparelhos de medição já se tendo em mente o que se deseja descobrir, ou seja, detectamos ou vemos aquele objeto que já estamos preparados para ver ou para detectar. Exemplos muito recentes são a descoberta do bóson de Higgs (anunciada em julho de 2012) e a detecção da colisão de buracos negros com a consequente emissão de ondas gravitacionais, observadas em experimento terrestre (descoberta anunciada em fevereiro de 2016). Devo esclarecer que, por trabalhar em Física, trago os exemplos desta Ciência, por serem aqueles com que tenho mais propriedade.

As Ciências, nos tempos atuais, em um grande número de situações, são marcadas por um alto grau de abstração – abstração matemática também – de tal forma que o caráter exploratório concentra-se na fase da teoria; as explorações se dão muito no abstrato. Construído um modelo ou, em um estágio mais avançado, formulada uma teoria, passa-se à fase da experimentação, com algum aparato já desenhado de acordo com o que se quer explorar a partir daquilo que a teoria prevê, ou, de forma mais radical, daquilo que a teoria já “descobriu”. É neste sentido – e a Física contemporânea é rica deste tipo de procedimento – que dizemos que se vivencia uma quase inversão do tradicional método Galileo-Newtoniano de se fazer Ciência. O LHC, já mencionado acima, é um experimento altamente desafiador para a Física, mas igualmente – ou mesmo até mais – desafiador para a Epistemologia. A complexidade está neste entrelaçamento entre modelo/teoria, geração de dados experimentais, simulação computacional, a partir destes dados colhidos, e a final confirmação em laboratório de uma descoberta já anunciada teoricamente. Coloco este panorama da Física de nossos dias para que o leitor de outros campos do conhecimento possa, devidamente, fazer a transposição para a sua área e encontrar situações equivalentes.

Esta postura nos conduz a uma estrada muito estimulante: a Natureza é altamente complexa, tendo um setor visível - no sentido de ser diretamente mensurável – e, como sabemos hoje, um setor confinado, ao qual não se tem acesso direto, mas que, por efeitos mensuráveis indiretos, pode-se garantir, com altíssima precisão, que tal setor existe. Isto nos abre claramente espaço para a dialógica real – natural. Como poderíamos chegar a um setor confinado da Natureza – que não se apresenta por medições diretas – se não soubéssemos antes, por meio de alguma teoria, de sua existência?

A teoria, partindo de premissas e princípios fundamentais, desenvolve-se de forma consistente e, além de reproduzir corretamente, para nós, fatos já observados, pode nos levar a previsões de longo alcance. Isto nos habilita a propor que uma teoria cria uma ou mais realidades, realidades virtuais, mas nas quais podemos mergulhar e fazer muitos desenvolvimentos. Retornando ao caso da Física, foi assim com a Física de Neutrinos: propostos como partículas elementares hipotéticas, em 1930, por Wolfgang Pauli, foram cruciais para o desenvolvimento da chamada Física das Interações Nucleares Fracas (lançada por Enrico Fermi, em 1933), mesmo sem terem sido descobertos. Conhecidas as suas propriedades fundamentais e criada a sua realidade, os neutrinos foram, finalmente, detectados em laboratório apenas em 1956. Sem esta realidade criada, talvez nunca tivéssemos descoberto estas partículas capazes de atravessar todo o nosso planeta. De um extremo ao outro, sem realizar qualquer interação. Com uma realidade virtual concebida, somos capazes de verificar se esta realidade é, ou não, parte da Natureza.

Mais recentemente, temos um outro interessante exemplo e, aí, retornamos ao caso do bóson de Higgs: previsto por estudos teóricos em 1964, só teve a sua descoberta anunciada em 2012. Foram 48 anos de Física do Higgs sem Higgs; o Higgs já era uma realidade teórica e os experimentos do LHC mostraram que “esta realidade era real”, deixava de ser virtual. Reafirmo aqui a importância de identificarmos, em outras Ciências, contrapartidas à Física de Neutrinos e à Física do Higgs, por exemplo. **E isto abre a discussão sobre que Ciência estamos falando, que Ciência queremos fazer e que Ciência o Capital pode ou deseja apoiar:** a Ciência encomendada para uma aplicação tecnológica imediata, isto é, a Ciência do serve-para-quê ou a Ciência sem aplicação imediata, ou até mesmo sem aplicação a curto prazo, mas com significado. Frente aos altos investimentos que a busca pelo conhecimento exige, estabelece-se o dilema: investir na Ciência-que-serve ou “gastar” com a Ciência-que-significa.

A Ciência precisa do Capital, os investimentos que requer tornam-se sempre mais vultosos, mas não deve ser sua serva e se submeter aos indicadores estipulados pelo mesmo, muitas vezes definidos por agentes políticos ou burocráticos, que nunca trabalharam em Ciência ou vivenciaram a formulação de políticas científicas. Muito do Capital que se tem e que circula hoje é justamente oriundo de uma Ciência que significou, e que, em seu tempo, não serviu; a aplicação pode ter vindo muito posteriormente e, com a tecnologia que induziu, gerou um Capital muito superior aos investimentos feitos. Exemplos que a Física nos dá são a Teoria Eletromagnética, estabelecida em 1865 com as chamadas Equações de Maxwell, e a Mecânica Quântica, firmada como uma teoria da Física, a partir de 1925. Ao introduzirem o conceito de spin do elétron (uma propriedade quântica intrínseca às partículas fundamentais da Natureza), Uhlenbek e Goudsmit não imaginam que, quase

50 anos mais tarde, na década de 1970, esta propriedade seria a base para a técnica de imagens por ressonância magnética (MRI é a sigla em inglês) e, nos dias de hoje, fundamenta o campo da Física denominado Spintrônica, que vem trazendo contribuições científicas e tecnológicas altamente relevantes. Há 92 anos atrás, o conceito de spin significava apenas um conhecimento mais apurado do elétron e uma compreensão mais detalhada sobre a absorção e emissão de luz por parte dos átomos. Hoje, as aplicações tecnológicas em termos de novas formas de matéria são impactantes.

O Capital que as duas teorias acima movimentam hoje são ordens de grandeza maiores do que aquilo que se investiu nos estudos exploratórios que culminaram com estas mesmas teorias. Quando se fala de Ciência Básica, está-se falando seja de teoria, de fenomenologia que de experimentação; estão em jogo investigações exploratórias, com comprometimento com um significado para o conhecimento humano e, em um segundo momento, inevitavelmente – a História da Ciência nos mostra – a aplicação e a disponibilização em bens para a Sociedade ocorrem. A este ponto, caberia nos questionarmos sobre o valor de mercado de uma teoria. Se uma teoria como a Mecânica Quântica fosse comparada a uma grande empresa, não seria o seu preço hoje notavelmente superior a tudo o que se investiu para o seu desenvolvimento e contínuo aperfeiçoamento? Se devêssemos atribuir, poderíamos nos perguntar qual seria o preço de grandes teorias do Século XX, como a Teoria do Big Bang, a Teoria da Dupla Hélice do DNA e a Teoria das Placas Tectônicas.

Acoplada à questão dos critérios para investimentos em pesquisas, vem o delicado item da metria, da avaliação dos resultados dos estudos financiados. Em geral, estes resultados vêm sob a forma de artigos publicados em periódicos especializados, livros, comunicações em congressos, técnicas desenvolvidas e patentes. A produção científica é fundamental para o intercâmbio e progresso da Ciência. Deve-se, entretanto, não confundir uma política de produção com uma política de mera produtividade, que é o que estamos, em grandes proporções, vivenciados nos dias atuais. A geração de resultados científicos, que chamamos de produção científica, depende de reflexão, concentração, debate e uma ampla dinâmica envolvida na criação e elaboração de Ciência; o tempo é uma variável essencial. Ciência de qualidade pressupõe investimentos de médio e de longo prazos.

O tempo individual - ou tempo próprio - e o tempo coletivo - o tempo da comunidade científica - caminham para escalas diferentes. Se, por um lado, as complexidades das questões de pesquisa impõem aos pesquisadores a necessidade de um tempo mais dilatado para a compreensão e o aprofundamento dos debates de sua área, a competitividade sempre crescente e a pressão imposta pelos indicadores de produção ditam um “presto assai” no encaminhamento e na resolução dos problemas em pauta na pesquisa. Este conflito de escalas dos tempos próprio e coletivo é uma constatação de nossos dias e um dos fatores que estimulam a formação e a consolidação de grupos

de pesquisa sempre maiores, interinstitucionais e internacionais. Tempo de pesquisa é uma variável muito significativa no contexto do financiamento da pesquisa.

Sob um outro ponto de vista, a produtividade, pensada no sentido quantitativo de resultados, pode levar a um ciclo de repetitividade do conhecimento, um conhecimento estático que não permite o salto qualitativo, mas que assegurem produção e alimentem a cadeia da produtividade. Temos que atentar para que artigos não sejam simplesmente publicados em regime quase Fordiano ou que assumam uma característica meramente incremental – o que pode satisfazer às exigências de numerologia das agências de apoio à pesquisa; a publicação de resultados deveria ser o resultado de todo um processo de tempo para reflexão e maturação que a elaboração de Conhecimento requer. Investimento pressupõe riscos, mas o investimento em pesquisa, ainda que esta possa não produzir o impacto esperado, nunca é perdido, em vista do caráter cumulativo no processo de gerar conhecimento.

É, sim, dispendioso financiar as Ciências, mas é um investimento sempre mais urgente e prioritário. Francamente, não conseguiria neste texto estabelecer uma conexão devidamente fundamentada naquilo que poderíamos denominar a dialética Capital – Conhecimento, não apenas por exiguidade de espaço, mas, sobretudo, por me considerar ainda muito longe de ser capaz de propor uma reflexão profunda no assunto. Mas, creio que esta dialética mereça a atenção de nossa comunidade e possa abrir caminhos para muitos debates. Temos visto, ao longo do progresso da Ciência, como o Conhecimento tem sido capaz de fazer uma mediação na relação Capital – Trabalho. O Conhecimento redefine e refina o conceito de trabalho, e o coloca menos subordinado à ditadura do Capital; o Conhecimento, nos tempos atuais e muito mais fortemente no futuro, é elemento-chave para a geração de Capital, que estará sempre mais dependente de todas as formas de Conhecimento. E esta tendência é o caminho de abertura para uma convergência das Ciências.

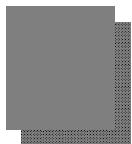
Neste cenário, as Ciências Sociais e Humanas adquirem uma dimensão marcante e a aproximação entre estas e as Ciências Exatas, da Natureza e da Vida é muitíssimo bem-vinda e urgente, para que se fortaleça um debate de espectro muito amplo sobre Conhecimento e Progresso, este último pensado não somente no sentido da evolução tecnológica e de facilidades, mas, sobretudo, no estabelecimento de uma condição humana plena e com uma aprofundada análise das incertezas e dos riscos. O Conhecimento e a Ciência só adquirem máxima dimensão se contribuem para a formulação de um Mundo dos Homens baseado em paridade de acesso aos bens comuns e ao próprio Conhecimento. O Progresso está em também promover uma partição equilibrada entre os investimentos em todas as áreas; certamente, umas podem ser mais dispendiosas do que outras, mas nenhuma delas pode se desenvolver de forma sustentável em detrimento do apoio a outras.

Importante também destacar que é preciso estarmos atentos a não se estabelecer um imperialismo científico. Em um mundo, como o nosso de hoje, onde a ciência básica converte-se em tecnologia em uma escala de tempo muito menor do que em décadas passadas e os desenvolvimentos tecnológicos colocam à disposição da Sociedade recursos sempre mais refinados, é muito natural que as ciências responsáveis por estas tecnologias tendam a se impor sobre as demais, canalizando os investimentos mais robustos para si em detrimento dos investimentos em outras áreas do Conhecimento. O impacto de tecnologias mais complexas redimensiona a Sociedade e requer especial atenção das áreas Humanas e Sociais, entre outras. O rápido desenvolvimento tecnológico pode ser acompanhado de um desequilíbrio nas relações sociais, o que deve ser evitado. Assim, a articulação de pesquisas em áreas que parecem muito distantes de um ponto de vista mais imediatista deve ser fortalecida e não penalizada por um “ranking” superficial de importância das Ciências. O Conhecimento avança de forma compacta, uma área influenciando, mesmo que indiretamente, outras áreas.

Finalizando esta contribuição, gostaria de reiterar sobre a importância da capacidade da Ciência induzir novas realidades, ampliando a nossa visão do que seja o mundo natural. Através das novas realidades criadas, as Ciências nos estimulam a buscar meios de acessar novos regimes da Natureza e, mais amplamente, delimitarmos “novas naturezas”. Com tudo que a História do Conhecimento nos tem mostrado, é preciso investir sempre mais na Ciência do significado, na Ciência que abre novos horizontes, ainda que de contornos indefinidos. Para isto, o estabelecimento de um profundo debate Capital – Conhecimento é muito esperado e bem-vindo, o Conhecimento podendo vir a se fazer o mediador, mas não necessariamente atenuador, da tensão Capital – Trabalho.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão aos Doutorandos Beatriz Moreira da Gama Malcher (Faculdade de Letras, UFRJ) e Karim Abdalla Helayël (IFCS, UFRJ) pelas enriquecedoras trocas de ideias em muitas questões que passam pela Teoria Literária e pela Sociologia. Ao Prof. R. M. Doria (AprendaNet – Petrópolis), agradeço pelas enriquecedoras conversas que muito me estimulam a pensar sobre a relação Capital - Conhecimento.



Ampliando a Esfera Pública da Ciência

Expanding the public sphere of science

Ampliando la esfera pública de la ciencia

André Botelho

UFRJ

Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

andrebotelho@digirotas.com.br

Em primeiro lugar, quero saudar a proposta e agradecer o convite da Revista Intervozes para comentar o texto do físico teórico José A. Helayël-Neto. Conheço e respeito Helayël há muito tempo, não apenas como cientista renomado, mas como militante em favor da ciência e do desenvolvimento científico no Brasil. Tivemos já oportunidades de manter parcerias interdisciplinares muito instigantes, unindo física teórica e sociologia, no âmbito do Grupo de Física Teórica José Leite Lopes, além de atividades de divulgação científica voltadas à sociedade mais ampla. Talvez o aspecto principal de todas essas atividades tenha sido, para mim, a oportunidade de aprender com Helayël como a ciência envolve paixão e responsabilidade pública.

Como eu mesmo pude discutir ao pesquisar a escrita pública do físico José Leite Lopes (desenvolvida entre as décadas de 1940 e de 1980), uma das principais mudanças na reflexão dos cientistas (físicos, em particular) sobre ciência e sociedade daquela geração e das gerações atuais, das quais José Helayël certamente é um dos principais expoentes, diz respeito a uma mudança de paradigma. Se às gerações desenvolvimentistas da ciência brasileira (Leite Lopes, Cesare Lattes, Joaquim Costa Ribeiro, Mario Schenberg e muitos outros) coube persuadir o Estado e a sociedade brasileiros sobre a importância estratégica na criação de uma política e institucionalidade da ciência, eles puderam, ao menos, compartilhar com seus contemporâneos um diagnóstico e uma gramática mais ampla e comum que apontavam, de modo mais ou menos triunfalista, mas igualmente otimista, para a convicção de que o desenvolvimento científico nacional era uma exigência para um país que ambicionava se industrializar. Ora, a geração atual, a geração de físicos engajados como Helayël, não apenas tem tido que lidar com esse legado das gerações anteriores, dos seus mestres, como com a frustração de algumas das convicções e pressupostos que os moviam - mentes, corações e mãos - e que alguns daqueles próprios pioneiros tiveram a oportunidade de vivenciar, naturalmente, de modo dramático, como no caso de Leite Lopes. De fato, foram duas as principais constatações que abalaram as convicções dos cientistas engajados na causa científica do período pós-desenvolvimentista brasileiro (insisto na aparente aporia porque, de fato, apenas uma minoria de cientistas, não importando aqui se são cientistas da natureza ou da sociedade etc., assumem uma condição reflexiva em relação ao seu ofício e às suas exigências e consequências sociais, a maior

parte dele se dedicando apenas a exercê-lo como apenas especialistas rigorosos). Primeiro, a percepção de que o tipo de industrialização enfim implementada no país, por substituição de importações, acabou não exigindo um desenvolvimento da ciência nacional, ao menos como o esperado pelos mais entusiastas, porque aquela industrialização manteve-se tecnologicamente dependente dos centros industriais e também científicos. Segundo, a percepção de que esse caráter estrutural da dependência não implicava, necessariamente, estagnação e mesmo apenas o aprofundamento da dependência científica e tecnológica, mas que comportava também, por assim dizer, zonas de interação virtuosas em que se tornava sim possível se maximizar oportunidades para o incremento da ciência, senão em seu conjunto, em alguns setores que passaram cada vez mais a serem identificados como setores de ponta da ciência brasileira. E esses setores envolvem tanto atividades tradicionais na sociedade brasileira, como as ligadas à agricultura em grande escala, quanto outros realmente inovadores.

Ora, essas duas constatações têm levado desde então a respostas típico-ideais que, enquanto tais, só existem na esfera da abstração, misturando-se uma com a outra na realidade dos fatos. A primeira é essencialmente negativa, na medida em que lembra a promessa não cumprida da ciência e do desenvolvimento. Seu pressuposto é o da totalidade, considerando a ciência como um todo. Ela é simultaneamente “iluminista”, porque aposta na ciência como fator de emancipação, e romântica, porque não aceita simplesmente se adaptar às oportunidades do momento. A segunda é essencialmente pragmática, pois aposta nas oportunidades de interação virtuosa, ainda que pontuais, num espectro que, na verdade, pode ir do mero oportunismo a um desenvolvimento setorial responsável. De todo modo, contrastando-as, percebe-se que aquela ideia de totalidade e aquele ideal do desenvolvimento da ciência como um todo e da sociedade em seu conjunto, já não faz tanto sentido nesta segunda resposta típico-ideal. Em grande medida, é entre essas duas respostas típico-ideais que se movimentam, ainda hoje, em linhas muito gerais, os cientistas engajados na causa da ciência. Como disse anteriormente, na prática eles parecem combinar de diferentes maneiras essas duas respostas aos desafios do nosso tempo e ao legado recebido dos seus antecessores em termos de reflexão e crítica científica, dando lugar, então, a repertórios e gramáticas mais ou menos inovadoras.

Não preciso dizer que os desenvolvimentos acima mencionados estão imbricados a desenvolvimentos históricos e sociais mais amplos, que perfazem o próprio processo da sociedade brasileira nos últimos 50 anos, entre suas escolhas e as consequências também imprevistas que implicam. Do mesmo modo, pode-se perceber a tendência contemporânea mais geral de repensar não apenas como a ciência muda a sociedade, mas como também, ao buscar essa mudança, a

própria ciência muda, em termos de sua organização interna, de práticas e de valores. Como sabem os sociólogos que estudam os movimentos sociais, apesar de, em geral, se considerar que a mudança social causada por um movimento é externa ao próprio movimento, não se deve esquecer que todo movimento social é parte constituinte da própria sociedade em processo de mudança. Ele é, portanto, interno à sociedade, age sobre ela desde o interior. É um caso de sociedade mudando a sociedade.

Mutatis mutantes, o mesmo vale para o engajamento dos cientistas a favor da causa científica na sociedade brasileira, se e na medida em que ele possa, se pensado em termos de uma ação coletiva (como eu mesmo estou persuadido positivamente). Assim, uma parte considerável das mudanças produzidas pelos movimentos a favor da ciência são mudanças nos próprios movimentos (seus participantes, ideologias, regras, instituições, formas de organização etc.), e mesmo as mudanças externas produzidas na sociedade (leis, regime político, cultura etc.) retroagem sobre seus membros e estruturas, modificando o ambiente das ações e as características dos atores (suas motivações, atitudes, ideologias etc.).

A percepção da reciprocidade entre mudanças externas e internas no ambiente da ciência é crucial para uma conscientização dos cientistas como atores sociais e da sua relação mais reflexiva com o produto do seu trabalho especializado e dele com a sociedade com a qual, tenham ou não consciência, eles fazem parte. Obviamente, esse é um processo político porque implica não apenas numa espécie de des-alienação do trabalho científico, como ainda uma espécie de teste deste numa esfera pública mais ampliada que, também por esse motivo, tornar-se-á cada vez mais robusta e importante na definição dos desenhos cognitivos e institucionais, bem como nas decisões relativas às metas, objetivos e justificativas da produção e da organização da ciência e da tecnologia. A meu ver, é esse vínculo recíproco entre mudanças externas e internas no ambiente da ciência que aparece tão bem problematizado no texto de José Helayël, ao mesmo tempo em que lhe confere uma inteligibilidade sociológica que permite constatar que fazer-se herdeiro de uma tradição crítica, de fato, nada tem a ver com passividade, mas implica, ao contrário, numa postura ativa, crítica e criativa diante dos novos – mas também dos velhos e persistentes – desafios postos e repostos aos cientistas sobre o lugar e o papel da ciência na e para a sociedade. Lembra, nesse sentido, o físico teórico em seu texto, que a “complexidade e o nível de especialização muito vertical das temáticas e questões de pesquisa das áreas do conhecimento de nossos tempos podem facilmente nos levar a priorizar a aplicação, em detrimento do significado, e nos afastar daquele que é o contexto de nossos tempos”. Ainda, chama a atenção para o papel de uma “cultura da produtividade” e para como a “submissão a frios indicadores” impedem um elemento essencial na geração de conhecimento, que chama de

“tempo para reflexão” e consequente risco da “repetitividade na corrida por resultados que garantam quantitativo de produção”. E “tempo para reflexão” envolve, necessariamente, o encontro com os outros do cientista, um “outro” que está não apenas na sociedade, no Estado ou no mercado, mas no próprio ambiente científico, tão compartimentada em especialidades que a ciência se encontra, o que parece impedir a comunicação exitosa entre suas diferentes partes. Mas essa aparência é apenas a expressão necessária desse próprio processo de alienação em que a ciência se pensa na maioria das vezes como protagonista, mas que também não deixa de ser, em certo sentido, personagem secundária, senão um mero figurante. É preciso então alargar a esfera pública da ciência, para que o “tempo para reflexão” não seja apenas uma conquista para o eu individualizado, pós-burguês, mas mais insuflado ainda em termos egocêntricos do cientista, mas um tempo comum para a reflexão comum entre cientistas e sociedade e da própria ciência.



Para que serve a ciência?

What is science for?

¿Para qué sirve la ciencia?

Maria Cecília de Souza Minayo

FIOCRUZ

Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

maminayo@terra.com.br

A pergunta pode soar instrumental, mas a ideia de desenvolvê-la está na busca do seu significado. O texto do Prof. Helayël-Neto, um físico, é simplesmente instigante, pois ele ultrapassa as fronteiras disciplinares e traz, para a pauta do debate, as relações sociais e de poder no campo científico. O autor reflete sobre as mudanças socioeconômicas e tecnológicas globais, quase todas impulsionadas pela própria ciência; sobre a complexidade que cada vez mais afasta a produção intelectual das pretensões apenas unidisciplinares; e, sobre o modelo competitivo dominante entre cientistas no mundo e também no Brasil, o que acaba por valorizar a repetição e o produtivismo acadêmico em lugar do significado e do mérito das descobertas.

Interessante é notar que as questões que afligem o autor - e também a muitos de nós - dominaram o século XX e foi definitivamente colocada por Bertolt Brecht em sua peça "A vida de Galileu" (1977). Escrita em 1939 durante seu exílio na Dinamarca, por meio dela, esse dramaturgo introduziu gerações de plateias aos dilemas éticos da ciência contemporânea. Essa ciência que, justamente, a partir da Renascença, foi ganhando relevância progressiva, até se tornar uma força de desenvolvimento social e econômico, ao mesmo tempo em que se institucionalizava e se profissionalizava.

Interpretando a obra "Discursos em torno de duas Novas Ciências" (1988) o dramaturgo alemão Bertolt Brecht, em primeiro lugar, fala das ciências da natureza e da necessidade de libertá-las do jugo da religião, dos preconceitos intelectuais e da tirania ideológica por meio do cultivo da imparcialidade, da autonomia, da neutralidade, mas também, de uma notável coragem. O apelo a esses valores era motivado pelo repúdio à interferência da religião, dos impérios e do pensamento aristotélico na ciência, um problema de seu tempo. O próprio Galileu quase morreu pelo fogo da Inquisição. Mas, conseguiu se livrar e dedicou sua vida a um trabalho potente que colocava a "dúvida" como virtude científica, em lugar da acomodação ao estabelecido. Brecht coloca as seguintes palavras na boca de seu personagem-título em "a vida de Galileu": "a miséria de muitos é velha como as montanhas, e, segundo os púlpitos e as cátedras, ela é indestrutível, como as montanhas. [...] Entretanto, seremos cientistas, se nos desligarmos das pessoas? Vocês trabalham para que? Eu sustento que a única finalidade da ciência é aliviar a canseira da existência humana. [...] Se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por

amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais" (p.8-18).

Portanto, tanto em Galileu como em Brecht, a ciência deve estar a serviço da humanidade e se guiar pelo sentido transformador das condições sociais degradantes dos seres humanos. Ela não contém toda a verdade e precisa permanentemente ser colocada em xeque, pois, se ao longo do tempo tem atuado como grande destruidora do obscurantismo e dos mitos perante a história, ela também vai criando sua própria mitologia e sua mística.

No mesmo sentido, em 1999, a UNESCO convocou uma grande assembleia mundial, preocupada com os rumos da instrumentalização das novas descobertas tecnológicas e do pragmatismo cada vez mais presente entre os cientistas. O documento final dessa Assembleia (UNESCO, 1999), que foi reafirmado em seu conteúdo posteriormente (UNESCO, 2003) estabeleceu alguns consensos: (1) ciência e tecnologia são, hoje, inegáveis fatores de desenvolvimento humano, social, econômico e ambiental; (2) são também um bem social e constituem uma herança cultural da humanidade, pois, muitas transformações importantes a favor das sociedades advêm da aplicação do conhecimento coletivamente gerado. (3) Dentre os ganhos da ciência contemporânea a UNESCO assinala: elevação impressionante da expectativa de vida e descoberta para cura e tratamento de muitas doenças; aumento exponencial da produtividade agrícola em muitas regiões do planeta, levando a que a pobreza extrema no mundo tenha diminuído em 60% nos últimos 10 anos; desenvolvimento e uso de novas fontes de energia; oportunidade ímpar de libertar a humanidade do trabalho árduo, permitindo a criação e a expansão de novos produtos e processos industriais; desenvolvimento de tecnologias de comunicação, de informação e de computação que oferecem oportunidades e desafios sem precedentes para a comunidade científica e para a sociedade. Os documentos da UNESCO falam ainda sobre o quanto a ampliação contínua do conhecimento científico sobre a origem, o funcionamento e a evolução do universo e da vida oferece à sociedade abordagens conceituais e práticas que exercem profunda influência sobre sua conduta e suas perspectivas.

Os mesmos documentos, entretanto, mostram o outro lado da moeda, o rastro de problemas que o avanço da ciência e da tecnologia tem trazido: tendência à burocratização do fazer científico; frequente domínio nas pautas de pesquisa dos interesses instrumentais e econômicos; incerteza quanto aos impactos e riscos sociais aportados pelas inovações e novos artefatos sobre a vida humana e a natureza; degradação ambiental e a desastres provocados por intervenções tecnológicas, contribuindo para desequilíbrios e exclusão social; aumento do potencial dos conflitos e guerras pela produção de armamentos sofisticados e armas de destruição em massa; desenvolvimento na área de medicina e de saúde produzidos à custa de populações vulneráveis e para o benefício de poucos.

Os documentos da UNESCO fazem algumas advertências mostrando que o conhecimento por si só é incapaz de transformar e é preciso incorporar, cada vez mais, a experiência da sociedade na discussão dos problemas de pesquisa que a afetam. Incentiva a produção científica e tecnológica em grupo e interdisciplinar; reconhece a complexidade das questões hoje postas à humanidade; e insiste como relevante, a necessidade de concentração de esforços em projetos com maior probabilidade de gerar massa crítica, resolver questões prioritárias dos países, das regiões e das localidades.

Membros importantes da comunidade científica também têm se pronunciado sobre os problemas do mundo científico que, na verdade, são mais da ordem do poder, da competitividade ou mesmo da preguiça intelectual. Em 1958 Wright Mills (2009) já falava de uma ciência sem conteúdo e sem sentido e chamava atenção para a necessidade de se dedicar ao trabalho intelectual. Para os estudantes que o seguiam dizia: “É melhor começar, lembrando a você, estudioso iniciante, que os mais admiráveis pensadores da comunidade acadêmica em que você decidiu ingressar não separam seu trabalho de suas vidas” (p.21). Adorno e Horkheimer (1981) também foram ferrenhos críticos de uma ciência apenas preocupada em produzir dados sem se perguntar pelo seu sentido, quase sempre caracterizada pelo que chamavam “fetiche do método”. Esses autores desenvolveram uma linha metodológica compreensiva da sociedade e dos seres humanos a que denominaram “hermenêutica objetiva” com a finalidade de descortinar a lógica que existe entre as estruturas de reprodução social e as estruturas de transformação, inclusive as provenientes da ciência e tecnologia.

Mais próximo ao momento atual, Jonh Michael Ziman (físico e filósofo inglês) (2003) fala de uma ciência em mutação para uma sociedade em transformação. E faz fortes críticas ao modelo de cientista que se julga livre de controles externos e trabalha apenas visando a avaliação por pares. Eles advogam uma agenda científica de excelência voltada para o desenvolvimento sustentável com a participação da sociedade. Proposta semelhante se encontra no livro “O contrato social da Ciência” de David Guston e Kenneth Keniston (1994). Nele, os autores falam da necessidade de que as pesquisas de qualquer área sejam orientadas pelos interesses da sociedade e com responsabilidade explícita dos pesquisadores em relação aos temas que estudam. Esse tem sido um tema dos estudos de Minayo (1998; 2010) em avaliações da Pós-Graduação em Saúde Coletiva, entendendo que é, principalmente, ao redor desses cursos que a ciência brasileira se desenvolve.

Ou seja, a questão do significado que ultrapassa a mera exposição de dados, o aprofundamento dos objetos de pesquisa com responsabilidade social – sejam eles básicos e demorem muitos anos para dar fruto, sejam eles estratégicos para apoiar políticas públicas e iniciativas da sociedade, sejam eles operacionais e urgentes – ultrapassam qualquer projeto imediatista, produtivista e competitivo.

REFERÊNCIAS

Adorno, T.; Horkheimer, M. (1981) **Sociológica**, Madrid: Taurus; 1981.

Brecht, B.. **A vida de Galileu**. Abril Cultural, 1977.

Galileu Galilei. **Discursos em torno de duas ciências novas**, Rio de Janeiro: Museu de Astronomia, 1988.

Guston D.H.; Keniston K. **The fragile contract**. Cambridge and London: MIT Press; 1994.

Minayo M.C.S. Rumos e desafios ao encerrar o processo de avaliação da Pós Graduação stricto sensu em Saúde Coletiva (1994-1997). **Ciencia & Saúde Coletiva**, 1998; 3(1):83-94.

Minayo, M.C.S. Pós-graduação em Saúde Coletiva de 1997 a 2007: desafios, avanços e tendências. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2010, vol.15, n.4, pp.1897-1907.

United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization. **Declaração sobre ciências e a utilização do conhecimento científico**, Brasília: UNESCO, 1999.

United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization. **A ciência para o século XXI: uma nova visão e uma base de ação**. Brasília: UNESCO, ABIPTI, 2003.

Wright Mills, C. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009.

Ziman J.M. What is happening in science? In: Cozzens SE, Healey P, Rip A, Ziman J, editors. **The research system in transition**. Dodrecht: Klowe Academic Press; 2003.



J. A. Helayël-Neto

CBPF/MCTIC

Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

josehelayel@gmail.com

Antes de mais nada, considero prioritário agradecer a oportunidade de aprendizado que participar de um diálogo com intelectuais admiráveis como André Botelho e Maria Cecília de Souza Minayo me proporcionou. A possibilidade de trocar ideias com parceiros na Sociologia e na Antropologia constituiu uma experiência muitíssimo significativa para mim, como profissional atuando na área da Física. Construí o meu texto com base em minha experiência de pesquisa e a partir do convívio com formadores decisivos para a minha vida profissional, como os Professores Abdus Salam, Paolo Budinich e José Leite Lopes.

A partir de meu texto inicial, Conhecimento, Significado e Contexto, foram apresentados os textos-comentário do Prof. André Botelho, Ampliando a Esfera Pública da Ciência, e da Professora Maria Cecília de Souza Minayo, Para que Serve a Ciência? ambos maximamente enriquecedores, complementares entre si, explicitando e expandindo questões fundamentais que não foram contempladas no meu texto de partida, mas cujos autores elaboraram e puderam descortinar novos horizontes a partir do mesmo.

O texto do professor Botelho coloca de forma muito fundamentada, densa e clara tensões de um passado recente e contemporâneas da Ciência brasileira no período pós-desenvolvimentista, contextualizando o processo de se gerar Ciência no Brasil no quadro mais amplo de nossas mudanças sociais e econômicas dos últimos cinquenta anos. O texto do Professor Botelho é extremamente oportuno por discutir a questão da consolidação da Ciência no Brasil, explicitando os grandes desafios que os cientistas brasileiros devem enfrentar no debate referente ao lugar e ao papel da Ciência na e para a sociedade. Um importante elemento que o Professor Botelho insere no debate é que a percepção da reciprocidade entre as mudanças externas e internas no ambiente da Ciência apresenta-se como um elemento-chave para a conscientização do cientista como ator social e para o aprofundamento da compreensão de uma sua relação mais reflexiva para com a sociedade.

Na linha da relação entre a Ciência, o cientista e a sociedade, o texto da Professora Minayo se colima de forma nítida com a proposição do Professor Botelho sobre a relação mais reflexiva que se deve cristalizar do cientista com a sociedade. Estabelecendo um panorama fundamentado em autores

como Brecht, Adorno e Horkheimer, a Professora Minayo reforça o discurso de que a Ciência deve complementar a agenda do mero tecnicismo, das novas concepções e descobertas e do diálogo e troca entre os próprios cientistas, com a necessidade de um encontro com os anseios da sociedade e com a responsabilidade explícita em relação aos temas dos estudos e pesquisas.

A Ciência, como simples formulação de ideias e proposição de novos conhecimentos, orientada pelo pragmatismo de suas aplicações, se está exaurindo. Na síntese dos três textos que se complementam neste debate, refletimos sobre como a Ciência está transitando para uma nova era, em que passa a ser elemento constitutivo do processo social, devendo estender-se muito além dos domínios atuais e ir ao encontro das mudanças sociais, para as quais também tanto contribui, criando um ciclo contínuo de auto interações.

A formação científica das décadas mais recentes, devido à alta complexidade que vem dominando todas as áreas do Conhecimento, insiste muito fortemente nos aspectos técnicos e altamente especializados. É uma necessidade e se tem que atendê-la. Entretanto, o aspecto humanista da formação de qualquer docente ou pesquisador é deixado em plano de baixa prioridade, sobretudo quando se trata das Ciências Exatas, Naturais e da Terra e das Engenharias. A ausência de cursos de Epistemologia, Filosofia, História da Ciência e Ética nestas áreas deveria ser repensada com a devida atenção. Um cientista deve, antes de tudo, mapear o contexto de sua área específica e a inserção de sua área no mundo do Conhecimento.

A questão não é apenas resolver um problema; é, sim, antes de mais nada, compreender o seu significado, a sua abrangência e a sua eventual relação e capacidade de proporcionar interação com outras áreas. A aplicação e o para-que-serve virão como consequência, mais cedo ou mais tarde, se a pesquisa é forte de significado. O que procuro reiterar em meu texto, e que pude ver reforçado e muito bem fundamentado nos textos dos professores Botelho e Minayo, é a Ciência com a consciência de seu significado em sua época, com a auto avaliação do peso de sua contribuição às questões de seu tempo e com a percepção de possíveis relações com outras áreas do Conhecimento, ainda que, em uma primeira análise, aparentemente distantes.

O mundo submicroscópico e o domínio quântico da Natureza nos revelam características muito particulares da matéria e da radiação de nosso Universo, como comportamentos duais e incertezas inerentes ao processo de se conhecer cada vez mais. À medida que o Conhecimento se aprofunda, novas variáveis emergem e o controle total de umas pode ocasionar o descontrole de outras. Esta complementaridade inerente à Natureza é uma grande lição para todos aqueles que buscam estender os domínios do Conhecimento humano. O celebrado Princípio da Incerteza de Heisenberg pode ser interpretado como um limiar que limita o pleno conhecimento da Natureza por parte da

Ciência. O avanço e a solução de grandes questões em uma área podem significar o estabelecimento de grandes questões em aberto em outras áreas, revelando conexões ausentes nos problemas de partida. Não nos basta demonstrar o clássico Teorema de Pitágoras da Geometria estudada em nossos cursos fundamental e médio; buscar compreender o contexto em que foi concebido e avaliar o seu significado e seu real alcance nos transportam do gueto da Geometria para a compreensão do progresso do Conhecimento como um todo. Ciência com consciência, na avaliação mais rigorosa de seu significado, deve apontar para estas conexões. Ter clara esta posição confere uma importância maior à sua contribuição científica.

A arte existe por que a vida não basta.

Art exists because life is not enough

El arte existe por que la vida no basta

Claudio Partes

Partes Design Studio de Ideias
Petrópolis, RJ, Brasil
claudiopartes@gmail.com

Há muito uma exposição deixou de ser simplesmente uma série de quadros pendurados em paredes brancas ou objetos dispostos sobre suportes, fazendo com que os espaços onde elas acontecem sejam melhor compreendidos e aproveitados (CASTILLO, 2008). Na verdade, mesmo quando este era (ou caso ainda seja) o formato escolhido, uma exposição vai muito além da disposição e formato adotados para expor as obras; ela tem a ver com as ideias e proposições presentes no conteúdo exposto. Em alguns casos, a exposição é resultante do desejo de mostrar o novo, ou demonstrar, celebrar ou promover de forma diferenciada determinado tema. Artistas e produtores valem-se cada vez mais de montagens que dialoguem ou potencializem o conteúdo, suas ideias e valores, proporcionando ao público experiências mais ricas e únicas.

Partindo deste posicionamento e somando criatividade, inventividade e parcerias para superar particularidades comuns de lugares fora dos grandes centros e melhor aparelhados, relato um pouco da minha experiência ao longo dos últimos dez anos, criando e produzindo exposições artístico-culturais, muitas tendo como espaço e parceria o Centro Cultural Fase – FMP.

MEDICINA E ARTE, ARTISTAS E CIENTISTAS

Para muitos, algumas combinações e misturas podem soar inusitadas ou mesmo díspares, algo que na vida de inúmeros artistas e criativos são uma constante; molas propulsoras para estimular a mente, criar, trilhar novos caminhos, materializar novidades e construir novas realidades.

Há mais semelhanças entre artistas e cientistas do que podemos supor num primeiro instante: mergulhados em pesquisas, estudos e testes, numa caminhada sem plena segurança de êxito, às vezes distantes de certezas, fórmulas prontas e referenciais passados. Uma busca solitária, por vezes compreendida apenas por pares igualmente "loucos". Não devemos esquecer exemplos históricos, como Galileu Galilei e Leonardo da Vinci que transitavam entre ciência e arte e legaram grandes avanços em diferentes áreas. Em estudo sobre 73 cientistas de sucesso, Tânia Araújo Jorge, pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz, conclui que muitas vezes, por meio da arte, os cientistas encontram as ferramentas para fazer ciência: "A beleza é o primeiro teste nas ciências e nas artes: não há lugar permanente para a ciência feia ou não inspirada" (JORGE, 2017). A autora relata suas

experiências ao buscar estratégias que ampliem a criatividade na formação de docentes e cientistas, bem como orientações mais holísticas.

Iniciativas como esta ampliam horizontes e as possibilidades de se fazer algo novo, inspira e promove a vida acima de números, quer como dados estatísticos ou financeiros, isso tanto nas artes, como nas ciências. Criar e produzir junto a um Centro Cultural, dentro de uma faculdade que tem a ciência como base, para mim é justamente estreitar essa relação entre razão e sensibilidade.

PONTO DE PARTIDA

Minha relação com as artes iniciou-se muito cedo, antes da pré-escola, um fascínio pelas imagens, formas e cores. Algo que com o passar dos anos foi se ampliando e permeando outras possibilidades criativas, sempre tendo a possibilidade de experimentação e estimulação do “sentir”, em especial a partir do campo visual. Experiências que conduziram à produção cultural e ao *Arte Garagem*¹, evento que surge por conta das dificuldades de acessar espaços expositivos formais, somado à vontade de aproximar novos e antigos artistas e levar diversidade ao público, em especial estranhos à arte contemporânea².



¹ *Arte Garagem*, evento realizado ao longo de dez anos contínuos; no início, em conjunto com as artistas plásticas Rosa Paranhos e Ana Lucia Sigaud, com a participação de diversos artistas locais (petropolitanos) e de outras regiões do país. Foi mais de uma vez contemplado com editais da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro e, em uma das edições, chancelado pelo MinC a captar via lei de incentivo federal. Indicado ao Prêmio de Cultura RJ (2012).

² A arte contemporânea se caracteriza principalmente pela liberdade de atuação do artista, sendo um conjunto de diferenciados movimentos, vanguardas, técnicas e estilos, pois ela não trabalha apenas com objetos concretos, mas principalmente com conceitos e atitudes. Não existe um consenso sobre o início do seu período, na maioria das vezes apontado como pós Segunda Guerra Mundial.



A proposta do *Arte Garagem* foi de promover a arte por meio de exposições, palestras, oficinas e publicações, e teve como espaços expositivos garagens, porões, galerias, jardins e praças. Com ele, confirmei que era possível ampliar horizontes e realizar além das limitações impostas por padrões vigentes e pela ausência de recursos financeiros. Se não tomarmos cuidado, nos tornamos reféns e usamos as limitações e regras como desculpas, esquecemos que podemos ir além dos condicionamentos impostos pelo passado e pelo presente.

OS ESPAÇOS DA ARTE E DA CULTURA

Nestes dez anos, foram diversos os locais e públicos. E neles, e com eles, a presença, a força e a capacidade que a arte tem de evocar sentimentos, de fazer as pessoas olharem com outros olhos, além do tão acostumado e condicionado olhar da razão, e a partir deste novo olhar, se sensibilizarem, despertarem para outras sutilezas que nos rodeiam e que às vezes nos tornam tão brutalizados e frios para notar. Nas palavras de Tânia Araújo Jorge, afinal “artistas têm uma sensibilidade apurada para a percepção dos problemas da sociedade e comumente sintetizam e antecipam questões cruciais” (2017).

Vi a diferença de expor, falar e interagir com artistas, acostumados com o “artês”, como diria a artista Sigrid Haack³, que acabam se retro-alimentando e cultuando-se como “novos deuses” e expor em novos e inusitados espaços, ampliando o diálogo e possibilidades, fazendo-nos ver novos horizontes. A vida é plural com todas as suas singularidades, e a desgastada frase de Milton

³ Sigrid Haack, artista plástica e psicóloga, parceira em duas edições do *Arte Garagem* e consultora na intervenção “Arqueologia Contemporânea”.

Nascimento que diz que “o artista deve ir aonde o povo está” é válida não só para os artistas, mas para todos que desejem ver e fazer algo para seres reais e uma vida que acontece fora das teorias, que, às vezes, escapam aos discursos dominantes extensamente referenciados e balizadores (TOURAINÉ, 2009).

Às vezes, alguns espaços tendem a criar tantas normas e regras, que acabam por matar ou condicionar formatos, gerando uma padronização que acomoda e vicia de forma destrutiva a percepção e o fazer.

Encontrar ou criar novos espaços e meios com liberdade é salutar ao progresso e à evolução física e mental, e isto envolve não apenas o espaço arquitetônico, mas também seus agentes. Muitas vezes, limitações de recursos podem ser suprimidas quando os interesses, desejos e compromisso para que um projeto aconteça caminham juntos, cientes das dificuldades e riscos a serem assumidos de forma compartilhada. Exemplos que ilustram este formato foram realizações em espaços como o Palácio Rio Negro, o Centro Cultural Fase – FMP, a Casa de Cláudio de Souza e a Casa da Ipiranga, todos em Petrópolis.

No caso específico do Centro Cultural Fase – FMP, a cumplicidade nas realizações inclui diálogos constantes com o Coordenador de Extensão Ricardo Tammela, na busca por soluções e formatos que compensem limitações e ampliem o envolvimento e relação com o meio acadêmico. Nesta direção, ressaltamos a intervenção *Arqueologia Contemporânea*⁴, transformada em exposição no próprio Centro Cultural e, na sequência, convidada a ser montada no Centro Cultural da ALERJ, no coração cultural do Rio de Janeiro.

A intervenção foi acompanhada de um bate-papo interdisciplinar, reunindo profissionais e estudantes de arte, psicologia, arquitetura, turismo, fotografia, promovendo uma reflexão sobre o trabalho e alguns aspectos abordados por ele, como a velocidade com que as coisas atualmente acontecem, o quanto somos engolidos por tecnologias e apelos imediatistas e na maioria das vezes superficiais (BAUMAN, 2001), nos fazendo até mesmo esquecer nossa essência, quem somos e quais os valores que deveriam importar.

⁴ A intervenção *Arqueologia Contemporânea* propôs resgatar a memória do espaço, por meio de prospecções pictóricas (técnica que remove camadas de tinta na busca de revelar cores e vestígios encobertos). Ao todo, foram 45 dias de trabalho que resgatou vestígios de diversas exposições realizadas no espaço, entre elas *Arte Garagem* (2007), *Magnífica Causa* (2009), *UniVerso PhotoGráfico* (2011), *Da Rua* (2012).

TRANSDISCIPLINARIDADE

A vida é transdisciplinar, e por mais que façamos escolhas e nos especializemos, os estímulos e necessidades vêm de todas as direções, assim como as ideias, possibilidades e completude. Trabalhar com criação e manter-se aberto a essa pluralidade é sair da nossa zona de conforto e levar nossa *expertise* ao encontro do inusitado, dos desafios. Ao somarmos conhecimentos e experiências, potencializamos nossa capacidade de ir além e enxergar fora da caixa. Leonardo da Vinci certamente é um dos maiores exemplos de uma vida transdisciplinar, com estudos que mesclavam arte, ciência, engenharia, anatomia, entre outras áreas (FRIEDENTHAL, 1983).

Perspectivas como essas trouxeram soluções para exposições realizadas em prédios históricos de Petrópolis, entre eles o antigo fórum de Petrópolis, atual CEFET, o Palácio Rio Negro, a Casa de Cláudio de Souza, preservados pelo IPHAN⁵. Além de inúmeras contribuições que minimizaram investimentos e permitiram diálogos que resultaram em exposições, como *280 dias - gravidez e adolescência*, *Isso é Ciência*, *Juventude em Ação* e *Brasil- Portugal: o mar que nos separa, a língua que nos une*, entre outras.

No caso da premiada Brasil-Portugal, contemplada com o Prêmio Maestro Guerra-Peixe de Cultura 2014, a pluralidade proporcionou a realização de uma exposição cenográfica e interativa, onde os visitantes podiam subir à proa de uma caravela, mergulhar no universo de Fernando Pessoa através das poesias de Álvaro de Campos e enriquecer a experiência sensorial com uma trilha sonora composta com três momentos pelo músico André Mendes. Mais do que mostrar particularidades da cultura lusitana, a exposição convidava os visitantes a refletirem sobre suas próprias jornadas pessoais. Outro desafio foi transformar a pesquisa realizada pela enfermeira e Professora Doutora Miriam Heidemann sobre gravidez e adolescência⁶ em uma exposição que fosse atraente ao público jovem, que conseguisse sair das costumeiras abordagens que envolvem o assunto. Deparar-se com depoimentos de meninas com menos de 12 anos gestantes e descobrir que temas como este são bem mais complexos do que imaginamos ao apontar culpados e inocentes é, de alguma forma, colocar nosso conhecimento e experiência alinhados com a educação e o social, de modo que uma exposição não seja apenas um mero entretenimento, mas um espaço de diálogo e reflexão. Situações como essa também foram encontradas em exposições como *Agora Vale a Verdade*, sobre a ditadura e *Mbyá Rekó - o jeito de ser guarani*.

⁵ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁶ Pesquisa desenvolvida através do PET Saúde – Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde, do Ministério da Saúde, por alunos e professores dos cursos de Medicina e Enfermagem da Faculdade de Medicina de Petrópolis, e coordenado pela Professora Doutora em Enfermagem (EEAN/UFRJ) Míriam Heidemann.



No alto: exposição coletiva "Artegaragem", realizada no SESC Três Rios (2014).
 Acima: detalhe de trabalhos feitos em impressão 3D pelo designer e pesquisador Jorge Lopes, expostos na exposição "Corpo: ciência, arte e tecnologia", realizada no Centro Cultural Fase-FMP (2014).
 Fotos: Claudio Partes



DA TEORIA A PRÁTICA

Mais do que na criação, produzir é um trabalho de equipe, de diálogos e trocas constantes, na busca pela materialização das ideias que, até serem colocadas em prática, são repletas de teorias e pré-concepções. Produzir pede negociações, adequações, ajustes, quer pelas necessidades naturais da transposição dos sonhos à realidade, do conteúdo científico à expressão artística, quer pelos aspectos relacionados ao cronograma, recursos econômicos ou mesmo pela equipe e profissionais envolvidos. Em especial, quando resolvemos sair dos modelos e fórmulas já conhecidas.

Um dos grandes desafios e prazeres é justamente a busca e o encontro entre ideias e realidades, das infinitas possibilidades permitidas na fase de ideação criativa com as possibilidades reais que vão sendo definidas ao longo do projeto, e, finalmente, na materialização. Às vezes, a criação parte de necessidades, informações definidas, outras nascem de devaneios, momentos e estados onde tudo é permitido. É importante salientar a importância de estados como este, descomprometidos com possibilidades concretas ou reais, hipóteses, que nos permitem ir além de qualquer fator limitador. Muitas vezes, em situações como essas criamos ou visualizamos possibilidades a que dificilmente chegaríamos por meio de formatos mais analíticos ou cartesianos, algo próximo de técnicas como *brainstorm* ou outras abordagens adotadas inicialmente por empresas de design e criação e difundidas para outras áreas através de metodologias como o *Design Thinking*, que adota abordagens multidisciplinares⁷ (BROWN, 2010).

Desde o início dos meus projetos expositivos, o design é um grande aliado, por reunir um lado extremamente livre, criativo (é uma constante as pessoas me procurarem para fazer algo novo, diferente das existentes) e das outras imposições, como prazos, limites financeiros ou mesmo exigências conflitantes com o “algo novo, diferente”.

Hoje, vemos o design contribuindo com os mais diversos setores, adotado por equipes diversas de gestão, administração, estratégia, contribuindo com soluções e transformações em áreas como Saúde, Engenharia, Educação, Humanas, Sociais, entre outras, como o trabalho do pesquisador Jorge Lopes⁸, com impressão 3D de fetos a partir de ultrassonografia e tomografia computadorizada, quer para identificação de possíveis anomalias ou para que os pais tenham contato físico com “bebê” antes mesmo dele nascer.

⁷ *Design Thinking* é um método prático-criativo interdisciplinar que busca diversos ângulos para a solução de problemas.

⁸ Jorge Lopes é PhD em *Design Products* pelo *Royal College of Art*. Pesquisador e Professor da Pós Graduação em Design do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, teve peças e vídeos do seu trabalho expostos na exposição *280 dias: Gravidez & Adolescência*, no Centro Cultural Fase-FMP.

É inegável o grau de competência e conhecimento que nos dá uma formação e aprofundamento focado em um único ponto. Contudo, acredito que se esta formação e caminhada não dialogarem e se associarem com outras áreas e profissionais, tendemos a um cenário limitado e distante da vida como ela realmente é. Percebo posicionamentos como este, tão distantes da realidade quanto o artista que mergulha em seu universo criativo, trazendo ao mundo obras tão herméticas, que certamente precisarão de outros para, de alguma forma, conectá-las com o real.

PRODUÇÕES CONECTADAS COM A REALIDADE

Um dos fatores importantes de todas as exposições realizadas reside na consciência dos recursos disponíveis e na otimização dos mesmos, o que pode parecer simples, mas se olharmos ao redor, percebemos que vivemos em um sistema que convida ao desperdício, promovendo cada vez mais disparidade e contrastes sociais e culturais. Consumimos e gastamos muito, e nem sempre toda esta energia é direcionada à qualidade de vida ou às necessidades que realmente importam. Alguns desses aspectos foram percebidos no processo de pesquisa e estudos para a exposição *Mbyá Rekó - o jeito de ser guarani*⁹.

Trabalhando dessa forma, temos conseguido, eu e aqueles com quem venho trabalhando, realizar fora dos grandes centros, permitindo acesso à cultura para pessoas que não frequentam tais polos culturais. Exposições que rompem com formatos tradicionais, proporcionando imersões interativas e o contado com temas que, se fossem apresentados de forma convencional, não impactariam e não acrescentariam de forma substantiva à experiência do visitante.

Acredito que cada um, em especial cada profissional, tenha o dever de ser mais e oferecer mais do que simples fórmulas, respostas e ações que pouco ou nada acrescentam à vida. Um pouco disso aprendi trabalhando com o fotógrafo e artista Sebastião Barbosa¹⁰. É muito gratificante encontrar e trabalhar com pessoas que mesmo após longa caminhada ainda guardam espaço para o novo, possuem um frescor na área que escolheram para atuar e continuam se desafiando e, com isso, nos mostrando que podemos mais. Neste sentido, percebo que a arte com todo seu vigor e espontaneidade deve cada vez mais se associar à educação, pois dos primeiros anos aos espaços

⁹ Durante o processo de pesquisa para a exposição *Mbyá Rekó*, foram realizadas algumas visitas e estada na aldeia Guarani Hara Hovy em Maricá, objetivando que a mostra transmitisse o máximo possível de detalhes e particularidades da cultura deles, aspectos que certamente não seriam captados ou compreendidos apenas com revisões teóricas distanciadas do ambiente onde vivem.

¹⁰ Fotógrafo amazonense, com diversos trabalhos experimentais e que tem como foco promover o livre e fácil acesso do público, sem com isso perder e deixar de estimular o senso crítico e social.

acadêmicos, ela nos mostra que fazem a diferença aqueles que atuam fora das curvas, que persistem e nos entregam resultados que vão além das repetições de modelos e padrões, "sombras na caverna", como no clássico de Platão¹¹.



Detalhes da exposição "Brasil-Portugal: o mar que nos separa, a língua que nos une", em primeiro plano obra da artista Adriane Guimarães, que dispõe versos do poeta Fernando Pessoa de forma fluída através de pinturas de artérias sobre palavras do próprio verso (2014). Foto: Claudio Partes.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BROWN, Tin. **Design Thinking : uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro: Campus Elsevir, 2010.

FRIEDENTHAL, Richard. **Leonardo da Vinci: uma biografia ilustrada**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 1983.

¹¹ Alusão à "Alegoria da Caverna" do filósofo grego Platão, que se encontra em seu livro *A República*, em que os seres que a habitavam tinham as sombras como realidade.

JORGE, Tânia C. Araújo. **Relações entre ciência, arte e educação: relevância e inovação.** Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/artigos/338-relacoes-entre-ciencia-arte-e-educacao-relevancia-einovacao>. Acesso em: 08/08/2017.

PLATÃO. **A República.** Cidade da editora???: Difusão Européia do Livro, 1965.

SALCEDO DEL CASTILLO, Sonia. **Cenário da Arquitetura da Arte.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008.

TOURAINE, Alain. **Pensar Outramente - o discurso interpretativo dominante.** Petrópolis: Vozes, 2009.

“Ética Ambiental”, de José Renato Nalini

Environmental ethics

Ética ambiental

Paulo Klingelhofer de Sá

FMP

Petrópolis, RJ, Brasil

paulosa@fmpfase.edu.br

Uma referência no âmbito do debate da questão ambiental no Brasil, o livro “Ética ambiental”, de José Renato Nalini, trata de uma análise sobre o que avançou, ou não, em termos de decisões e mudanças no estilo de vida da humanidade, em face aos inúmeros alertas a respeito da grave crise ambiental que continua em curso.

Mais que um tratado de direito ambiental, a segunda edição do livro enfatizou a questão ambiental sob o olhar dos inúmeros aspectos da crise. Nessa edição, o autor enfatiza a grave crise ética mundial que reforça o caminhar rumo a uma sociedade insustentável. O espaço de tempo de sete anos entre a segunda edição e a terceira, alvo dessa resenha, revela um quadro muito preocupante em relação a esse tema. Destaco que a terceira edição é de 2010, ou seja, estamos em 2017 e o livro não só ainda é extremamente atual, como nos faz ficar estarecidos com o atual “andar da carruagem”.

Na apresentação do livro, o autor alerta para as diversas incoerências nas opções dos governos em termos de crescimento econômico globalizado e as decisões rumo a uma sociedade mais sustentável.

No primeiro momento do livro, o autor enfatiza como a interação Homem/Ambiente encontra-se deteriorada e reduzida ao aspecto caricato da natureza, tendo em vista que o olhar na sua direção é de cunho utilitarista e de potencial bem passível de consumo e lucro. Com a globalização o mundo, perde-se o contexto do Estado e prepondera-se o das corporações em torno dos lucros centralizados e desiguais. O desequilíbrio entre países ricos, em desenvolvimento e os pobres conduz a uma correria em torno da extração dos recursos naturais de modo voraz e com controle duvidoso. Os países mais ricos devastaram o seu ambiente e se colocam na posição de mais fortes. No entanto, os menos ricos almejam esse mesmo *status* e não titubeiam em comprometer as suas riquezas ambientais em prol de um estilo de vida artificial e cada vez mais individualizado e autocentrado.

Ainda nesse momento, o autor, ainda que superficialmente, faz uma análise sobre o sistema Terra e seu processo de desequilíbrio e adoecimento, manifestado pelos diversos eventos naturais que aumentaram em quantidade e intensidade, de modo geral. O autor sinaliza se já não cruzamos o limiar possível de retorno a um estágio de equilíbrio. Se essa era a preocupação dele em 2010,

imagine hoje, uma vez que as medidas adotadas pelos países para reduzir a intensidade da crise ainda são muito incipientes.

Como um estudioso da área jurídica, ele avança sobre a questão sobre o aspecto legal constitucional, seus avanços e retrocessos e a necessidade de se constituir um Estado Ecológico, que deve ser edificado com base em novas premissas que não se atenha apenas na questão conservacionista e protecionista de territórios, mas que avance para a convivência do humano junto à natureza sem espoliação.

Em seguida, ele trata de um dos bens mais preciosos do planeta, a água. Nessa medida, para além da má distribuição dos recursos hídricos, ele chama a atenção sobre o processo de degradação e poluição das fontes devido ao processo produtivo que compromete mananciais de larga escala, como o Aquífero Guarani. A partir desse ponto, fica notória a preocupação com a soberania do país frente a grandes reservatórios de ciclo da água que regulam o clima em várias regiões, como a Amazônia e o cerrado. Aqui, torna-se necessário o olhar em larga escala do sistema político e jurídico, assim como da cultura individual do consumo e desperdício. Outro autor, Leonardo Boff, no livro *Saber Cuidar*, aponta para a necessidade de o ser humano olhar para o ambiente sob a dimensão do cuidado. Sem o olhar do cuidado sobre tudo o que nos cerca, não é possível imaginar a dimensão da mudança de comportamento, de atitude e das decisões de caráter coletivo para enfrentar a crise ambiental e social atual. Boff aponta para a necessidade de mudança de paradigma social, de organização de sociedade, corroborando o que Nalini enfatiza em seu livro.

Em seguida, o autor destaca, em diversos capítulos, temas como a flora, com destaque para os biomas e seu papel como regulador de carbono e do clima; a soberania do Brasil sobre a Amazônia e as investidas internacionais sobre a região; a biopirataria e a ausência de uma legislação e controle eficientes quanto a esse aspecto; o sistemático descumprimento da lei quanto à preservação da flora e fauna, assim como do seu contrabando, comprometendo as populações nativas ao explorá-las a partir do viés econômico. É ressaltado o aspecto do manejo eficiente dos biomas, da legislação de proteção e comercialização e o envolvimento dos povos da floresta nesse contexto, sem a visão focada no ambientalismo de resultados, como se a natureza fosse apenas um bem à serviço dos humanos.

Destacam-se a caça e o tráfico de animais, levando à extinção de uma série de espécies e, com o comprometimento dos sistemas ecológicos, a perda de espécies que nem sequer foram catalogadas ou conhecidas, perdendo um patrimônio precioso para a vida como um todo, sem contar com potências e benefícios como cura de enfermidades, a partir dessas espécies perdidas.

É dada ênfase aos transgênicos e seus efeitos desconhecidos a longo prazo para o consumo humano, assim como a massificação e imposição de um único componente genético, limitando o processo natural de adaptação constituído através de milhares de anos. Denuncia os inúmeros riscos não revelados, assim como uma legislação é imprecisa quanto ao seu uso e às margens de segurança. Alerta para como certos discursos, como “os transgênicos matarão a fome do mundo”, podem vir a se tornar apenas uma retórica, uma vez que as produções agrícolas estejam pautadas pelo viés do lucro econômico.

Questões como a poluição, em seus diversos aspectos, são abordados mais rapidamente e destaca-se a questão dos resíduos sólidos e as características da atual sociedade e de seu sistema produtivo. Não só ele alerta sobre a gravidade desse problema, como ressalta a necessidade de o indivíduo, enquanto cidadão, iniciar o exemplo na sua relação para com os resíduos, a partir de dentro de casa.

Mais à frente, o livro aborda a questão do desenvolvimento sustentável, seu paradoxo e incoerências, a partir do limite ecológico da economia. Destaca a ideia ética da sustentabilidade, a crítica em relação às políticas sustentáveis adotadas pelos Estados, o Plano Brasileiro para sustentabilidade e sua fragilidade e a deterioração desse tema a partir da Eco-92. O autor propõe uma estratégia ética para a cidadania, apoiada na sua relação socioambiental.

Avançando sobre a relação da ética sobre o território e sua ocupação, o autor destaca a ética de um ambiente artificial nas cidades, o processo de urbanização caótico, a função social da propriedade, a especulação e a concentração da propriedade, assim como o ambiente hostil que leva a um comportamento de desagrado, desamor e deterioração do espaço urbano.

Por fim, faz breves considerações sobre a questão do envolvimento da cultura nesse processo, levando tanto à acentuação da degradação, quanto aos movimentos conscientes de exercício da arte e da cultura em prol de um comportamento mais crítico, reflexivo e de respeito a todas as formas de vida.

O último capítulo é um importante passeio sobre o que está acessível ao cidadão, o que ele pode mudar e como participar dos processos de mudança em curso, a partir de iniciativas da sociedade civil organizada e terceiro setor. Nesse momento, o autor apresenta uma visão mais otimista ao leitor, mostrando que existem inúmeras iniciativas positivas em curso, apesar da destruição ainda hegemônica.

E, finalmente, conclui, propondo uma nova ética globalizada, destacando que é possível reagir e reverter o processo em curso.

Destaco que o livro é de 2010 e, portanto, deve ser atualizado à luz dos eventos atuais, como a crise econômica que assola os países e suas graves crises de representatividade política, especialmente no Brasil, inclusive com importantes retrocessos recentes na legislação ambiental.

REFERÊNCIA

NALINI, José Renato. **Ética ambiental**. 3ª edição. Campinas: Millennium Editora, 2010.



Eternamente, João

Forever, João

Para siempre, João

Maria Regina Bortolini de Castro

FMP/FASE

Petrópolis, RJ, Brasil

reginabortolini@fmpfase.edu.br

Em 1º de abril de 1959 (não é mentira, não!), filho de seu Jayme e Dona Norma, nasce o carioca João Carlos de Miranda. Passou a infância aprontando em Laranjeiras com seus quatro irmãos. Adorava a natureza, passava dias acampando na Floresta da Tijuca com amigos. Tricolor, compartilhava sua paixão pelo time com o avô nadador, muitas vezes medalhista pelo clube.

João.

Seu espírito ecológico o levou aos estudos sobre as questões ambientais... Fez Biologia, mas não lhe bastou e foi fazer mestrado em Geografia... E como queria mais, foi trabalhar no interior... conhecer o Brasil... De volta, veio para Petrópolis. Queria fazer a diferença, e por seis anos o Projeto Marco Zero, um estudo das condições de vida e saúde de Petrópolis... Não sossegava, estava sempre querendo fazer mais...

Era assim, inquieto.

Como professor, era encantador. Tinha um charme que desenvolveu porque, segundo ele, era o necessário para “homens franzinos como eu”. Galanteador, suas aulas eram cheias de debates polêmicos, furor pedagógico, competência erudita. Inúmeras vezes homenageado, seus alunos não o esqueciam. Vivia rodeado de “pirralhos” bebendo da sua luz.

Um professor comprometido.

Era um homem de ideias e compromisso ético. Coisa rara hoje em dia, mas ainda de muito valor. Quem somos nós se não temos compromissos com certos valores, princípios, que costuram nossas práticas, dão sentidos a nossas vidas? Ninguém tinha dúvidas sobre como a ética era importante para o João. E como sua ética era a ética do ser humano, não era a ética do lucro a qualquer preço, do individualismo e da competitividade.

Um homem que honrava o compromisso da palavra.

João prezava pelo trabalho colaborativo. Tinha uma habilidade única de reunir pessoas com diferentes ideias, perspectivas e posições, e pô-las em diálogo. Mesmo em situações de conflito, era capaz de encontrar uma solução de consenso. E se o consenso fosse mínimo, buscava alternativas. Depois que abraçava um projeto, não desistia nunca. Por vezes, podia precisar de um fôlego (era humano, afinal). Mas a mera dúvida de uma aluna, palavra de um amigo ou a lembrança de um ente querido era suficiente para lhe recarregar as forças.

Um ser humano generoso.

Tratava a todos como iguais (claro que tinha um apreço especial pelo gênero feminino; dizia que a mulher era a melhor criação de Deus, se ele existisse). Tinha sempre um sorriso, uma gargalhada gostosa, um abraço confortante a oferecer.

João era uma estrela a nos iluminar com sua alegria e energia. Uma luz vibrante que deixou rastro e hoje ainda ilumina nossos corações.

*É bom saber
Que és parte de mim
Assim como és
Parte das manhãs*

FMP: uma escolha para a vida*FMP: a choice for life**FMP: una opción para la vida***Paulo Cesar Guimarães¹**

FMP

Petrópolis, RJ, Brasil

paulocesar@fmpfase.edu.br

O meu carinho pela Faculdade de Medicina de Petrópolis é imenso. São 40 anos como professor e mais seis como aluno. É toda uma vida na FMP, que acaba de completar 50 anos. Cheguei aqui extremamente jovem e vivenciei muitos momentos.

A minha ligação com a Faculdade de Medicina de Petrópolis estava predestinada. Nascido e criado na Tijuca, um bairro à época burguês, no Rio de Janeiro, sempre fui apaixonado pela cidade de Petrópolis, sentimento esse alimentado também por meus pais que viam o município como um paraíso na Região Serrana do Estado. Desde então, visitas a esta cidade belíssima eram frequentes, inclusive uma de minhas tias tinha um apartamento no antigo Hotel Quitandinha.

Após concluir o antigo científico, hoje ensino médio, no Colégio Pedro II (que era considerado o colégio padrão do Brasil) e prestar vestibular para a UFRJ, fiquei excedente e fui enviado para a Universidade Federal da Bahia UFBA. Posteriormente, fiz outro vestibular para a recém fundada Faculdade de Medicina de Petrópolis e passei. Então, relembrei a minha infância e optei pela FMP. Meus pais ficaram eufóricos. Era mais um motivo para visitarem a encantadora Cidade Imperial. Contudo, meu pai, que era contador, nunca foi à faculdade, na época localizada na Estrada da Saudade, no distrito de Cascatinha. Minha mãe, professora, somente foi ao campus duas vezes: quando eu passei no vestibular e em uma ocasião em que sofri um acidente e fiquei imobilizado, então ela me levou de carro à Faculdade para fazer uma prova. Eles queriam que eu fosse totalmente independente.

Um fato interessante aconteceu anteriormente. Quando vim conhecer a Faculdade de Medicina de Petrópolis, na época em que eu ainda estava fazendo cursinho de vestibular, visitei o campus com uma vizinha e seu pai, que tinha um LTD da Ford, um carro enorme para trafegar na Estrada da Saudade e dividir a estreita estrada com ônibus e caminhões, sobretudo sem saber a exata localização da faculdade. Almoçamos no centro da cidade, pegamos algumas informações e fomos em direção ao bairro. Durante todo o percurso, paramos várias vezes para pedir informações aos

¹ Médico pediatra e infectologista pediatra. Egresso, professor e diretor da Faculdade de Medicina de Petrópolis.

moradores, que indicavam estarmos no caminho certo. Por fim, o percurso foi tão tumultuado que o pai de minha vizinha, por achar que a faculdade estava localizada muito distante do centro, não permitiu que a filha prestasse o vestibular. Eu fiz a prova posteriormente, passei e fiquei muito feliz. A minha querida vizinha, que seguiu a “ordem” do pai, se arrependeu profundamente.

Vindo de uma família de classe média, meus pais não tinham condições de alugar um apartamento que, junto com a mensalidade do curso de Medicina, ficaria inviável. A sorte é que eu era filho único, com 17 para 18 anos de idade, então, a princípio, foi possível ficar em uma “república”. Era uma casa muito antiga, que funcionava como uma pensão, pois a dona da residência continuava morando lá. Éramos nove estudantes, do primeiro e do segundo ano da FMP. Cada quarto com dois alunos. Essa experiência foi um divisor de águas para mim, que estava acostumado com meu próprio quarto, meu armário, as refeições nas horas certas e o ambiente organizado, o que mantenho até hoje. Mas é muito difícil manter isso dentro de uma “república”, com outros jovens.

Descobri, assim, que existia outro mundo e senti que eu devia passar por isso, conviver com outras pessoas que não pensavam da mesma forma que eu. Não havia um espaço meu. Até o lanche era compartilhado, e as roupas... Não era raro um colega passar por mim na rua vestindo um de meus casacos. Então eu passei a aplicar o mesmo método. Muitos anos se passaram, perdi contato com alguns, mas de outros ainda tenho notícias e estes são excelentes médicos, muito bem colocados profissionalmente. Como o Egberto Manoel Guimarães da Costa, um dos maiores anesthesiologistas do Rio de Janeiro, que acabei de encontrar na última “Reunião de Turma”, na cidade de Tiradentes, MG.

O meu primeiro ano na FMP foi excelente. Eu sempre gostei de estudar e aqui eu precisava estudar muito. Talvez tenha sido o ano que eu mais estudei, pois todo o conteúdo era extremamente novo para mim: Histologia, Fisiologia, Bioquímica, Biofísica... Eu nunca havia estudado nada parecido antes. E, como a faculdade era autorizada, mas não reconhecida pelo MEC, o grau de exigência era maior. Os professores, com raríssimas exceções, eram muito exigentes, como o professor Antônio de Souza Queirós, da disciplina de Anatomia, que foi marcante para mim pela sua capacidade profissional e pelo seu senso de justiça. Também vale destacar os professores Orlando Sattamini Duarte, que era uma sumidade em Neuroanatomia, o professor Agnesi, de Histologia, militar e por isso disciplinador e muito exigente, e o professor Aderbal Sabrá, de Biofísica.

O corpo docente era muito bom. No quarto ano do curso, tive a oportunidade de aprender com os mestres Eduardo Vilhena Leite e Antonio Luiz Chaves Gonçalves, este que leciona até hoje na FMP e é o professor titular de DIP, disciplina a qual eu leciono.

Lembro que o professor Arthur de Sá Earp Neto ia muitas vezes a Brasília, verificar como estava a situação da FMP. Ele era uma pessoa muito voltada para a faculdade e também muito presente. Era nosso professor de Deontologia Médica e exigia, ao entrar na sala, que todos se levantassem. Ele só dava aula de terno, era muito inteligente, culto e com metas bem amplas para a nossa instituição. Na época, ele só conseguiu o prédio da Estrada da Saudade, que seria uma maternidade e foi cedido pela própria comunidade local para a sede da FMP.

O professor Arthur tinha como uma de suas metas tornar a cidade de Petrópolis uma Cidade Universitária, projeto que a sua filha Maria Isabel de Sá Earp de Resende Chaves, supervisora geral da FMP/Fase, pretende realizar.

Após dois anos vivendo na “república”, voltei a morar no Rio de Janeiro e passei a vir para a faculdade de carona com um colega de classe que morava perto de minha casa, mas na maioria das vezes eu subia e descia a serra de ônibus. A rodoviária ficava relativamente perto da minha casa na Tijuca e o trânsito não era tão intenso como o de hoje. Dessa forma, eu chegava muito cedo na faculdade. Voltar a morar no Rio era mais barato do que residir em Petrópolis.

A FMP era pequena – só existiam duas salas, G1 e G2 – o acesso era por uma escada que descia até a portaria principal, brincávamos que a faculdade estava situada a 800m acima do nível do mar e a 20m abaixo do nível da rua. Depois houve uma boa reforma, melhorou bastante, mas ainda era muito pequena. Apesar disso, a faculdade proporcionava que nós estudássemos muito. A biblioteca era relativamente modesta, depois foi aumentando, mas as condições básicas para estudar existiam, inegavelmente. Tínhamos um microscópio para cada aluno, cada um tinha sua caixinha de lâminas e podíamos estudar a hora que quiséssemos para a prova.

Os obstáculos só serviram como estímulo e o meu grupo também era muito bom, nos dávamos muito bem. Tive colegas de turma vindos de vários estados brasileiros, como Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina, assim como ocorre até hoje. Nós estudávamos na “república”, mas como sempre estava cheia de pessoas, dificultava o estudo. Então eu saía à noite, no inverno petropolitano, que à época era muito mais rigoroso do que o de hoje, para dissecar peças anatômicas e me preparar para as provas de anatomia.

Quando eu me formei, em 1975, cinco meses depois houve uma prova nacional para o antigo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS – posteriormente absorvido pelo Ministério da Saúde) e eu passei em primeiro lugar no concurso com apenas três vagas para a Região Serrana, com os conhecimentos adquiridos na FMP. O número de candidatos era imenso. Com a minha nota, eu poderia optar por qualquer lugar no Brasil.

O DASE foi criado naquela época. A sede existia na própria Estrada da Saudade. Eu participava do Diretório não com um cargo, mas como ouvinte em reuniões científicas. Não havia ligas acadêmicas como hoje, nem outras formas de movimentação estudantil, pois a repressão do regime militar era muito grande. A participação estudantil se dava através do Diretório Acadêmico. Um ponto importante: quando eu era aluno do Colégio Pedro II, que era uma escola extremamente politizada, participei de várias passeatas contestatórias à política da época.

No 4º ano do curso de Medicina, tornei-me monitor de DIP – Departamento de Doenças Infecciosas e Parasitárias –, o primeiro serviço da FMP em convênio com a PMP, onde posteriormente exerci meu Internato. O primeiro plantão que existiu no DIP foi dado por mim. Na época, o DIP ficava localizado em um prédio muito antigo (posteriormente reformado). Neste plantão citado, eu dormi em um colchão no chão, com um lençol e uma coberta e no porão havia muito entulho, que atraía roedores. Eu brinco que em meu primeiro plantão estávamos eu, uma auxiliar de enfermagem e um rato! No início, era um plantão por semana. Começamos com 14 monitores, mas depois restaram somente três: eu, a Maria das Graças Jordão Hertz e o Marco Antônio Andrade de Souza. Então, quase todo dia tínhamos um plantão. Quando o Hospital do DIP, na área do Hospital Municipal Nelson de Sá Earp (HMNSE), foi erguido pela Prefeitura, a parte acadêmica do DIP – as salas de aula, o anfiteatro e ambulatorios foram construídos pela FMP. Mas, quando a estrutura ficou totalmente pronta, eu já havia me formado.

A parceria pública/privada sempre foi extremamente importante entre a FMP e posteriormente entre a FMP/Fase e a Secretaria de Saúde de Petrópolis.

A FMP/Fase além dos professores e preceptores que lá trabalham, participou das obras realizadas no Hospital de Ensino Alcides Carneiro, do Hospital Nelson de Sá Earp e dos postos de Saúde da Família. Os alunos são obrigados por lei a terem a sua formação prática em hospitais e ambulatorios públicos para adquirirem uma visão mais realista da população carente.

Fiquei quase três anos afastado da faculdade para cursar Residência em Pediatria no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, da UFRJ. Naquela época, a FMP ainda não oferecia programas de Residência. Como eu tinha sido monitor de DIP em Petrópolis, os casos de infectologia pediátrica, principalmente doenças exantemáticas, meningite, difteria etc do IPPMG/UFRJ, começaram a ser encaminhados para mim. Eu tinha três anos de experiência com a supervisão do Dr. Antonio Luiz Chaves Gonçalves e do Dr. Samuel Kierzembaum, que também me auxiliou na área de Pediatria. Desde então, passei a ter uma ligação muito grande com a infectologia pediátrica. No final da Residência, passei a trabalhar na Saúde Escolar do Município do Rio de Janeiro e fazia cursos de reciclagem.

O retorno para Petrópolis foi através do concurso do INAMPS, citado anteriormente. Por ter sido o primeiro concurso público para médicos na área de saúde no Brasil, fui chamado somente um ano depois da classificação para trabalhar como médico pediatra em ambulatório. Na época, o salário era relativamente bom. Como eu já atuava na Saúde Escolar do município do Rio de Janeiro e na urgência do Hospital Municipal Nelson de Sá Earp e não podia, por lei, ter três vínculos públicos, assim como é ainda hoje, pedi demissão do vínculo público do Rio de Janeiro.

De volta à cidade querida, em 1977 fui convidado pelo médico e professor titular do DIP Eduardo Vilhena Leite, com autorização do Dr. Arthur de Sá Earp Neto, pai da atual diretora da Fase e supervisora geral da FMP/Fase, professora Maria Isabel de Sá Earp de Resende Chaves, a assumir o cargo de professor auxiliar de ensino, dando aulas na faculdade e recebendo os alunos no DIP. Desde então, já são 40 anos de magistério, período no qual fui homenageado 26 vezes em formaturas do curso de Medicina. Posteriormente, terminei o mestrado em Filosofia da Educação e, em seguida, em Educação Geral (ambos realizados na UCP, onde eu era professor adjunto). Este último mestrado originou a tese: “A Importância do Ensino de Infectologia Pediátrica na Formação do Médico”, pesquisa esta que faz parte do acervo da Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM). Após o referido período, galguei a vaga para professor assistente na FMP, cargo que ocupo até hoje, além de diretor.

Acompanhei as obras do campus novo e sua inauguração na Avenida Barão do Rio Branco, a poucos minutos do Centro Histórico de Petrópolis. A professora Isabel e o Dr., Afonso de Resende Chaves, seu esposo e diretor financeiro da instituição, convidavam periodicamente os professores para visitarem as obras. Eu vinha sempre. Este terreno não foi o primeiro a ser visto. O professor Arthur já nutria a ideia de transferir a faculdade para um lugar maior. Uma destas casas que compõem o campus pertencia ao pai de um ex-aluno que facilitou a venda. Depois disso, outras casas foram sendo compradas.

A faculdade cresceu muito em um espaço de tempo relativamente curto. Na atual conjuntura, enquanto outras faculdades, principalmente no estado do RJ, estão atravessando um momento crítico, diminuindo seu campus, nós aumentamos o nosso. Não há uma pessoa que venha aqui e não fique encantada com nosso campus belíssimo, inserido na Mata Atlântica. Petrópolis é uma cidade que atrai, tem todo um *glamour* de Cidade Imperial e a faculdade acompanhou esse *status*. Ex-alunos quando vêm visitar o campus, uma vez que a maioria só tenha conhecido o prédio na Estrada da Saudade, fazem várias fotos, trazem as esposas ou os maridos, os filhos e mostram em fotografias como era e como está hoje. Para nós, egressos, é maravilhoso acompanhar todo esse progresso da FMP.

O convite para assumir a direção da Faculdade de Medicina de Petrópolis veio quando eu era vice-presidente da Unimed Petrópolis, em 2010, na chapa que tinha como presidente o Dr. José Carlos Sant'Anna de Araújo. Recebi uma ligação de Jaqueline, secretária da supervisora geral da FMP/Fase, professora Maria Isabel – a essa altura, Dr. Arthur já havia falecido – para comparecer a uma reunião na faculdade naquele mesmo dia. Mas, na época eu atendia quase 300 pacientes pediátricos por mês. Com o consultório cheio, precisei remarcar o compromisso. Compareci à faculdade naquela mesma semana, achando, sinceramente, se tratar de uma reunião administrativa, pois muitas vezes representava o Dr. Antônio Luiz Chaves Gonçalves titular do DIP.

Foi quando a professora Maria Isabel me fez o convite: “Paulo Cesar, eu gostaria que você fosse diretor da Faculdade de Medicina de Petrópolis”. Foi um choque para mim, um susto. Eu fiquei encantado com o pedido, mas por outro lado eu precisaria renunciar ao cargo para o qual eu havia sido reeleito para um período de 4 a 5 anos. Antes de dar qualquer resposta, liguei para o Dr. José Carlos no dia seguinte. Mas tive muitas dúvidas. Apesar de ter mestrados em Educação e um MBA em Gerência de Saúde pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), nunca havia ocupado um cargo aqui na faculdade como administrador. Passei alguns dias de estresse. Maria Isabel marcou uma outra reunião, quando fiz ponderações, pois não poderia assumir imediatamente.

Era impossível ocupar os dois cargos (Unimed e FMP). Já estava começando a diminuir o número de pacientes no consultório; pela manhã eu dava aula teórica ou fazia rounds com os alunos e posteriormente ia para a Unimed. Foi um período de noites mal dormidas, mas eu tinha que decidir. Até que aconteceu um fato interessantíssimo. Liguei para minha prima Maria Graziela Maia Godinho, para lhe desejar feliz aniversário, e comentei sobre esse fato, uma vez que ela era professora titular de três faculdades no Rio de Janeiro, mas não ligadas à área de saúde. Eu disse que estava com muitas dúvidas e ela deu o xeque-mate: “É a coroação de um processo. Se você não aceitar, vai se arrepender profundamente”. Era a visão de uma pessoa experiente e a opinião que faltava para eu tomar a minha decisão. Tratava-se da faculdade onde havia me formado e onde lecionava. Na terceira reunião com Isabel, acertamos tudo.

No momento, faço parte da Diretoria da Sociedade Brasileira de Pediatria, coordenando simpósios e congressos da SBP; participei por seis anos do Departamento de Infectologia também da SBP, quando, com outros colegas de várias faculdades do Brasil, representei o nosso país em várias nações. Sou membro da Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro, onde faço parte do Comitê de Infectologia há 16 anos, e coordenador das Regionais da SOPERJ há mais de 10 anos.

Eu sempre me orgulhei profundamente de ser um ex-aluno da FMP, instituição que está progredindo a olhos vistos. Tenho dois casacos que foram dados como presente pela Associação Atlética Medicina

Petrópolis, que visto nos congressos ou importantes viagens no exterior. O nome da FMP já circulou comigo em lugares como Nice, na França; Leipzig, na Alemanha; Graz, na Áustria; São Petersburgo, na Rússia; Buenos Aires, na Argentina; Atenas, na Grécia, entre outros países.

Num país como o Brasil é muito difícil fazer um prognóstico a longo prazo e estamos passando por um momento muito difícil, mas espero que melhore. Penso que temos que ver os fatos com bons olhos, principalmente nós, professores universitários, pois um professor que lida com o jovem dentro de um pessimismo total não vê o amanhã, não prepara esse jovem para dias melhores. Eu acho que vamos ter dias melhores.

As faculdades privadas estão alcançando um patamar muito grande, como aconteceu com o ensino fundamental e o ensino médio, até pela facilidade da sua administração, que é mais pragmática. Antigamente, os cursos primário, ginásio e científico oferecidos pela instância pública eram considerados os melhores; hoje, infelizmente, não são mais. Acho que tanto a FMP, quanto a Fase, com seus cursos de Enfermagem, Nutrição, Administração, Psicologia, Odontologia, Tecnólogos, pós-graduação e extensão estão ganhando esse espaço. Nós temos alunos e professores maravilhosos aqui. Então, acho que devemos galgar uma posição ainda melhor nos próximos anos.

Já formamos mais de quatro mil médicos que estão exercendo de forma assistencial e também de forma acadêmica essa belíssima profissão que é a Medicina, em várias partes do Brasil e do mundo. Recentemente, convidamos membros da Academia Brasileira de Medicina para um encontro científico em celebração ao Jubileu de Ouro da FMP e também muitos ex-alunos com mestrado, doutorado e pós-doutorado, como a colega Leila Chimelli, de gabarito fantástico, atuando em patologia oncológica na Fiocruz, e Maurício Younes Ibrahim, nefrologista e professor da Uerj, ambos candidatos à Academia Nacional de Medicina. O grande idealizador do evento foi o acadêmico Claudio Ribeiro, também um ex-aluno.

É só olhar o passado e o presente. O futuro está muito alicerçado no ontem e no hoje. Eu acredito muito nas empresas que começam pequenas e vão melhorando. Já está mais do que provado que se deve investir em uma empresa quando ela está em ascensão. Estamos criando um novo edifício para salas de aula, um ginásio poliesportivo, uma piscina semiolímpica, mais um prédio no terreno do Ambulatório Escola, climatizando as salas, entre outros investimentos. O futuro é promissor.

Sinto-me muito honrado por ter participado dessa história, primeiramente como aluno e, posteriormente, como professor e agora como diretor. É uma história muito bonita. Acho que dei uma pequena contribuição e a Faculdade de Medicina de Petrópolis, com a dedicação dos seus dirigentes, do seu corpo docente, discente e colaboradores será a cada dia, a cada mês e a cada ano uma faculdade melhor, honrando a cidade de Petrópolis, o Estado do Rio de Janeiro e o Brasil.

Movimento dos Estudantes de Medicina no Brasil

The movement of medical students in Brazil and in the Faculty of Medicine of Petrópolis

El movimiento de los estudiantes de medicina en Brasil y en la Facultad de Medicina de Petrópolis

Rafaela Bezerra Lima

FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

rafaelablma@hotmail.com

O movimento estudantil historicamente desempenha um papel de extrema importância na luta por transformações sociais e pela melhoria da educação no Brasil. E na medicina não é diferente. Fazer um resgate histórico da nossa luta nos ajudam a compreender quem somos e, quem sabe, entender também para onde vamos.

A primeira faculdade de medicina no Brasil foi fundada em 1808, na Bahia. Porém, a disseminação das escolas médicas no país só se deu em meados do século XX. O movimento estudantil organizado, no entanto, nasce com a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros, em 1901, e com a realização do I Congresso Nacional de Estudantes, em São Paulo, em 1910. Entretanto, acompanhando o crescimento do ensino superior no país nas primeiras décadas do século, a “diversidade de opiniões e propostas crescia, assim como o desejo de todos em formar uma única entidade representativa, forte e legítima, para promover a defesa da qualidade de ensino, do patrimônio nacional e da justiça social”¹.

Apesar de muitas tentativas, desde o início do século XX, de se organizar um Movimento Estudantil nacionalmente, apenas em 1937, com a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), nasceu uma entidade estudantil que possuía um eco em todo o país. Em termos locais, as faculdades se organizavam a partir de centros e diretórios acadêmicos.

Em diferentes níveis, os estudantes debatiam os problemas nacionais, defendiam mudanças sociais profundas e lutavam por uma reforma da universidade. Em meio à tensão crescente entre os movimentos sociais e os grupos conservadores da sociedade, nos anos 60, em meio à forte repressão no contexto do regime militar, realizou-se, em 1969, o Encontro Científico dos Estudantes de Medicina (ECEM), importante espaço em nível nacional de discussão política sobre mudanças sociais em curso. O nome dado ao evento foi propositalmente escolhido como *encontro científico* para burlar a ditadura, que criminalizava qualquer organização política na época. Marco para a organização dos estudantes de medicina, o evento continua existindo anualmente, até os dias atuais.

¹ <https://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>

Anos depois, no contexto da redemocratização do país, em 1986, ocorreu a Oitava Conferência Nacional de Saúde. Influenciada pelo movimento da reforma sanitária e com grande participação popular, a oitava conferência foi um marco histórico na luta pela universalização da saúde no Brasil e culminou na criação do Sistema Único de Saúde, legitimado pela constituição de 1988. Neste cenário, destaca-se a importância do movimento estudantil de medicina na luta pela redemocratização e na criação do SUS, fincando bandeiras na luta por educação e saúde 100% públicas, gratuitas e de qualidade. Neste mesmo ano, durante o XVII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina, é fundada a Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), entidade representativa dos estudantes de medicina, que surgiu da necessidade dos estudantes, que já se organizavam, de terem sua participação política ampliada.

Nas décadas seguintes, a luta pela consolidação do SUS se intensificou e o panorama das escolas médicas no Brasil se modificou significativamente. Segundo dados do Conselho Federal de Medicina, só nos últimos 20 anos o número de faculdades de medicina no Brasil triplicou. Essa expansão se deu, em sua maioria, através do setor privado, o que vem representando um projeto político de desmonte da educação pública no país. Diante dessa conjuntura, o movimento estudantil de medicina inclui em suas pautas a luta contra a mercantilização da saúde e da educação.

As faculdades privadas, que hoje são maioria no Brasil, passam a se destacar neste debate, que problematiza questões como regulamentação das escolas médicas, mensalidades abusivas, gestão dos hospitais universitários, Fies, Prouni, dentre outras políticas de assistência e permanência estudantil, o que alerta para o questionamento sobre a qualidade do ensino e dos profissionais médicos que estão sendo formados.

Para além, hoje o movimento estudantil pauta-se cada vez mais por questões como opressões e exclusões, dando voz e impulsionando os movimentos feminista, negro, LGBT e outras mobilizações sociais dentro das universidades. Dessa forma, traz à luz a reflexão sobre quem está acessando a universidade no Brasil. A barreira de seleção, que começa no vestibular, com o mito da meritocracia, a insuficiência do sistema de políticas afirmativas como cotas e bolsas junto a altas mensalidades das universidades privadas e a grande concorrência das universidades públicas seleciona o perfil socioeconômico e cultural de quem é o estudante de medicina no Brasil hoje: maioria branca, de classe média e oriundos do sistema privado de educação básica. Essa barreira que a grande maioria da população enfrenta no acesso ao ensino superior compromete uma formação médica plural, crítica, socialmente referenciada e voltada às necessidades da maioria da população brasileira.

MOVIMENTO DOS ESTUDANTES NA FACULDADE DE MEDICINA DE PETRÓPOLIS

Em 1975, estudantes de medicina se reuniam na cidade de Petrópolis para discutir política, saúde, educação no VII ECEM. Embora não se tenha encontrado registros sobre as origens da organização dos estudantes na Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP), certamente a realização desse evento na sede da instituição denota a força do movimento local desde então.

Hoje, o Diretório Acadêmico Sá Earp (DASE), como um órgão representativo dos estudantes, atua para muito além das funções burocráticas, ainda que elas também sejam necessárias. Entendemos que as demandas internas são importantes, mas elas sempre continuarão a existir enquanto não nos inserirmos como participantes ativos da construção da nossa faculdade, e não como meros “clientes” que consomem o “produto” que nos é oferecido.

Assim sendo, nos últimos anos, o DASE tem desenvolvido diversas atividades que dialogam com essa percepção de universidade. Construímos uma gestão horizontal, aberta e ativa. Promovemos, com o apoio da faculdade, as primeiras recepções aos novos ingressantes da medicina, com diversas palestras, oficinas teóricas e práticas, aumentando a integração entre os alunos de forma saudável. Achamos importante também, a inserção dos alunos no processo de reforma curricular, aprofundando nossos debates acerca da educação médica. Também nos juntamos à luta de outras universidades através do movimento estudantil, exercendo ativa participação na construção da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM).

Dentro de todo esse contexto, reafirmamos quão necessário é inserir-se na realidade para além dos muros da universidade, a fim de compreender, questionar e transformar a sociedade em que vivemos, defendendo sempre uma formação crítica e emancipatória.

Na atual conjuntura política, em que está em curso uma agenda brutal de retirada de direitos, a luta estudantil torna-se cada vez mais indispensável. Entendendo saúde para além da ausência de doença, na perspectiva ampla da determinação social, podemos dizer que lutar contra os retrocessos como a reforma da previdência e a reforma trabalhista é lutar também pela saúde da população brasileira. Cabe também ao movimento estudantil lutar contra as opressões em favor das minorias, como mulheres, negros e LGBTQI+, a fim de que tais grupos deixem de ser invisibilizados e tenham voz na construção e efetividade de políticas públicas de saúde voltadas para suas especificidades.

Para tanto, é preciso se organizar e quebrar os muros da universidade, seja através dos centros e diretórios acadêmicos, projetos de extensão, ligas, coletivos, movimentos sociais.

Sonhar e lutar com outro projeto de sociedade é trazer de volta a esperança de que dias melhores virão, e cabe à juventude, mais do que nunca, alimentar esse sonho.

VII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina do Brasil: Breves Anotações de Pesquisa Sobre um Evento na Época da Ditadura Militar, Realizado em Petrópolis, em 1975



VII SCIENTIFIC MEETING OF STUDENTS OF MEDICINE OF BRAZIL: brief notes of research on an event at the time of the military dictatorship, held in Petrópolis, 1975

VII ENCUENTRO CIENTÍFICO DE LOS ESTUDIANTES DE MEDICINA DEL BRASIL: breves anotaciones de investigación sobre un evento en la época de la dictadura militar, realizado en Petrópolis, en 1975

Eduardo Navarro Stotz

Fiocruz/FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

eduardostotz@gmail.com

Em levantamento de pesquisa procedida por membros da Comissão Municipal da Verdade de Petrópolis em 6 de março de 2016 no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) sobre o tema “Movimento estudantil” e o termo de busca “Universidade Católica de Petrópolis”, foram encontrados diversos documentos relativos ao VII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina do Brasil, realizado sob os auspícios da Faculdade de Medicina de Petrópolis, denominado VII ECEM-Brasil, e instalado no Santapaula Quitandinha Clube, de 13 a 20 de julho de 1975.

Os documentos estão organizados por meio do Encaminhamento 062, da Seção de Buscas Especiais da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, datada de 29 de julho de 1975, o qual inclui um relatório “decorrente da observação por parte dos integrantes desta seção, em colaboração junto à 32ª BI/MTz”. Fazem parte desse dossiê os documentos: Estatutos e Regimento Geral do evento; “Poucas palavras”, escritas pelo acadêmico Rubens Apoitia a propósito do supracitado estatuto; croquis do centro da cidade de Petrópolis com as vias públicas de acesso; “Do VII ECEM-Brasil”, datado de 19 de julho de 1975, escrito pela delegação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina de Vitória (ES); “Boletim ‘Da necessidade e importância do VII ECEM-Brasil’”, assinado pelos Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Medicina de Petrópolis e Teresópolis; “III Encontro de Escolas Médicas do Estado de São Paulo – relatório final”, com informações a respeito das perspectivas atuais do mercado de trabalho; e “Programação Científico-Social do VII ECEM-Brasil”.

É importante observar que o nome do evento “encontro científico” tem por objetivo descaracterizar qualquer intenção política, sendo uma imposição do Ministério da Educação, quer dizer, de sua Divisão de Segurança e Informações. Note-se também a exigência da elaboração de Estatuto e Regimento.

A despolitização pretendida pelas autoridades é, contudo, posta em questão pelos estudantes.

Assim, os estudantes de Vitória fazem críticas à organização do evento no qual apontam a anarquia reinante e as divisões políticas sectárias, ressaltando, em contrapartida, a infra-estrutura de recepção dos estudantes, o bom nível dos debates e dos cursos paralelos, assim como a importância dos grupos de discussão. Destacam a necessidade de uma organização mais democrática do Encontro e de que, a par do apoio dos órgãos governamentais, os estudantes devam manter sua autonomia.

Participação política e autonomia são os temas do documento dos diretórios dos estudantes de Petrópolis e de Teresópolis. O boletim assinado pelos diretórios começa por ressaltar a necessidade de o estudante brasileiro vir a discutir os problemas da sociedade brasileira e opina não se poder “negar ao estudante o dever de participação ativa na sociedade sobre a qual vai atuar como profissional”. Critica também o divisionismo político, apela contra o “fechamento” das discussões e das votações, de modo a tirar um saldo positivo do encontro. Protesta veementemente contra a retirada da programação do ECEM do painel “Vida Universitária”. Assinala, como parte da vida universitária, as seguintes manifestações:

USP entra em greve
FMBa entra em greve
FEFIEG faz luto por causa do seu hospital
Bragança (SP) sofre intervenção federal
EMESCAM pede continuação da intervenção federal
FM Petrópolis boicota pagamento (6º. Ano)
Insatisfação geral no meio estudantil

Pergunta: “A Universidade está em crise?”

A retirada do tema aparentemente devido à ação do Ministro da Educação – que, aliás, recusa-se a participar do evento – leva à afirmação de que se removeu “um dos alicerces do evento”, despolitizando abertamente o ECEM. A alternativa é, na visão dos dois diretórios, uma discussão mais aprofundada e “mastigada” do temário científico.

Façamos, então, um parêntese para saber o conteúdo do documento sobre o temário do ECEM.

A programação científica está estruturada a contemplar mesas-redondas, temas livres científicos e cursos paralelos (Atualização em Pediatria, Parasitoses e Métodos e Sistemas de Tratamento Intensivo e Choque).

Os temas das quatro mesas foram: **O ensino médico**, organizado pelo Prof. Dr. Aloysio Salles, presidente da Associação Panamericana de Escolas Médicas, com as questões “O ensino médico e a realidade nacional de saúde”, “Qual o tipo de médico está se formando?” e “Que tipo exige a realidade nacional de saúde?”; **Currículo Médico**, coordenado pelo Prof. Dr. José de Paula Lopes Pontes (Clínica Médica da UFRJ); **Residência Médica**, com a participação do Prof. Dr. Eduardo Marcondes (Clínica Pediátrica da US) e representante da Associação Nacional de Médicos Residentes; **INPS e mercado de trabalho**, com a participação dos Profs, Drs. Hugo Batista (Secretário de Serviços

Médicos do MPAS) e Hesio Cordeiro (UERJ); Saúde Pública, subdividido nos subtemas “Desnutrição e sua consequência” e “Doenças epidêmicas – Dados epidemiológicos da Meningite”, dos quais participaram os Profs. Drs. Fernando José de Nóbrega (Pediatria de Botucatu, SP) e José da Silva Guedes Assessor Técnico da SES-SP, Prof. da Faculdade de Saúde Pública da USP e da Santa Casa de São Paulo) e “Doenças Endêmicas” e “Situação da Saúde Pública no Brasil”, com a participação dos Profs. Drs. José Rodrigues Coura (Doenças Infecciosas e Parasitárias da UFRJ) e Bichat de Almeida Rodrigues (Coordenador de Saúde do Ministério da Saúde).

Participam dos cursos paralelos os profs. Drs. Aderbal Sabrá (Clínica Pediátrica), Ottilio Leite Machado (Parasitologia) e Milton Madruga (Microbiologia e Imunologia) da Faculdade de Medicina de Petrópolis.

Não há informação a respeito dos temas científicos livres.

Fechemos o parêntese e retornemos ao documento dos diretórios acadêmicos de Petrópolis e Teresópolis. O “Boletim ‘Da necessidade e importância do VII ECEM-Brasil’ termina por esperar que a “distensão” [a política de abertura política do governo Geisel] chegasse à Universidade e permitisse o debate dos seus problemas.

Uma análise política dos documentos das entidades supõe a contextualização do movimento estudantil da época, algo fora do propósito deste relato. Uma observação precisa, contudo, ser feita quanto a impressão acerca das divisões políticas partilhada pelos estudantes que assinam aqueles documentos, deixando-a sob a forma de perguntas ao leitor(a): é possível evitá-las pelo chamamento à unidade?; as divisões parecem ser inevitáveis quando concepções políticas distintas da luta contra a ditadura estão em pauta nos debates; não é paradoxal, portanto, após criticar o divisionismo, acreditar na possibilidade da “distensão” chegar à Universidade?; ou seja, não se tem aí a aceitação de um caminho de luta, por dentro da estratégia governamental de “abertura política”, com a pretensão de alargá-lo?

Damos estas notícias do passado e fazemos estas reflexões na esperança de que venham interessar a juventude estudantil da Medicina, principalmente da FMP, de modo a incluir em sua formação a relevância dos temas então abordados.

Eduardo Stotz
Presidente da Comissão Municipal da Verdade de Petrópolis

Av. Barão do Rio Branco, 1003
Centro - Petrópolis - RJ
(24) 2244-6497

revistaintervozes@fmpfase.edu.br
www.fmpfase.edu.br